UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃOSOCIAL – JORNALISMO

Guilherme Denardin Gabbi

À SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO: UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE A MÚSICA INDEPENDENTE DE SANTA MARIA NAS DÉCADAS DE 1990 E 2010

Santa Maria, RS

2016

Guilherme Denardin Gabbi

À SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO: UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE A MÚSICA INDEPENDENTE EM SANTA MARIA NAS DÉCADAS DE 1990 E 2010

Projeto Experimental apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.**

Orientadora: Profª Drª. Viviane Borelli

Santa Maria, RS
2016

Guilherme Denardin Gabbi

À SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO: UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE A MÚSICA INDEPENDENTE DE SANTA MARIA NAS DÉCADAS DE 1990 E 2010

Projeto Experimental apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.**

Aprovado em 16 de dezembro de 2016:

_____
Viviane Borelli, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

_____
Vivian Belochio, Dra. (UNIPAMPA)

_____
Marlon Santa Maria Dias, Mestre (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil
2016

RESUMO

À SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO: UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE A MÚSICA INDEPENDENTE DE SANTA MARIA NAS DÉCADAS DE 1990 E 2010

AUTOR: Guilherme Denardin Gabbi
ORIENTADORA: Viviane Borelli

"À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010" contém cinco reportagens que falam da música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e de 2010. O objetivo é elucidar e exemplificar a cena da cidade em ambos os períodos. O trabalho justifica-se por ser um registro material da cena musical independente nos dois momentos, sendo então memória que também ilustra parte da história da música da cidade. Os textos contam a história de forma humanizada, com relatos obtidos por entrevistas semiabertas que buscaram o diálogo possível, e também se embasam em dados obtidos no arquivo do jornal "A Razão" e em sítios eletrônicos da internet. Além das reportagens, discutem-se conceitos norteadores para a confecção da série, como o de reportagem, de entrevista tanto como método de pesquisa como técnica jornalística, e de música independente. Os conceitos são apresentados antes das reportagens, e, ao final, é feita a análise da série, como e por que foi pensada, organizada e, de fato, confeccionada, onde estão erros, acertos e o que se pode fazer além em relação ao assunto.

Palavras-chave: Reportagem. Música Independente. Entrevista. Santa Maria.

ABSTRACT

TO YOUR CREATION: A REPORTAGES SERIES ABOUT THE INDEPENDENT MUSIC OF SANTA MARIA IN 1990s AND 2010s

AUTHOR: Guilherme Denardin Gabbi
ADVISOR: Viviane Borelli

"To your creation: a reportages series on the independent music of Santa Maria in the 1990s and 2010s" contains five reportages that speak of independent music of Santa Maria in the 1990s and 2010s. The objective is to elucidate and exemplify the city scene in both periods. The work is justified because it is a material record of the independent musical scene in both moments, being then memory that also illustrates part of the history of the music of the city. The texts tell the story in a humanized way, with reports obtained by semi-open interviews that sought the possible dialogue, and also based on data obtained in the archive of the newspaper "A Razão" and on electronic websites. In addition to the reports, we discuss the guiding concepts for the production of the series, such as reporting, interview as a research method as a journalistic technique, and independent music. The concepts are presented before the reports, and, at the end, the analysis of the series is done, how and why it was thought, organized and, in fact, made, where are errors, correct answers and what can be done in relation to subject matter.

Keywords: Reportage. Independent Music. Interview. Santa Maria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 6

2. REPORTAGEM, ENTREVISTA E MÚSICA INDEPENDENTE 10

2.1. A REPORTAGEM 10

2.2. ENTREVISTA JORNALÍSTICA E COMO TÉCNICA DE PESQUISA 14

2.3. MÚSICA INDEPENDENTE 21

3. "À SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO" 26

3.1. PRODUTO 27

3.2. PROCESSO PARA A REALIZAÇÃO DA REPORTAGEM 154

3.3. A CONCEPÇÃO DA SÉRIE DE REPORTAGENS 157

3.3.1. **As reportagens individualmente** 158

3.4. ANÁLISE E REFLEXÃO 160

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 162

REFERÊNCIAS 166

APÊNDICES 167

ANEXOS 168

1. INTRODUÇÃO

Ondas mecânicas vibrando e produzindo som, que, ao chegar ao ouvido humano, provocam sentimentos e emoções. A música aparece desde povos pré-históricos, que tentavam imitar barulhos da natureza, e evolui gradual e lentamente, com aperfeiçoamento dos processos por trás de toda uma produção musical. Instrumentos surgem; grandes composições são criadas, artistas se juntam para tocar, os processos de gravação e captação são desenvolvidos e muito aperfeiçoados, a indústria musical toma forma, e o grande fluxo de capital torna muitos artistas conhecidos por muita gente, em muitos lugares do planeta. A canção própria, inédita, é incentivada e produzida a ponto de virar um sucesso global. Mas não só de apoio, qualidade e fama vivem as pessoas que compõem canções. Aos artistas que não estão nessa posição de grande consumo midiático e amparo de corporações, resta a veiculação e a produção musical "autônoma", independente. Distante dos holofotes das grandes capitais – mundiais, nacionais e até estaduais – a realidade da música autoral não reflete o que os grandes artistas e veículos midiáticos mostram. E em Santa Maria a situação é essa.

Localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, a cidade tem a Universidade Federal mais antiga do interior Brasil e o segundo maior contingente militar do país desde meados da década de 1960. Também teve um importante papel na história férrea do estado e há anos se mostra como grande polo cultural. Muitas bandas e artistas, autorais e independentes, surgiram e surgem, viveram, vivem e morrem na cidade, deixando a marca na história desse local.

O trabalho tem por objetivo a confecção de uma série de reportagens que foca-se em dois momentos distintos dessa produção musical, autoral e independente, na cidade: a década de 1990 e a década de 2010 (até a conclusão deste trabalho acadêmico). Nos dois períodos, muitas pessoas se mostram envolvidas com a música e acultura, de forma geral, em Santa Maria. A série de reportagens que é o objetivo geral do trabalho divide-se em demais objetivos, como ter um material que fale da cena musical de Santa Maria nos dois períodos, apresentar os artistas e bandas, as pessoas por trás da construção e aparição da música independente local, mostrar aspectos gerais da cena, apresentar locais (localizando-os e dando referência sobre eles), eventos promovidos na década passada e na contemporânea, dar voz as pessoas que fazem parte da cena.

O período de 1990 corresponde a uma grande movimentação de bandas, de composições e de trabalhos próprios, com letras e melodias locais. É o período em que a

organização desses artistas proporcionou o surgimento da primeira coletânea de bandas independentes de todo Rio Grande do Sul, o CD “Elo Um”, com a participação de quatro bandas santa-marienses. Já a década de 2010 aparece como um período importante para o autoral de Santa Maria, pois é nessa década que se nota o surgimento de muitas bandas, cantoras e cantores, instrumentistas-solo, que escrevem seu material, tocam aquilo que os toca, fazendo trabalho autoral.

Há uma forte presença, desde meados de 2010 (em 2008/09 bandas importantes aparecem no cenário) de bandas que conseguem movimentar público, ter visibilidade, mostrar seu trabalho e ter reconhecimento por parte do público. É nesse período, também, que ocorre o incêndio da Boate Kiss, vitimando fatalmente 242 pessoas. Esse episódio é muito relevante em toda a organização da cidade, pelo próprio clima que se estabelece, e em termos de regulamentações para casas noturnas e espaços destinados ao público – consequentemente influenciando na vida de artistas, que dependem do público para a expansão de seu trabalho.

Os relatos de agentes, participantes diretos ou indiretos, envolvidos nesses períodos mostram faces da realidade – cultural e geral – de Santa Maria. Mas, esses relatos sem documentação viram palavras ao vento, acontecimentos que só serão de conhecimento amplo se repassados vez a vez, para uma quantidade grande de pessoas. Por isso, o vigente trabalho pretende realizar a documentação de relatos de músicos, donos de bares/casas noturnas, produtores culturais, produtores musicais. Enfim, pessoas ligadas ao cenário de produção de música autoral na cidade. Essa documentação tem o intuito de mostrar como se apresenta a cena musical, independente e autoral, de Santa Maria em 1990 e 2010.

Para tal documentação, é feita uma série de reportagens temáticas, que permitem o aprofundamento jornalístico do tema em questão, e devem elucidar aspectos presentes nos processo de produção de música autoral no meio independente da cidade. Aspectos que vão desde a aparição do artista na pessoa residente em Santa Maria, da composição de uma obra, do trabalho realizado em uma canção, da formação de uma banda, dos espaços destinados à cultura e música na cidade – públicos e privados – até processo de gravação, produção e distribuição da obra do artista local.

Há, em Santa Maria, um sem-número de produções musicais, que abrangem desde a música regionalista até as batidas do hip-hop feitas à luz de refletores, ao vivo, em uma praça da cidade. Por isso, foca-se em artistas e bandas que investem e/ou investiram seu tempo, sua energia e seu dinheiro para a produção de matérias, físicos ou digitais.

A pesquisa engloba duas grandes partes: teórica e empírica. Na primeira, são discutidos conceitos centrais, como de reportagem, entrevista e música independente. Num

primeiro capítulo dessa parte, discute-se a reportagem como forma de realizar essa documentação por meio de um texto singular. Assim, discorre-se sobre como a reportagem possibilita um texto mais aprofundado sobre o assunto, com construção mais elaborada e com maior espaço de tempo para apuração, observação, coleta de dados, confecção e organização do texto. Fala-se do modo de produção e concepção da reportagem, as diferenças dessa produção para o ritmo do jornalismo diário, e justifica-se o uso desse tipo de matéria jornalística como escolha para a realização do projeto experimental pretendido.

Sobre reportagem, trabalham-se conceitos mostrados por Nilson Lage (2002) e Thais Furtado (2013) basicamente. Conceitos que vão para a rua juntamente com o repórter na apuração de fatos e realização de entrevistas. Sobre a organização da pauta, importância e papel do repórter, e diferenças entre a notícia e reportagem, esses autores também embasam e dão norte para a realização do trabalho.

No segundo capítulo da primeira parte, discute-se a entrevista, com atenção maior a "entrevista em profundidade", e como ela pode ser usada para a obtenção de relatos e – mais importante – para a obtenção de histórias. A entrevista, no trabalho, é usada como método para a pesquisa e também como técnica para a realização das reportagens. São discutidos os conceitos trabalhados por Paul Thompson, em livro tratando da História Oral. Também conceitos propostos por Cremilda Medina (2008), em seu "Diálogo possível" através de uma entrevista, Vitor Necchi (2013), Jorge Duarte (2012), novamente Nilson Lage (2002) e Thais Furtado (2013), bem como conceituações metodológicas de Annette Garrett (1974). Este capítulo traz a "entrevista" e como ela foi empregada na pesquisa, bem como todo o processo de preparação para sua realização.

No terceiro capítulo, elucidam-se aspectos do cenário musical independente, "underground". Discute-se sobre o conceito, as diferenças no modo de produção de músicos tidos com independentes dos que aparecem na grande mídia. Fala-se sobre o processo da música independente no país, bem como as alterações sofridas ao longo de décadas no modo de consumir música. Para tanto, traz-se aqui autores que tem trabalho de pesquisa e forte interesse pelo independente e pelo modo produtivo da música nacional.

Em seguida, na segunda parte do projeto experimental, detalha-se, inicialmente, todo o processo de produção para depois apresentar a série de reportagens "À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010", tratando da cena musical em Santa Maria nos dois períodos já mencionados. As questões centrais a serem problematizadas são: como é a organização das bandas e artistas; qual a importância de um material bem produzido e gravado; como o artista autoral aparece

na cidade e como o público lida com esse artista; como é a relação de artistas com bares, de bares com a cena independente, de pessoas com artistas; como as novas tecnologias informacionais e as redes de socialização virtual influenciam na produção e no modo de comportamento do artista, seja para com seu próprio trabalho, seja em relação ao seu público; como o poder público auxilia – ou não auxilia – artistas locais. Estas são perguntas que podem ter algumas respostas nas reportagens produzidas no trabalho, ou, ao menos, tem a pertinência de serem perguntas presentes no trabalho e que continuam buscando respostas – e gerando outras perguntas.

A série de reportagens embasa-se nos moldes de reportagens especiais de jornais, cadernos de fim-de-semana do formato impresso, dossiê de reportagens que desdobram o mesmo tema, podendo se encontrar presentes em uma ou diversas edições de uma revista impressa. Nomes clássicos da reportagem, e das grandes reportagens brasileiras, como Caco Barcelos, Ricardo Kotscho, Eliane Brum, Audálio Dantas são influências para uma reportagem mais humanizada, que busca aproximação com o público.

O último capítulo da segunda parte do trabalho é destinado à reflexão sobre o produto. Aqui se fala de acontecimentos presentes na confecção da série de reportagens. Mostra-se o modo de preparação das entrevistas, como foram pensadas e realizadas, quanto tempo levaram, como se deu a coleta de dados documentais ou que fugissem do ato de “entrevistar”, qual o caminho tomado pela série de reportagens. Enfim, aqui se tem um registro pessoal e uma visão sobre a série de reportagens depois de pronta.

A última parte traz as considerações finais sobre o trabalho, sobre a música autoral da cidade, sobre o cenário independente local, sobre como foi produzir a série de reportagens que busca problematizar como se apresenta a cena musical, independente e autoral, de Santa Maria em 1990 e 2010.

2. REPORTAGEM, ENTREVISTA E MÚSICA INDEPENDENTE

As reportagens, que são apresentadas como projeto experimental, são o conjunto de ações práticas embasadas em uma teoria a respeito de reportagem, entrevista e música independente. Aqui Thaís Furtado e Nilson Lage embasam as ações propostas e feitas ao longo da realização do trabalho. A reportagem, fundamentalmente, necessita da prática para a sua realização, e uma longa prática. Vão desde a preparação, da pauta do trabalho a ser feito, de apuração, de pesquisa – científica ou não, se realiza uma pesquisa – até a confecção, edição, reedição do texto, o formato do texto – para onde ele é pensado – e sua posterior veiculação. O estilo textual das reportagens dá foco nas pessoas, e assim, inspira-se em nomes do jornalismo brasileiro, como Audálio Dantas e Ricardo Kotscho, e em segundo plano, passa as informações competentes e necessárias a uma reportagem.

Em seguida, a teoria de um dos métodos usados, a entrevista, tanto a jornalística (para coleta de informações para embasar as reportagens) quanto à entrevista usada para técnica de pesquisa, pois foi norteadora no modo de escuta dos entrevistados, para além da extração de informações. Nesse momento, discorre-se sobre pensadores e estudiosos do assunto, como Annett Garrett, Paul Thompson, Vitor Necchi, Jorge Duarte, Thaís Furtado e Nilson Lage. Tudo, com o princípio apresentado por Cremilda Medina, do diálogo possível.

Por último, antes de apresentar a série de reportagens, fala-se sobre música independente, no conceito básico de que é a produção musical não atrelada a grandes grupos e gravadoras. Essa parte elucida-se em dois artigos: “A vez dos independentes(?): um olhar sobre a produção musical independente do país”, de Eduardo Vicente; e no texto “A produção independente e a desverticalização da cadeia produtiva da música, de Davi Nakano. A tese é de Mariana Mont’Alvert Barreto Lima e é intitulada “As *majors*” da música e o mercado fonográfico nacional”.

2.1. A REPORTAGEM

O jornalismo diário, das redações de grandes, pequenos e médios jornais, apresenta-se cada vez mais com menos tempo para a produção do texto informacional, e em contrapartida, com mais informação a ser dada. A correria das redações para apurar pautas e transformá-las em notícias, que devem entrar no jornal antes do final do expediente, faz com que a atenção se volte ao factual, naquilo que ocorre e de imediato tem consequência ou relevância para um

público alvo. O modelo clássico do *lead* é a ferramenta mais simples e clara de noticiar um fato e torna-lo compreensível para o maior número de pessoas possível. As perguntas “o que?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “por que?” são respondidas no primeiro ou segundo parágrafos do texto e dão a totalidade de informações necessárias para o entendimento de um fato. E, em meio a tantos fatos, o jornalista é quem faz a informação circular, de uma maneira simplificada, em uma língua comum (LAGE, 2002, p.22).

A aparição de tecnologias informacionais – algumas muito recentes, outras nem tanto, mas enfim, uma evolução tecnológica que muda a velocidade da informação e do texto jornalístico – como o advento da internet e tudo o que ela desencadeia, potencializa a factualidade da informação, e faz com que jornais e jornalistas estejam mais atentos a inúmeros acontecimentos que, ao seu redor – seja no seu bairro ou em Israel – ocorrem, “hoje em dia, a internet, e em especial, as redes sociais têm sido espaços propícios para que o público fique sabendo rapidamente do que se está acontecendo no mundo” (FURTADO, 2013, p.150).

A demanda informacional se torna maior, e com isso, a informação se torna, ao mesmo tempo, de maior quantidade (número de notícias produzidas) e de menor profundidade, afinal, não se tem condições (tempo, distância, dinheiro) para o aprofundamento de algo que aconteceu. Traquina (2008), citado por Furtado (2013, p.150) fala das notícias como bens perecíveis, que dão alto valor a sua velocidade. “A notícia trata do hoje imediato, do aqui e do agora” (FURTADO, 2013, p.150).

Por exemplo, num caso de latrocínio é noticiado, o local, a vítima, o momento em que o caso ocorreu e as demais perguntas do *lead* dão conta da informação, dão conta do fato, daquilo que aconteceu. Porém, o jornalismo diário – que necessita noticiar mais um caso de latrocínio ocorrido na cidade – não tem as condições para desdobrar e aprofundar a ocorrência. Não há tempo para buscar entender o motivo da crescente violência, da falta de investimentos públicos em educação e segurança, da investigação sobre o tráfico de drogas e como jovens da periferia são levados ao crime. Não há como ir à casa da mãe de quem cometeu o crime, presenciar as dificuldades enfrentadas por ela e por toda uma comunidade; não há como levantar dados sobre a arrecadação de impostos e a utilização destes para o desenvolvimento da população em detrimento do desvio por parte de agentes públicos; não há, no jornalismo diário, como levantar os dados de latrocínio dos últimos dez anos e relacioná-los com os demais pontos mostrados nesse parágrafo. E é nesse aspecto de profundidade que se apresenta a reportagem.

A reportagem pode – e deve – dar conta desses aspectos. Em uma reportagem, que realmente busca o aprofundamento, a pauta tem função semelhante com o planejamento para a resolução de um problema, assim, o jornalista deve tomar distância do fato ocorrido, para pensar nos caminhos a percorrer durante o processo de apuração, a fim de tornar um evento compreensível ao leitor. Assim, assumindo o caminho do aprofundamento, o jornalista assume-se, também, como construtor da realidade, porque lança olhar curioso sobre questões sociais (FURTADO, 2013, p.150).

Com isso, tem-se o processo de construção da reportagem. O texto final, que é entregue aos leitores em um caderno especial de um jornal diário, em páginas de revista ou mesmo em sítios eletrônicos presentes na internet, é o produto de horas de apuração, conhecimento do tema e de conversas com pessoas que tem o que falar sobre algo. É a parte final de um longo processo que demanda tempo, vontade, disposição, locomoção, estudo, escrita; é a parte final de um longo envolvimento com algo que chama a atenção pessoal do jornalista, seja pela proximidade com o tema ou pelo interesse social presente por parte do repórter.

Tendo o tema ou o fato em questão chamado a atenção do jornalista, deve-se, então, pensar a respeito desse tema e organizar as ideias. Assim, estrutura-se a pauta: quem deve ser entrevistado, que arquivos podem ser encontrados sobre o tema, que outros jornais/jornalistas já falaram sobre o assunto, qual a abordagem que já foi dada, qual a abordagem que falta, como se posicionar, quem acompanhar, que eventos cobrir, quem contatar para pedir informações e mesmo sugestões de fontes, que tipo de entrevista fazer, como se apresentará a reportagem – temática, uma série de reportagens, um livro reportagem, uma grande reportagem – onde e como ela será publicada. São esses alguns pontos que devem ser levados em conta antes da confecção da reportagem. “A reportagem exige planejamento; por isso, a pauta deve ser mais detalhada” (FURTADO, 2013, p.151). Para um bom andamento de pauta, ou seja, uma boa pauta, investigação e interpretação dos fatos são fundamentais, como afirma Nilson Lage:

> Programa-se geralmente a pauta de reportagem (a reportagem aborda um assunto em visão jornalística) a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial. Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento (ou fazer a *suíte*) de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar. (LAGE, 2002, p.39).

Com a profundidade da pauta, e também o processo mais detalhado e elaborado de escrita, os dados obtidos pelo jornalista levarão mais tempo para chegar ao leitor. Em

contrapartida, o texto terá maior duração, não sendo tão instantâneo como a notícia. Assim, o presente da reportagem e o presente da notícia não são os mesmos, pois "a notícia trata do hoje imediato, do aqui e do agora" (FURTADO, 2013, P.150). E, quando a circulação das informações do "aqui e do agora" não satisfaz a necessidade do leitor, ou mesmo a abrangência do fato ocorrido, é necessário ir mais fundo, ser repórter. Furtado afirma que "a reportagem é a forma discursiva jornalística mais adequada para quem quer oferecer algo além da instantaneidade" (FURTADO, 2013, p.151).

O jornalista, para a construção de uma boa pauta, deve, primeiramente, afastar-se do tema, e, após, aproximar-se novamente. Assim, o profissional pode pensar, com mais atenção, sobre o que será tratado, ainda na pauta, para poder ter um bom resultado na construção da reportagem, que tenha, como principal objetivo, o aprofundamento sobre tema ou fato ocorrido. Ainda, como Furtado explica, "com esse movimento, o jornalista opta pelo caminho do aprofundamento e se assume também como construtor da realidade presente, pois estará lançando um olhar curioso para as questões sociais do momento" (FURTADO, 2013, p.153).

Porém, o repórter não deve construir a pauta tão detalhada e rigidamente a ponto de não abrir brechas ou exceções em relação ao que tem planejado. Afinal, como um humano interagindo com outros humanos, o repórter poderá se deparar com fatos, diálogos que mudem o trajeto já imaginado para a apuração e construção da pauta. Essa maior flexibilidade confere ao repórter maior liberdade. É o que Nilson Lage escreve sobre *insight:*

> O trabalho de uma reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos (LAGE, 2002, p.35).

Na reportagem, o jornalista que fará o texto tomará as principais decisões em relação ao que deverá ser feito. Cabe a ele pensar nas fontes a serem ouvidas – que totalizam um número bem maior do que o necessário para se redigir uma notícia – e as fontes que não serão contatadas para apuração. Furtado (2013) ainda afirma que a as decisões referentes às fontes que serão ou não selecionadas é uma das etapas que tornam o jornalista autor do seu texto, afinal, outra pessoa poderia tomar decisões diferentes.

Com o processo de apuração terminado (ou, na visão do jornalista, suficiente para começar o texto), é necessário pensar em como a reportagem será redigida. Deve-se ter em mente quais palavras usar, como abordar o tema, como dividir – no caso de haver mais de

uma – as reportagens, e também em quando parar de escrever. O repórter assume que é o responsável pela reportagem, e que foi ele mesmo que decidiu encerrar a mesma. O jornalista finaliza o texto, mas as interpretações não são encerradas, cabendo ao leitor continuar o processo feito pelo repórter – que já dá a sua interpretação dos fatos – e formar a sua própria opinião ou ponto de vista sobre o que foi abordado no texto lido.

O repórter é um observador curioso, que, prestando atenção àquilo que está ao seu redor, tem a iniciativa de fazer a reportagem. O texto, feito por uma pessoa, é sempre direcionado a mais pessoas. É um contato humano, que envolve, necessariamente, contato com inúmeras pessoas, e um tema de relevância, não somente para o repórter, mas também para a sociedade – ou, ao menos, parte dessa sociedade. É o relato humano, sobre seres humanos, Ainda cabe mais uma citação de Furtado, sobre a importância do repórter e da reportagem. Segundo ela, o repórter necessita estar preparado, pois "ele terá, necessariamente, de se dedicar e de dispensar mais tempo para realizar sua reportagem. Ele terá de se enxergar e se assumir como sujeito de extrema importância para a sociedade" (FURTADO, 2013, p. 159). É isso que torna a reportagem tão tocante, tão presente e tão próxima de quem a lê.

No presente trabalho, busca-se a construção de uma série de reportagens, que tem como pano de fundo a música independente em Santa Maria, nos períodos já citados anteriormente. Mas busca-se, principalmente, o relato humanizado, que torne as pessoas entrevistadas ou envolvidas nas reportagens mais importantes que números ou quaisquer outros dados (sem tirar a importância desses, afinal, números, lugares, ocasiões, são de suma importância para a construção de um texto aprofundado). Profissionais que fazem do ser humano o principal ingrediente da história – como Ricardo Kotscho e Audálio Dantas – são referências para a realização das reportagens deste trabalho.

E no caso, a reportagem foi avaliada como a melhor maneira possível para mostrar aspectos relacionados à música da cidade, através de quem realmente está presente no cerne do tema, fazendo ou ajudando a fazer música independente em Santa Maria.

E não há maneira mais próxima e credível de falar de seres humanos e contar histórias, do que ouvindo seres humanos e suas histórias. Por meio de entrevistas – sejam elas entendidas como conversas informais ou muito formais – é que se tem o mais rico conteúdo informativo e humano. A próxima parte fala justamente da entrevista, seus aspectos, modos de concepção e sua extrema importância para a realização de uma boa reportagem, ainda mais quando essa prioriza pessoas a demais dados.

2.2. ENTREVISTA

O encontro entre duas ou mais pessoas, que, em algum momento, definem um interesse comum, e com isso, trocam ideias, experiências e percepções sobre determinado assunto. Ou, como define Medina (2008), em seu clássico texto, usado como referência no campo do Jornalismo, a entrevista pode se tornar um diálogo. Assim pode-se falar, inicialmente, sobre o que é uma entrevista.

A entrevista é um método usado em diversas áreas - comunicação, história, serviços sociais, psicologia, psiquiatria – e com objetivos distintos - como técnica científica, como método para coleta de informações, como possibilidade de maior aprofundamento, entre outros. A entrevista está presente, também, no cotidiano das pessoas, quando essas se deparam com uma entrevista de emprego, um questionamento de pais e professores em uma escola, enfim, no decorrer do dia de muitas pessoas. Quando se entrevista, buscam-se informações.

A entrevista trata, portanto, de seres humanos, com suas mais abrangentes diversidades e peculiaridades. Annette Garrett afirma que, devido a isso, os seres humanos "não podem ser reduzidos a uma forma ou padrão comum" (GARRETT, 1974, p.16), ou seja, cada entrevista, por mais que faça parte de uma série bem estruturada e com perguntas definidas, terá sua singularidade, terá um diferente humano que contará algo, responderá essa mesma pergunta. E, por mais que a resposta seja a mesma para diversos entrevistados, esses serão, sempre, pessoas únicas e diferentes umas das outras.

Sendo a entrevista uma troca de informações, com alguém interessado em ouvir e alguém que se disponha – com interesse maior ou menor do que quem pergunta – a responder, pode-se dizer que todos tem a capacidade de realizar uma entrevista. De fato, quando se tem uma linguagem comum, todos podem entrevistar ou ser entrevistados, mas isso não basta. Ainda como afirma Garrett:

> A entrevista é uma arte, uma boa técnica, que pode ser desenvolvida e mesmo aperfeiçoada, principalmente pela prática contínua. Mas a prática, só, é insuficiente. A habilidade pode ser desenvolvida, no seu mais alto grau, somente quando a prática é acompanhada pelo conhecimento do que seja entrevistar e pelo estudo consciente da nossa própria prática (GARRETT, 1974, p.17).

Assim, é fundamental, para a realização de uma boa entrevista, alinhar a prática contínua, o ato de entrevistar várias vezes inúmeros sujeitos, com a teoria acerca da entrevista,

seus estudiosos e suas técnicas. No decorrer da conversa, é necessário acabar com os obstáculos, o máximo que se pode, para que a entrevista seja fluida (NECCHI, 2013).

Como citado na parte anterior, que fala sobre reportagem, a construção de uma boa pauta envolve estudo e conhecimento prévio sobre o tema, e, com isso, o estudo sobre as possíveis fontes a serem ouvidas. Portanto, nesse estudo, têm-se as pessoas que devem, precisam ou não, ser entrevistadas. "No universo jornalístico", a entrevista "sugere dois significados: técnica e formato de texto, ambos marcados por uma ideia de diálogo" (NECCHI, 2013, p.162).

Na prática jornalística, como técnica, a entrevista é a principal forma para dar voz a alguém, para contrastar ideias e pontos de vista, e uma das principais formas para obtenção de dados e informações relevantes. Pode-se, com a entrevistar, dar fala para quem, normalmente, não é ouvido. É possível trazer os pontos de vista de quem não tem voz, e mostrar realidades diversas àquelas que estão no senso comum. No fazer jornalístico, é na entrevista que se tem a "possibilidade de se desvendar e apresentar uma pessoa, da mesma forma que se consegue, no universo das relações humanas, quando se trava conversa franca e minuciosa com alguém" (NECCHI, 2013, p.161).

A realização da entrevista, desde o seu planejamento até sua finalização e, posteriormente, sua utilização para uma reportagem – ou ainda uma publicação na íntegra, como entrevista ou diálogo – é um processo longo e que envolve preparação, apuração, paciência e compreensão. A preparação anda junto com a apuração: é necessário saber o tipo de entrevista que se fará, se terá perguntas fechadas, se será um questionário semiaberto, se será uma conversa livre e sem perguntas pré-formuladas. Com isso, é preciso – se for o caso – formular as perguntas, em sua sequência ou ainda quais os questionamentos imprescindíveis que deverão ser feitos. Aqui, a entrevista é pensada também como método, pois tem um objetivo que ultrapassa a coleta de informações da técnica jornalística, e traz para primeiro plano a pessoa entrevistada.

Além da estruturação e definição do ato de entrevistar, deverá se ter um estudo sobre quem será entrevistado, informações prévias de cada uma das pessoas com quem se deseja conversar. Com isso formulado, ou ao menos pré-formulado, deve-se contatar as fontes, marcar a entrevista, explicar o motivo da conversa, definir hora e local, e se apresentar para a realização da mesma. Durante a entrevista, deve-se, principalmente, ouvir e deixar que o entrevistado fale, que exponha seus pensamentos, pontos de vista, e é em todo esse processo que o entrevistador precisará – as vezes mais, as vezes menos – de compreensão e paciência.

De acordo com os objetivos da entrevista, Nilson Lage faz uma divisão interessante, que é referência para esse trabalho, no que tange ao objetivo da entrevista em profundidade. Segundo Lage:

> O objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada a outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões (LAGE, 2002, p.75)

No presente trabalho, mescla-se, de certo modo, a entrevista em profundidade com a entrevista temática, que "aborda um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer" (LAGE, 2002, p.74). Assim, tem-se como pano de fundo para as reportagens a música independente em Santa Maria, nas décadas de 1990 e 2010, mas o ponto principal são os personagens como forma viva de discorrer sobre o tema. E, neles, tem-se grande atenção, grande importância (humanizada) nas reportagens.

É preciso lembrar que o repórter que vai à entrevista deve estar atento aos detalhes, ao cenário do local da entrevista, bem como aos detalhes e reações do entrevistado. Como afirma Necchi, não se deve menosprezar a percepção visual, "afinal, dela provêm informações relevantes para o andamento da entrevista, como, por exemplo, o vacilo do olhar quando o entrevistado arrisca uma explicação" (NECCHI, 2013, p.171).

No presente trabalho, a entrevista é usada, fundamentalmente, como técnica jornalística, buscando dados e informações. Mas é como método de pesquisa que aparece quando se coloca o entrevistado à frente daquilo que ele tem a falar, e assim se busca a conversa em profundidade. Como técnica é um importante instrumento para obtenção de mais informações para fatos, dados e, principalmente, relatos, sendo assim a base para a existência das reportagens. Como método, a entrevista embasa o trabalho, e traz como norte a percepção e a fala das pessoas que foram ouvidas na ausência de documentos e dados sobre o que seria produzido. Poderia ter sido optado pela história de vida ou história oral, mas a escolha foi pela entrevista em profundidade por buscar resgatar tanto fatos mais antigos quanto atuais, bem como aspectos relativos às vidas dos personagens.

As entrevistas em profundidade podem ser estruturadas como "abertas e semi-abertas" (DUARTE, 2012, p.64), e tem como características serem mais flexíveis e explorarem ao máximo determinado tema. A diferença crucial entre esses dois tipos é que, na aberta, a entrevista transcorre sem um pré-roteiro, enquanto na semiaberta, partem de um "roteiro-

base” (DUARTE, 2012, p.64). Como no trabalho usa-se a entrevista semiaberta como método para o diálogo, convém deter-se mais nela para esclarecer um pouco de seus aspectos. Como afirma Duarte, na entrevista semiaberta:

> O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferência entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador (DUARTE, 2012, p.66).

Com uma lista de questões principais, que buscam respostas na entrevista, dirige-se à entrevista. Essa lista pode ser alterada, antes, ou mesmo, no próprio processo da entrevista. Afinal, cada entrevistado terá uma maneira de responder, e, muitas vezes, uma pergunta é o suficiente para que se obtenha resposta dela mesma e de mais uma série de perguntas que deveriam ser feitas. A lista pré-formulada é importante para que não se perca a linha da entrevista, e por isso essa pode ser considerada como semiaberta, e não totalmente livre e sem questões prévias como a entrevista aberta sugere.

As entrevistas em profundidade não buscam “generalizar ou provar algo” (DUARTE, 2012, p.67), mas deve-se buscar validade e confiabilidade com elas. Por isso, não sozinhas, elas necessitam de uma triangulação de dados – as entrevistas relacionadas com arquivos, fotos, demais evidências – para garantir sua validade e confiabilidade (DUARTE, 2012).

As perguntas estão formuladas. Já se sabe o que buscar indo atrás de pessoas, marcando entrevistas. A questão, agora, é definir que fontes serão ouvidas, realizar, portanto, o processo de seleção de informantes que serão entrevistados. Esses informantes devem ser escolhidos levando-se em conta sua capacidade de responder sobre determinado problema, o tema em questão que é a base para a realização das entrevistas. “é importante considerar que uma pessoa somente deve ser entrevistada se realmente pode contribuir para ajudar a responder à questão de pesquisa” (DUARTE, 2012, P.68). Aí, tem-se também a importância da diversidade de fontes a serem ouvidas, que podem dar relatos diferentes sobre o tema trabalhado que embasa as entrevistas. No presente trabalho, infelizmente, há quase um consenso pela parte das fontes que merecem – ao critério do autor que vos escreve – ser ouvidas. Afinal, tratar de cultura, mais especificamente a produção musical independente, gera consensos em relação a falta de espaços e incentivos.

As fontes podem, ainda como fala Duarte (2012), serem selecionadas intencional ou convencionalmente. As primeiras são selecionadas pelo pesquisador, que acredita que essas

fontes merecem ser ouvidas, pois conhecem e poderão falar sobre o tema trabalhado. As últimas são selecionadas de acordo com a viabilidade disponível das mesmas.

Duarte (2012) faz interessante divisão, com cinco tipos diferentes de informantes: o especialista (pessoa com grande conhecimento, mas não necessariamente envolvimento com o tema), o informante-chave (fontes envolvidas diretamente com aspectos norteadores do problema), informante-padrão (envolvida com o tema, mas que pode ser substituída), informante complementar (de oportunidade, sugeridas no decorrer da pesquisa, e que muitas vezes não aparecem nos textos) e informante extremista (com visão contrária aos principais informantes).

Segundo Duarte (2012), o ato da entrevista contempla o antes, o durante e o depois de sua realização. O antes envolve todo o processo de apuração por parte do pesquisador/repórter, que deve ter consigo conhecimento do assunto e, principalmente, das fontes que irá selecionar. No processo anterior a entrevista há, juntamente com a fonte, o agendamento da conversa. E é a fonte que deve se sentir a vontade para realização da entrevista, assim, dando a ela a escolha de local e horário para o diálogo a ser realizado. É importante planejar a sequência de entrevistas, e também procurar começar a série de conversas com uma fonte conhecida, que ajudará a testar o roteiro e também dará o primeiro passo para o processo de conversas.

A entrevista deve ser iniciada contemplando aspectos básicos do entrevistado, como nome, função, idade. Antes mesmo do inicio da entrevista, é interessante comentar sobre o tema trabalhado, os objetivos da entrevista e qual trabalho está sendo realizado pelo entrevistador, que o levou até a fonte (DUARTE, 2012). Thompson (1992), afirma ser importante, também, comentar sobre a gravação da entrevista, e ver se o entrevistado está de acordo com a presença de algum gravador. Ainda como Thompson, um bom entrevistador deve ter “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar” (THOMPSON, 1992, p.254). Assim, entrevistado e o entrevistador devem estar à vontade com o ambiente de conversa, e com a própria conversa. Formalidade demais, quando se busca uma entrevista em profundidade, pode empobrecer a própria entrevista. A conversa, e o contato como todo, deve ser natural e deve haver espontaneidade de ambas as partes.

Duarte (2012) afirma que as perguntas, quando feitas, devem ser diretas, claras, simples e que contemplem todo o tema. Assim, não cabe ao entrevistado fazer perguntas indutoras de respostas, tampouco fazer diversas perguntas de uma só vez, pois pode dificultar

as respostas do entrevistado, e também, o entrevistado pode responder extensamente um questionamento com a intenção de não ter que responder a outro.

Entretanto, a percepção não deve ser apenas visual. Muitas vezes, o silêncio é mais valioso que uma longa resposta, principalmente se seguido de reações e expressões que indiquem estados de emoção por parte do entrevistado. “A lição importante é estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios” (THOMPSON, 1992, p.204). Portanto, fica claro que, além de perguntar, o entrevistador precisa saber ouvir (NECCHI, 2013), e além das respostas, é fundamental prestar atenção no entrevistado, em “seus movimentos, ênfases, silêncios, pausas, gestos” (DUARTE, 2012, p.74).

Segundo Duarte (2012), é aconselhado também, deixar as perguntas mais sensíveis, ou muitas vezes polêmicas, para o fim da entrevista, caso contrário o diálogo buscado pode começar mal, ou nem acontecer. É importante mostrar que se está chegando ao fim da entrevista, e não acabar com a conversa abruptamente.

Ainda como Duarte afirma (2012), com a entrevista finalizada, é importante checar os dados obtidos na conversa, e se necessário contatar a fonte mais vezes. É fundamental, portanto, que a relação de entrevistado e fonte seja harmoniosa, e, para isso, ambas não precisam de amizade, mas sim confiabilidade mútua e respeito. Coisas que, ao longo da entrevista e de seu preparo já começam a aparecer. Na transcrição das entrevistas, é importante ter detalhamento. Transcrever toda entrevista é interessante, principalmente em métodos de história oral, ou história de vida, que buscam as falas da maneira que os entrevistados a disseram. É importante transcrever detalhadamente as conversas.

O modo de coleta das entrevistas também é importante. O contato ao vivo permite a análise de gestos e expressões do entrevistado, bom como a análise de todo o ambiente da conversa. Se gravada, possibilita que o entrevistador preste atenção a esses detalhes, sem perder o foco na resposta ou no tema da entrevista. Vitor Necchi comenta que, a entrevista em profundidade deve ser gravada, mas que isso não significa que o jornalista possa relaxar ou ficar mais desatento ao processo da entrevista. Segundo ele:

> O primeiro motivo para se gravar a conversa refere-se à necessidade de se fazer uma fiel transcrição, pois – acredita-se – é humanamente impossível memorizar horas e horas de uma conversa. Outra razão, de natureza diferente, mas igualmente importante, é preservar provas de que o entrevistado realmente disse o que foi publicado, caso a veracidade do registro acabe questionada (NECCHI, 2013, p.173).

O uso do gravador também é mencionado por Thompson (1992), que afirma que o aparelho, quando ligado, ajuda a manter o entrevistado mais concentrado na conversa. E que,

quando desligado, muitas vezes alguns fatos adicionados, importantes, são ditos. São "informações que se pretende que o entrevistador fique sabendo como pano de fundo" (THOMPSON, 1992, p.264).

Enfim, na entrevista é preciso ver a consistência dos argumentos, prestar atenção aos detalhes, silêncios, comportamento do entrevistado. Também deve levar-se em conta o contexto em que as respostas foram dadas, a circunstância da entrevista, e não esquecer o fato de ter-se uma relação de seres humanos, que variam conforme dia, acontecimentos pessoas e uma série de fatores. No presente trabalho, as entrevistas foram realizadas com humanos participantes, como protagonistas ou mesmo como "pano de fundo" do cenário musical de Santa Maria, da cena autoral da cidade. A cena aqui apresentada corresponde a músicos e artistas que não estão ligados a grandes corporações, a grandes nomes e empresas. Esses artistas são, quase obrigatoriamente, artistas independentes. Para entender aspectos da cena santa-mariense, é necessária a explicação sobre música independente.

2.3. MÚSICA INDEPENDENTE

Quando se fala em música independente, refere-se, primordialmente, à produção musical que envolve processo de gravação, distribuição, enfim, à produção de um artista sem vínculo com uma grande gravadora. Essas grandes gravadoras, de potencia de alcance global são comumente chamadas de *majors,* e tem atuação expressiva na difusão global de determinados artistas. Essas empresas estão presentes em boa parte do mercado de música global, e no Brasil há quatro grandes multinacionais atuantes: EMI, Sony, Universal e Warner.

Essas empresas detêm recursos financeiros, equipamentos, espaço e logística que suportam grandes produções, e, por isso mesmo, proporcionam alcance maior a aristas vinculados a elas. Entretanto, o meio de produção independente vai, justamente, em um caminho com menos recursos, uma produção mais simples, que justifica o uso do termo independente.

Antes de se falar sobre o mercado de música independente, e mesmo de produção musical no Brasil, é interessante contextualizar a evolução tecnológica que proporcionou o surgimento de uma indústria musical. Thomas Edison, em 1877, e Emil Berliner, em 1888, inventaram suportes que possibilitavam a reprodução de sons gravados. Respectivamente, o fonógrafo de Edison e o Gramofone de Berliner.

O fonógrafo “reproduziu a voz humana pela primeira vez em um suporte gravado, um cilindro coberto por uma folha de metal” (LIMA, 2009, p.14), e, ao contrário de sua finalidade – servir para o uso em escritórios de datilografia – mostrou seu potencial para a gravação musical. Após dez anos do invento, com aprimoramento de Berliner, é criado o Gramofone. O aparelho tem como suporte um disco de 78 rotações, revestido por cera, que possibilitou a execução em diversos aparelhos, fazendo com que a música gravada exercesse importante papel em práticas culturais. Esse fato que leva ao desenvolvimento de produção que envolve vários agentes, até a comercialização do produto musical (LIMA, 2009).

Em um contexto geral, a organização da indústria da produção musical organizou-se “a partir da inovação tecnológica, passando de um setor tipicamente de serviços para um com características de manufatura, graças ao desenvolvimento das técnicas de gravação de som” (NAKANO, 2010, p.630). Os avanços ocorrem nos meios de produção, e as grandes corporações surgem e vão se moldando, e durante quase todo o século XX, os grandes oligopólios da indústria musical tem o controle da venda e distribuição da música. Mas, os mercados têm subdivisões, e camadas que geram Creta fragilidade e impasses na comercialização e distribuição dessas músicas, como afirma Mariana Barreto Lima:

> Todavia, por estar sempre atrelada a necessidade de um suporte de reprodução, a força desses oligopólios sempre esteve dividida, o que terminou por fragilizá-los, em diferentes momentos, frente às crises experimentadas por essa indústria – quase sempre relacionadas ao surgimento de um novo suporte técnico para a reprodução de música gravada (LIMA, 2009, p.15).

A indústria fonográfica passa por crises, tanto pelo seu formato de circulação como pelos meios de consumo musical. Um primeiro problema é vivido ainda nos anos 1920 (LIMA, 2009) com o surgimento e disseminação das estações de rádio. Além desse, impasses como os discos de 30 e 45 rotações, no caso as diferenças dentro do próprio *Long Player* (LP), a implementação e uso de novas tecnologias, como as fitas magnéticas em meados dos anos 50 e 60, e as futuras apropriações e desenvolvimentos, que geraram modificações dentro do próprio uso das fitas magnéticas – *k7, Digital Audio Tape* – ainda os recursos mais recentes, como o *Compact Disc* (CD) e os formatos digitais, como *MP3*, geram as mudanças em toda uma escala de consumo e produção musical.

É interessante notar que as grandes gravadoras, as *majors*, fazem associações e apropriações de outros meios, e entre empresas, para a adequação ao mercado ao ponto que consigam, ainda, lidar e liderar o consumo da música. Música, essa, gravada, que é o objetivo e o produto principal das grandes gravadoras, que ao longo de sua história se uniram, e foi

“comum a associação de empresas diferenciadas que foram construindo suas afinidades habilidosamente, em sinergias cada vez mais importantes para as corporações transnacionais das quais eram/são partes” (LIMA, 2009, p.16).

Assim, as grandes corporações tem se adaptado, muitas vezes ditado, e tantas outras vezes influenciado o mercado de consumo musical. Das mudanças de plataformas, formatos e mídias, as empresas *majors* se adaptam e lançam sua “moda”, mas, nem só dessas empresas que músicos vivem e existem. As alternativas que não coincidem com os modelos usados pelas multinacionais como *EMI (Eletrical and Musical Industries), BMG (Bertelsmann Music Group), Warner Music Group, Sony Music Enternainment* – que tem histórias de conglomerados, parcerias, compra e venda de direitos e de ações, e de uma circulação financeira que gera uma renda bruta de bilhões e bilhões de dólares – estão no meio independente. Cabe também relatar o uso de dois termos, vindos do inglês, que estão presentes em todo o conceito e discussão de mercado independente, são eles o *mainstream* e o *undreground.* Respectivamente, significam aquilo que está ligado à grande mídia – e no caso da música, às *majors* – e o que está no meio independente, no “andar de baixo” da produção de conteúdos. Esses termos não se referem apenas à música, mas sim a todo tipo de produção ligada à indústria cultural e às grandes mídias.

Assim, é interessante falar da música independente em nível de Brasil, já que, de alguma forma, o consumo de música está atrelado à cultura, mesmo que, em tempos atuais, a globalização dita padrões para uma maioria imensa. No Brasil, a produção musical independente permeia a década de 1970, tendo como um marco o disco “Feito em Casa”, de Antônio Adolfo, no ano de 1977. É um disco importante porque “foi a partir de seu lançamento que – pela primeira vez – desenvolveu-se uma discussão em torno do tema” (VICENTE, 2006, p.3) de música independente no país.

A música independente, em seu contexto de surgimento, e até em tempos atuais, não fica apenas no modo de produção que foge da lógica das grandes corporações e da indústria. Na década de 1970, período em que se inicia tal produção no Brasil, leis de incentivo ao mercado do disco, propiciavam boas condições de circulação e gravação de artistas no país, tanto nacional quanto internacionalmente. Mas, uma crise afetaria o setor da indústria musical no final da década de 1970 (VICENTE, 2006) e traria consequências para a década seguinte faz com que a indústria mostre maior seletividade aos artistas, tendendo a uma marginalização de “artistas menos imbuídos de sua lógica ou não classificáveis dentro dos segmentos de mercado que passa a privilegiar” (VICENTE, 2006, p.4).

Ainda, segundo o autor, a cena independente aparece, então, “tanto como espaço de resistência cultural e política à nova organização da indústria, quanto como única via de acesso ao mercado para um variado grupo de artistas” (VICENTE, 2006, p.4). E, em termos gerais, tanto de épocas passadas quanto atuais, é possível usar tal enunciação como definidora dos moldes da música independente, que seria aquela que não estaria aos acordos das grandes gravadoras, não por ir contra qualquer lógica comercial, mas sim por não estar inserida na mesma. Ou ainda, por não privilegiar o estilo musical que as corporações têm como carro-chefe para lucrar e vender artistas.

Mas, dos anos 1970 para os dias atuais, muitas inovações tecnológicas ocorreram em todo o mundo. E isso, como sempre na história da música, dita seu consumo e sua produção. Após a crise da era Fernando Collor (1990-1992), e com a implementação do Plano Real (1994) e um alto numero de terceirizações por parte das empresas que hoje lideram o comércio da música mundial, houve também o aparecimento e muitos selos independentes no Brasil (VICENTE, 2006). Mas, mesmo assim, o formato de consumo era primordial para música, o que faz com que as *majors* tenham sim maior papel e influencia. As produtoras independentes, mesmo ganhando força, não competem ao mesmo nível das grandes empresas, afinal, essas têm técnicas, pessoal, espaço físico, equipamentos e condição financeira suficiente para a produção de produtos musicais.

O cenário atual da música, em relação há tempos passados, é diferente. É alto o número de pirataria, principalmente no início dos anos 2000 (VICENTE, 2006), mas, é do advento da internet que estão fatores determinantes para o independente nos tempos atuais. Ainda, pode-se falar que “a internet consolidou-se como alternativa consistente para a divulgação e distribuição dos trabalhos de artistas e gravadoras independentes, enfraquecendo o controle das *majors* sobre essas áreas vitais dentro de sua estratégia de atuação” (VICENTE, 2006, p.14, grifo do autor).

Assim, fala-se um pouco das grandes empresas multinacionais, que na segunda metade da década de 1990 entraram em território nacional em larga escala. Também é importante notar que, muito antes disso, a produção independente já existia no Brasil, e que, os avanços tecnológicos propiciaram o aumento significativo de músicas independentes e sua circulação. O meio digital e, de todo, a tecnologia digital não modificaram apenas o suporte físico com seus reprodutores de música. “Ela derrubou investimentos e os custos de gravação de matrizes, ao possibilitar o uso de computadores pessoais para estas tarefas” (NAKANO, 2010, p.631).

Ainda, sobre internet, é interessante notar como a produção longe dos grandes centros do mercado musical, longe dos grandes lucros, faturamentos e apelo midiático massivo que bandas e artistas ligados às *majors* têm. É interessante comentar o fator internet na música independente dos atuais dias. Ela possibilita o compartilhamento de vários arquivos, em tempo real, e dissemina a informação de um todo, e na música, as canções. É como afirma Davi Nakano:

> O acesso facilitado às tecnologias de produção permitiu o crescimento da cena independente, o surgimento da figura do artista-empreendedor e, mais ainda, permitiu que parte da produção musical fluísse de forma espontânea e descentralizada em nichos de mercado, criando públicos e artistas à margem do *mainstream*¸ como, por exemplo, o tecnobrega no Pará (NAKANO, 2010, p.637).

Mas, o objetivo aqui não é dar os parâmetros, os dados e toda a história da música independente, tanto no Brasil como no mundo, bem como tudo aquilo que envolve a história da música e da indústria musical. Também não se objetiva, nesse capítulo, discutir o que é indústria musical, o que é indústria cultural e os modos de produção para uma atividade artística e, novamente, cultural. O objetivo é dar algum norte para a percepção do que é música independente, que aqui é entendida como o produto musical que não está ligado às grandes corporações da produção da música mundial/nacional. Assim, a música independente, a cena independente – que abrange as diversas produções desse meio e toda a movimentação que nele está envolvida – e os artistas independentes são compreendidos como aqueles que fazem seu trabalho por iniciativa própria, às vezes sozinhos, às vezes em união com gravadoras e pequenos selos – que são, também, independentes.

3. “À SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO”

“À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010” reúne cinco reportagens, que, como o título elucida, falam sobre a música autoral da cidade em dois determinados momentos. Os períodos foram assim escolhidos devido à notória importância para Santa Maria. É na década de 1990 e na década de 2010 que muitos nomes ligados à música autoral e independente aparecem, buscando sua profissionalização.

O trabalho tem o objetivo de apresentar ao público aspectos, datas, shows, bandas, músicas, e enfim todo um cenário de música independente nos dois períodos citados. Mas, principalmente, procura-se contar por pessoas e histórias de pessoas sobre o tema em questão, fazendo com que as reportagens, então, assumam caráter humanizado.

Assim, as reportagens falam da cena independente em Santa Maria nas décadas de 1990 e de 2010, mas tem isso como um pano de fundo para apresentar ao público personagens que fizeram parte dessa cena e que são, de fato, o mais importante. Porém, para a construção de reportagens mais precisas e mais próximas da realidade e da exatidão, foi necessário revirar o arquivo do jornal “A Razão”, de Santa Maria, bem como de materiais presentes nas redes sociais, como páginas de bandas, sites especializados em um determinado estilo, páginas de clubes, o portal da Prefeitura Municipal de Santa Maria, sites de locais específicos, como bares, casas noturnas e o principal teatro da cidade.

As reportagens, enfim, aparecem, respectivamente como “À sua própria criação”, que fala da cena musical na cidade na década de 1990 e de 2010, em quesitos gerais. A segunda reportagem “O independente na noite da cidade” trata dos bares e das casas noturnas, a relação com os artistas, suas histórias, qual o seu incentivo para as bandas, a importância do independente e autoral local. Já a terceira reportagem “A linha tênue entre o amador e o independente: profissionalização das bandas e a produção de... produtos” fala justamente dos modos de produção e circulação da música em tempos atuais e como isso está na cidade. A série tem como quarta reportagem “O poder público e os espaços sob sua custódia”, que fala sobre o poder público na cidade, os locais que estão sob a responsabilidade do Executivo de Santa Maria, bem como a situação desses locais na década de 1990 e agora. Por fim, a série se encera com relatos pessoais do autor, devido à sua proximidade com o tema. “Os passos incertos para a profissionalização do artista: a experiência pessoal de quem vos escreve” é um

relato meu, de como é estar nessa cena, de como ver a cena. São palavras em primeira pessoa, como músico, guitarrista de uma banda local. Nessa parte também consta a resposta dos entrevistados para a pergunta “qual o ponto de partida para a produção musical autoral e independente?”.

3.1. PRODUTO

À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria

O palco é pequeno, com alguns poucos metros quadrados – que comportam umas quatro pessoas – e com uma estrutura muito simples, com um tablado de madeira pequeno. Vai bateria, vai amplificador de baixo, de guitarra, e atrás da bateria e à frente dos amplificadores, sobem os integrantes. Todos eles estão ali, prontos para mostrar um trabalho ao vivo, para o público que estranha o modo como vê a cena. Os integrantes da Lágrima de Sangue estão de costas, virados para o fundo do palco, quase que dando de ombros para a plateia que aguarda o início do Show. Eles estão assim porque não tem coragem de encarar o público, afinal, na da década de 1980, isso não era comum de acontecer, tanto que é a lembrança que Pylla mais se recorda.

Edson Kroth, o Pylla, é uma das vozes mais lembradas e importantes no que diz respeito à música autoral de Santa Maria. Integrante de importantes bandas, como a Thanos na metade final da década de 1980, e a Fuga, em 1988, Pylla conta como essa cena foi marcante, e como que admirou a coragem dos integrantes da Lágrimas de Sangue, que subiram em um palco para uma apresentação ao vivo. E esse seria um importante passo para uma cena, que se criaria de fato em Santa Maria no final dos anos 1980, se consolidaria fortemente até a primeira metade da década de 1990. Sofreria uma baixa ainda nos anos finais da década de 90, que duraria um longo tempo, com muitas bandas e artistas passando por inúmeros palcos, com uma cultura de valorização de músicas cover – músicas de artistas e bandas consagradas, nacional e internacionalmente, sendo tocadas por outras bandas – que perdura até meados da década de 2010 – permeariam esse período, porque em anos anteriores algumas bandas já apareceriam para retomar uma cultura autoral –, e que depois de um tempo, dá espaço novamente para as músicas autorais, independentes, feitas em Santa Maria.

Na cidade localizada entre a boca dos montes, a movimentação cultural é conhecida de longa data. Com a Universidade Federal mais antiga do interior do Brasil – A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), fundada em 14 de dezembro 1960 – e o segundo maior contingente militar do país desde meados dos anos 60 – importante ponto estratégico para o Golpe Militar de 1964, que deixa sequelas até hoje – a movimentação de pessoas é constante, muitas vezes sazonal, e proporciona a troca cultural de inúmeros encontros. E nesses muitos encontros se fomenta e se forma algum tipo de agito cultural, algum tipo de interesse que faz, em um jovem, ou em um velho, ou nos dois ao mesmo tempo, despertar a necessidade de se expressar ao mundo. Ou ao menos à cidade.

Edson Kroth, atualmente, já comemorou mais de 50 verões, já subiu em palcos de mais de 170 cidades do Rio Grande do Sul, contabilizando um sem-número de shows, e tem na sua história musical uma importância única para Santa Maria. Esse senhor de longos cabelos louros integrou importantes bandas da cidade. Fez parte da segunda formação da Banda Thanos, fundada em meados de 1984, com som pesado e proposta autoral. A Thanos tem em sua história shows memoráveis, em uma época que as mídias digitais e comunicacionais eram bem mais adversas do que as encontradas em 2016. O Calçadão do centro de Sana Maria já ficou lotado, na altura da Rua Floriano Peixoto – que a essa altura estava fechada para os shows - com pessoas admirando o que aqui era feito. Pylla, mesmo passando por um período de coma de 33 dias em meados de 2001, está em atividade até hoje, com sua banda Pylla C14, tocando clássicos consagrados da Fuga, músicas próprias feitas no atual período, e também relembrando alguns nomes imortais favoritos do Rock N' Roll.

Esse senhor, que tem na sua carteira de aposentadoria a profissão "roqueiro", acompanha, divide palco e vai em shows de inúmeras bandas de uma nova safra de música autoral em Santa Maria. Ele vê Guantánamo Groove, já ouviu Pegada Torta, creio que conhece a Velha Cortesã, e vai a lugares que dão espaço para artistas locais, como é o caso do Boteco do Rosário, do Macondo (que já teve uma importância ao autoral muito maior que hoje), ao Moto Garage (nas poucas vezes em que o espaço é dado), ao Theatro Treze de Maio, à Concha Acústica e até na garagem do parceiro. Ele toca ao lado de seu sobrinho, Leo Mayer, um guitarrista exímio que produziu, em um ano de trabalho, mais de 50 bandas de diversos gêneros, e tem com seus 21 anos a experiência de um veterano no ramo de produção musical. Pylla é entrevistado por uma geração de novos interessados na história da música da cidade, dá seus conselhos, e com muito orgulho diz ter vivido para o rock e do rock. Mas antes disso tudo, viveu para expressar o que pensa, para cantar o que sente e mostrar a inúmeras faces as próprias composições.

Em uma cidade Efervescente como Santa Maria, cantar o que se pensa é algo corriqueiro. E essa história deve estar registrada para que aquele cara, ou aquela menina que tem interesse em mostrar o desagrado, saiba o que já aconteceu e o que acontece nessa terra distante 300 quilômetros da capital.

Os textos daqui são pra falar justamente disso, dessa cena cultural na cidade, nos períodos em que ela, de fato, se mostrou muito presente e forte: na década de 1990 e na década de 2010. Sabe-se lá o que leva as pessoas a dizerem não aos covers, que em números valem mais à pena para bares, e a mostrarem, mesmo com todas as adversidades possíveis, sua própria música. Seja na década de 90 ou na de 2010, o movimento cultural e de expressão desses artistas e músicos autorais é forte na cidade, e o interessante é narrar isso, para que as atuais gerações, juntamente com as passadas, e muito importantemente para as futuras, saibam o que aqui já passou, e como que as coisas acontecem, aconteceram e, talvez, possam acontecer.

Mais um detalhe: as reportagens a seguir têm como intenção narrar essa história mostrando as pessoas que as produzem. Ao menos algumas delas, é óbvio. Foram realizadas 18 entrevistas presenciais, com 20 pessoas (em duas vezes Pylla conversou, e nas duas estava acompanhado por alguém), uma foi feita via Skype – e aí está um exemplo do poder das redes sociais e tecnologias da informação – e uma foi respondida como questionário, via e-mail, porque a entrevistada não tinha horários disponíveis para um encontro ou mesmo uma conversa mais longa pela internet.

Além das entrevistas, também foi verificado o arquivo do jornal santa-mariense *A Razão*, conhecido de longínqua data por Santa Maria, nos períodos que correspondem a década de 1990 (de 1990 até 1999). Para além dos jornais e entrevistas, as redes sociais se mostraram presentes novamente, conferindo dados e informações das bandas, divulgadas pelas mesmas ou sites especializados, ou ainda plataformas de consumo musical. Vale lembrar que os textos aqui têm o foco na cena musical autoral e independente de Santa Maria, compreendendo que o independente é aquilo que independe de grandes gravadoras ou nomes relacionados à indústria da música – pois existem gravadoras independentes, selos independentes e afins – também das composições e processos por parte de bandas. Assim, não coube falar das carreiras exclusivamente solo, por mais que essas também tenham importância para toda a cena. Fica claro que não se adentrou em outros aspectos culturais e de entretenimento, como cinema, artes plásticas e visuais e afins.

Logo mais, daqui há um parágrafo e mais um pouquinho, vocês vão se deparar com a primeira de cinco reportagens que constituem a série. “**À sua própria criação**” fala de bandas

da cidade, apresentando os nomes, A movimentação e alguns aspectos que estão presentes nas duas décadas. A segunda reportagem, "**O independente na noite da cidade**"¸ fala dos bares e casas noturnas, que propiciam, além do poder público, os espaços necessários às bandas. Em seguida vem "**A linha tênue entre o amador e o independente: profissionalização das bandas e a produção de... produtos**" que aborda os modos de gravação, a circulação da música e seu consumo hoje em dia, e fala de como algumas bandas da cidade gravaram seus matérias, bom como alternativas à tudo isso. A quarta reportagem chama-se "**O poder público e os espaços sob sua custódia**", e fala justamente o que o título sugere, trazendo espaços da cidade, sua situação, como eram e como estão, além de alguns relatos diretos obtidos nas entrevistas. A série tem ponto final em "**Os passos incertos para a profissionalização do artista: a experiência pessoal de quem vos escreve**", que é justamente um relato meu, de dentro da cena, das minhas percepções como guitarrista de uma banda que busca seu espaços, sua profissionalização e tem o contato de perto com tudo isso – de perto e pessoal. Além de, contar também com as respostas dos entrevistados à pergunta "**qual o ponto de partida para uma produção musical, autoral e independente?**", que foi feita a todos e todas, sem exceção.

Que a cena musical independente e autoral nunca se perca, não só em Santa Maria como em todo o mundo. Não fosse ela, talvez estivéssemos revezando apenas entre Mozart e Beethoven e seus contemporâneos até hoje. Não, isso não é uma crítica, afinal, ambos os dois, como todos clássicos são ótimos, músicos fora do padrão, que são e merecem ser estudados até hoje. Mas, toda a percepção e expressão são válidas, e, quando bem feitas, bem pensadas, podem virar algo de gosto popular, que influência na cultura e, mais importante, nas pessoas. Que o autoral sobreviva, e que esse trabalho esteja disponível e ajude todas e todos os amantes de música, e todos aqueles que lidam com a música levada a sério.

Então, vamos à série...

À sua própria criação

Como a cena de música autoral da cidade se mostrou em 1990 e como se mostra agora, na década de 2010 (chamada)

A banda Thanos, mesmo com a importância que tinha, não detinha o respaldo técnico necessário para uma produção profissionalizada, tendo lançado a *Demo* (demo-tape, fita usada para registro de material fonográfico, reproduzida em larga escala na década de 1980 e 1990) "Omissão Nunca Mais" em 1987, como único trabalho. Um ano antes de seu fim.

Com o término em 1988, Pylla e seu ex-companheiro de banda Rafael Ritzel (guitarrista da Thanos) formam, juntamente com Gonçalo Coelho e os irmãos Luiz Ernesto Cacciari e José Ricardo Cacciari, a banda Fuga, que pode ser considerada um dos nomes de mais destaque da cena musical de Santa Maria na década de 1990. Com Pylla nos vocais, Rafael Ritzel e Zezinho – como era chamado José Ricardo – nas guitarras, Gonçalo Coelho no baixo e Pipoca – apelido de Luiz Ernesto, que já havia tocado em bandas como A Bruxa e a própria Lágrimas de Sangue – na bateria, a Fuga lançou dois álbuns de estúdio, ambos de forma independente, e marcou a cidade com suas músicas. O primeiro disco, assim como o segundo, veio em de LP (*Long Play*, o famoso "bolachão", ou disco de vinil) e recebeu o nome da própria banda. "Fuga" contou com a participação de músicos externos, como Ricardo Freire (banda Crysalida) nos teclados, Denise Fontoura no saxofone e Renato Molina (que integrou a Nocet) como vocal de apoio. Com mais de 150 horas de gravação e mixagem – ambas realizadas em Porto Alegre – o disco autoral contém dez faixas, e foi lançado em show realizado no Clube Caixeiral, localizado na Rua do Acampamento, nº 39, em 06 de setembro de 1990.

Nessa época, Paulo Ricardo Siqueira Pedroso estava atento ao que Santa Maria produzia de material próprio. O alegretense nascido em 1963 chega à cidade em 1978, e começa o seu trabalho cedo, logo em 1980, integrando a Rádio Santamariense (fundada em 12 de abril de 1954, sendo a segunda mais antiga da cidade, atuante até os tempos atuais na frequência 630 AM). Também fez parte da extinta Rádio Cultura FM (hoje Antena Um), teve um período na Rádio Medianeira FM de 1983 a 1991 (com algumas idas e vindas), e em 1985 integrava, além da Medianeira e da Cultura, a Rádio Atlântida Santa Maria. Foi em 1989, quando Paulo volta à Rádio Atlântida – ele havia deixado a emissora em 1986 para trabalhar na Rádio Cultura FM–, abdicando as demais rádios e assumindo o cargo de Gerente de Programação, que divergências começaram a ocorrer com a chefia da Rádio na capital Porto Alegre.

É que Paulo Ricardo teve, nos anos anteriores, contato com a música local de Santa Maria, com as bandas e os artistas que nessa cidade buscaram a expressão de seu trabalho. Com isso o alegretense tem o interesse de tocar músicas locais na emissora, pois como um fã e um observador, via potencial naquilo que as bandas da cidade coração do Rio Grande do Sul compunham. Assim, Paulo leva à Rádio Atlântida bandas como a Doce Veneno, Feeling, Serpent Rise e a própria Fuga.

"Foi uma revolução em Santa Maria, pra mim também. O pessoal que coordenava a Atlântida Porto Alegre não gostou muito".

Enquanto a cabeça da rede na capital era amplificador em todo o Rio Grande para Angélica cantar que estava pegando taxi, Paulo via que Santa Maria necessitava de algo além, pois em uma cidade universitária a troca cultural é grande, e a agitação do pessoal mostrava isso. Tendo que ouvir que "do Guaíba pra cá é outro país", as músicas da Fuga, bem como da Doce Veneno e da Feeling tocaram na programação local, e foram além, tocando diversas vezes para todo Rio Grande do Sul, estando entre as mais pedidas da capital. Com o mérito e a movimentação cultural intensa das bandas, Paulo solta o chavão "Seattle do Sul" para Santa Maria, fazendo referência à cidade estadunidense que foi berço de bandas como Pearl Jam e todo o movimento *grunge* que marcaria a década de 1990 no mundo.

No mesmo período, além da Atlântida, outra rádio se mostrou importante para as bandas da cidade. Funcionando no Hotel Itaimbé, localizado na Rua Venâncio Aires, nº 2741, estava a Rádio 105 FM. Concretizada de fato em 08 de julho de 1989, a 105 FM era pensada desde meados de 1986, quando o engenheiro Higio Germani comenta ao amigo Celito De Grandi sobre o Plano Básico de Distribuição de Canais de Radiodifusão Sonora em Frequência Modulada. No Plano, estava previsto para entrar em vigor, em Santa Maria, um canal de Rádio FM Classe A (classificação dada de acordo com o aparelho transmissor de ondas). Celito, interessado, vai ao encontro do irmão Luiz, fundador do Grupo De Grandi, comentar sobre a possibilidade de um canal em Rádio FM. Luiz não demonstra o entusiasmo de Celito, mas é convencido por sua esposa, Zaira De Grandi, e no dia 18 de dezembro de 1986 é registrado, na Junta Comercial de Santa Maria, a Empresa de Radiodifusão De Grandi Ltda. A Rádio 105 FM deveria ser instalada em março de 1988, mas a morte de Luiz interrompe o processo, e assim, mais de um ano depois, a 105 FM transmitiu seus primeiros sons nos aparelhos de rádio dos santa-marienses.

Somada a essas duas rádios, existia ainda a Rádio Universidade 800 AM, emissora pública, que teve sua primeira transmissão oficial no dia 27 de maio de 1968, localizada na época no 8º anda do prédio da antiga Reitoria, na Rua Floriano Peixoto, 1184. Operava inicialmente na frequência de 1320 kHz, mas, no ano de 1981, muda seu endereço para onde se encontra atualmente, no 10º andar do prédio da Reitoria, localizado no Campus sede da UFSM, operando com frequência de 800 kHz. Essas três rádios têm importância suma para a divulgação e alcance das bandas da cidade da década de 1990, afinal, o pequeno aparelho dotado de falantes, com uma antena para recepção de ondas e mais botões e regulagens para a sintonia de uma estação e controle de volume sonoro, que é ouvido até os tempos atuais, era na época o principal modo de ouvir música sem ter que pagar diretamente por essa.

Sem internet, o rápido acesso às informações e sem a disponibilidade de infinitas bandas ao alcance de um clique, uma emissora de rádio era a responsável por levar ao ouvido das pessoas músicas, sejam essas de nível massivo midiático, sejam elas independentes e locais. E é justamente aí que se mostra importância da 105 FM, Da Rádio Universidade e da Rádio Atlântida, pois essas tocaram os sucessos da Fuga, da Nocet, da Doce Veneno, da Feeling, Serpent Rise, Mob Dick e de tantas outras bandas que conseguiram um material para veiculação digno de ser tocado nas FMs locais.

Além disso, essas rádios foram importantes não apenas como veículos de transmissão sonora, mas também como organizadoras de eventos e difusoras da música santa-mariense diretamente para a população, ou seja, no ao vivo. A 105 FM, por exemplo, foi responsável pela vinda de artistas nacionais, o que movimentou bastante a cena cultural de Santa Maria, com nomes como Barão Vermelho, Lobão e Titãs subindo nos palcos da cidade disponíveis à época, e levaram grandes grupos de santa-marienses para o Ginásio do Corintians, para o Salão do ATC, para o Farrezinho, e para tantos outros locais da cidade. Essa movimentação de pessoas, de gostos, de gêneros e de cabeças sempre pensantes e atentas à música torna possível a aglomeração e troca cultural intensa. Pois bem, mesmo tendo os shows a nível nacional como um carro chefe, esses eventos possibilitavam a troca cultural e faziam as pessoas saírem de casa, afinal, quanto mais renomado o artista, maior seu alcance, e, consequentemente, seu público. E uma coisa leva à outra.

Com as promoções e artistas de renome, mostra-se possível – e muito necessário – o espaço para atrações locais, que, incrivelmente, tinham um público ávido na cidade. Público que sabia as letras, que cantava junto, um público fiel às canções autorais, fiel à cultura de Santa Maria.

As bandas de outrora

Fuga

Com tudo, o microscópico passa a ser visto a olho nu, e o material daqui toma forma mais concreta. Em 18 de setembro de 1992, na comemoração de três anos da 105FM, ocorreu, no Ginásio do Colégio Centenário – inauguração do Ginásio, para ser mais preciso – o show do artista Lobão. A atração principal seria precedida pela local Banda Fuga, que, como independente, passaria por desconfortos. Os equipamentos mal cabiam no palco, já que os da atração principal já estavam ali posicionados – e seriam usados apenas para si – e o descaso era mais um em cima do palco. A banda vê Lobão pedir para o show parar, após três músicas, justamente no momento de uma releitura do Metallica, afinal o grande Lobo havia sido vaiado uns anos antes no Rock in Rio, pelo público do metal, e estaria avesso às músicas mais pesadas. E, por muito pouco, Pylla não partiu para o soco com o artista nacional, sendo impedido pelo produtor Heron Domingues. Mesmo assim a Fuga apresentou as composições já presentes em seu disco "Fuga", e também mostrou ao público músicas inéditas, que estariam presentes só um ano depois, em seu segundo disco.

A banda Fuga, como já falado, é originária de outras bandas da cidade que se desfizeram. A Fuga é justamente um nome pra tudo isso, pois é, de fato, a fuga de membros da Thanos, Banana Explícita e Bruxa, que se uniram em outro projeto também de rock n roll, também autoral, no ano de 1988. Teve seu primeiro show realizado no Avenida Tênis Clube – fundado em 1917, localizado na Avenida Dois de Novembro, nº 1920 – em 15 de abril de 1989. A banda também participa como representante de Santa Maria no Programa Sul em Canto, exibindo um videoclipe produzido por Sérgio Assis Brasil, e é bicampeã do concurso Circuito Rock, promovido pela RBS.

A Fuga teve em sua história três álbuns gravados. Em 1990 o LP homônimo "Fuga" e em 1993 o – também LP – "Crime ao Vivo" e a coletânea, lançada em formato de CD, "Elo Um". Com os trabalhos e a projeção dada pela participação nos concursos, a banda excursionou pelo Rio Grande do Sul, tocando em diversas cidades do interior, e também tocando em Santa Catarina, em turnê conjunta com as demais bandas participantes do "Elo Um".

"Eu costumo dizer que na época da Fuga, a gente fez 172 cidades, e era por telefone o contato cara. O cara tinha um caderninho com os telefones de contato. Mas esse telefone não

era dele, às vezes era da vizinha. Às vezes a gente ligava pra um cara em Santa Rosa pra marcar um show, e a gente escutava a vizinha gritando "o telefone é pro Nelson, corre aí". E a gente tinha que esperar o cara chegar na casa dela. Quem tinha um telefone pela CRT (Companhia Riograndense de Telecomunicações, empresa fundada em 1962 durante o governo de Leonel Brizola e extinta em 1998, quando foi privatizada no governo Antonio Britto, sendo vendida à Telefónica) era rico, não era qualquer pessoa. Era uma família bem estruturada que tinha telefone".

Pylla tocou, com a Fuga, em diversos locais de Santa Maria. Realizou apresentações memoráveis no Calçadão, na Praça Saldanha Marinho, no Largo da Locomotiva, no Garajão, na Boate do DCE (Diretório Central dos Estudantes), um importante local para a propagação da música e da movimentação cultural até o início de 2013, no Centro Desportivo Municipal (CDM, ou o Farrezão, com um complexo de ginásios, em que, um dos menores complexos esportivos era chamado de Farrezinho e foi palco de para muitas músicas de Santa Maria) em clubes como o Caixeiral, o ATC e o Comercial. Também tocou na rua, nos ensaios abertos, e em ocasiões onde o público era quem fazia o show acontecer, ali, de forma espontânea.

"Sábado à tarde nos tínhamos o dia inteiro. Houve épocas onde, as duas da tarde, onde ensaiava a Fuga, a Rua João Rolim fechava. Sem mentira nenhuma, se juntavam 100 pessoas, cento e poucas pessoas. Um dia teve um evento que eu não consegui cantar do lado de dentro do ensaio, e cantei pela janela, do lado de fora. Então a gente fazia um show. A cada ensaio um show. Sobrava ideia."

A banda Fuga deixa de tocar os sucessos "Sentimento Perdido" (que esteve presente no primeiro volume da coletânea do Circuito de Rock, lançada em 1989), "Crime ao Vivo", "Políticos", "Saudade", entre tantos outros, em 1996. Dois anos antes, Gonçalo Coelho deixa a banda, e quem assume o baixo é Clayton Ribeiro. Pylla é um dos fundadores e também a voz presente em todas as gravações da Fuga. Porém, esse roqueiro nascido em Marau, que teve sua infância vivida em Tapera até o ano de 1981 - quando se muda à Santa Maria para trabalhar no Jornal A Razão – deixa a Fuga em 1995, motivado pela saída do ex-companheiro Gonçalo e pela postura musical que a banda vinha apresentando. Assim, quem assume o vocal é Alexandre Pinto Höehr, amigo de Pylla, que já fazia parte da Fuga como vocalista desde meados de 1994.

A desintegração de bandas vindas da década de 1980 não resultou na formação apenas da Fuga. A saída de integrantes da Thanos, e principalmente da Bruxa, culmina, tempos depois, na formação de mais uma banda importante para Santa Maria, a mais antiga da cidade atuante – como a palavra já implica – nos dias de hoje. Mas a história dos anos 90 está intimamente ligada à dos anos 80, que por sua vez tem um pé na década de 1970, decisivo para todo o desenrolar da cena na cidade.

Nocet

Renato Leonardo Bezerra Molina não mede mais que 1m70cm. O homem de barba branca e cabelos grisalhos encaracolados nasceu em Santa Maria, na Vila Belga, em 1958. Desde bastante cedo teve contato com a música, afinal, a região da Vila Belga – que compreende as Ruas Ernesto Becker e Manoel Ribas, principalmente, a partir do lado direito de quem desce a Avenida Rio Branco, e mais as outras ruas transversais, como a André Marques – era uma área de bastante efervescência cultural. A Viação Férrea e a Estação Ferroviária tem um importante papel para a história da cidade, e com o auge do movimento ferroviário entre 1910 e 1950, Santa Maria passa a ser importante ponto de trânsito, com vagões que trilhavam para o centro do país e também para a Argentina. Nascido e "crescido" aí, Renato Molina tem na sua infância o contato com as músicas que tocavam no rádio – àquela época rádios de madeira, quadrados, que funcionavam pelo aquecimento das válvulas – também tem, através de seu tio, o contato com discos de vinil, tanto compactos como o Long Player, o bolachão, ou simplesmente LP – que além do tio só Renato mexia – e com um violão.

Auto-didaticamente Renato aprende a tocar o instrumento, e tem no seu berço de formação muito da Bossa Nova e do rock n' roll. Então, na década de 1970, Renato monta uma banda de folk rock acústico, com alguns colegas da Escolha Estadual de Educação Básica Manoel Ribas, conhecida como Maneco – localizada na Rua José do Patrocínio, número 85 – e começa a ensaiar suas primeiras músicas autorais. É a banda Corpos e Climas, que chega a ganhar alguns festivais estudantis. Mas como a vida não reserva os mesmos caminhos a todos, a banda acaba entre 1978 e 1979. Desse período até a formação da Bruxa, na metade da década de 1980, Renato Molina perde o contato com banda, apesar de nunca ter deixado o instrumento de lado.

Em um processo natural, a banda Bruxa foi tomando forma. Renato começa a trocar algumas ideias com seu professor de física, Gesse, de algum cursinho pré-vestibular. O contato se expande a Alberto Moraes Antunes, o Beto, que havia sido colega na Corpos e Climas, e sempre teve o habito de escrever poemas e poesias, em prosa e verso. Gesse tem o contato de Clóvis Müller, ex-colega de Renato no Bacharelado em Música pela UFSM – em 1979/1980, ambos foram da primeira turma do curso, mas o único que seguiu até o final foi Clóvis – e a Bruxa toma sua forma, com músicos que tinham o objetivo em comum.

Porém, a Bruxa foi colocada na fogueira em 1987, um curto tempo pra quem pegou a vassoura apenas em 1985. Do fim da Bruxa até 1989, Renato Molina fica envolvido apenas com a Rádio Universidade – na qual trabalha desde 1982 – até que Sérgio Assis Brasil, um de seus colegas nas ondas da emissora, pede para que ele vá fazer uma visita em sua casa. O pedido tem no fundo a intenção de que Renato conheça e converse com o filho de Sérgio, Gustavo Assis Brasil, que estava tomando gosto pela guitarra. Conversa vai, papo vem, Renato e Gustavo trocam figurinhas, e Renato apresenta nomes diferentes dos "heroes" do fim da década de 1980 (como Yngwie Malmsteen na guitarra) com os quais Gustavo estava habituado a ouvir e reproduzir. Daí as coisas começam a acontecer.

Molina traz consigo o Beto, pelas composições e escrita. Gustavo assume a guitarra, Renato, como de costume, segura a bronca dos vocais e chama o irmão Marcus para o contrabaixo, até porque Marcus estudava com Clóvis Müller. Fabrício Soriano assume as ferragens, tambores, pratos e as baquetas da banda, e no fim de 1989 estava formada a banda Nocet. Em meados de 1991 integra a banda Leandro Machado, com os teclados, dando à banda sua formação mais clássica, participante do "Elo UM" e que lançou, em 1997 o CD "N".

A palavra "nocet" vem do latim "nocivo", e a banda apresenta peculiaridade em suas composições. Há a mistura de elementos clássicos do Hard Rock com nuances tradicionalmente brasileiras, e a mistura fica feita com as composições em inglês, porque, como afirmam os membros, é o que melhor encaixa com o estilo musical proposto. A banda troca seus acordes em conjunto na garagem da casa de Sérgio Assis Brasil, como a maioria das bandas que improvisam um local para ensaio. Sem isolamento acústico, a esposa de Sérgio, Ana Maria, cede um espaço usado para a estocagem de suas obras – Ana era, como se percebe, artista plástica. As composições começam com violão, baixo e guitarra, sendo acrescentadas, gradualmente, pelo vocal e pela bateria.

Assim, a Nocet, no início da década de 1990, começa o seu trabalho produtivo, que mostra resultado logo em 1992. Nesse ano a banda representa Santa Maria no programa

televisivo “Sul em Canto”, pois seu trabalho vinha chamando a atenção do público e da emissora, que realiza, então, a gravação de um clipe. A música escolhida é “It Will Pass by Me” – um dos maiores sucesso da banda – que tem seu vídeo gravado no Anfiteatro do Centro de Artes de Letras (CAL) da UFSM.

Pouco após o lançamento de “N”, Renato Molina deixa a banda, por dois principais motivos. Um era o envolvimento com a família, porque a vida da música e dos músicos, em sua grande parte, afasta alguns contatos pessoais. O segundo motivo, fundamental, era a continuidade dada à banda.

“Eu apostava que a banda tinha que levantar voo do país”.

A aposta vira oportunidade quando a banda recebe um convite da Alemanha, do mesmo selo que lançou a banda de rock Scorpions, para que o “N” fosse totalmente remasterizado em terras germânicas.

“E aí que houve uma diferença de opinião. Uma parte da banda achou que era arriscado demais, e outros que não, que essa era a chance. E eu já tava começando a ficar muito chateado de ficar tocando em Santa Maria, pelas mesmas coisas de sempre, sem uma possibilidade de algo um pouco maior, de aprender um pouco mais, de buscar umas coisas mais interessantes. Sempre pelos mesmos valores, e pelas mesmas reclamações de donos de bares. Aí eu pedi pra sair”.

E, um pouco após a saída de Renato, Gustavo também deixa a banda, que em 2006 grava seu segundo disco, intitulado “Bullets”. Dez anos após esse lançamento, a Nocet é formada por Marcus Molina, que administra o baixo e é vocal principal, Guilherme Barros na guitarra e Fabrício Soriano, que continua atrás das ferragens, pratos e baquetas da banda. Renato Molina, atualmente, é diretor da Rádio Universidade, e além de operar com maestria a mesa de som, canta na banda de tributo aos Beatles “Magical Mistery”, juntamente com seu irmão Marcus, além de dar aulas de vocal em Santa Maria.

Ânima e Trem Pagador

A década de 1990 tinha, em particular, um ponto positivo para a cena musical. A linguagem era a mesma. Os bares, quando viram a oportunidade de movimentar com a música, assim o fizeram. O clássico banquinho e violão há muito está presente, mas o fator bandas trouxe, literalmente, mais barulho e pessoas para os bares de Santa Maria. A linguagem, quando comum, proporciona uma mesma visão, e pode gerar iniciativas brilhantes. Por exemplo, em 28 de julho de 1990 ocorreu na cidade a final da primeira edição do concurso "Fest in Bar", que objetivava mostrar o que era feito em música de bar na cidade e também os talentos de Santa Maria. O festival contava com eliminatórias e uma comissão julgadora dos talentos, e teve 30 concorrentes. Os vencedores da primeira edição foram Helena Anversa, Tuni Brum e Rodrigo Costa. A ideia veio do músico Janu Bert. Nos dias 24, 25 e 26 de outubro daquele mesmo ano, ocorreu a segunda edição do evento, que premiou Rejane Miranda, Larry Charão e Tuni Brum.

E a parceira se fazia com diversos músicos, de diversas vertentes e de muitos estilos musicais. Rejane Miranda, que trabalha na Rádio Universidade apresentando o programa Fazendo Arte, muito cantou aos cantos e bares de Santa Maria, acompanhada de músicos e instrumentistas de uma qualidade tão lapidada quanto joia de muitas cifras, como é o caso de Dadá Alves.

Odalis Eleutério Alves, o Dadá, é um homem alto, certamente com mais de 1m80cm, de voz firme, de pele negra, cabelo trançado e de uma parceria daquelas raras de se encontrar. Nasceu em São Bernardo do Campo em 24 novembro de 1966. Desde cedo – assim como muitos – tem o contato com a música, em particular, pela família da parte da sua mãe. Através de projetos da Igreja Metodista, Dadá chega à cidade em 1989, vindo de Porto Alegre, numa descida que começou no Rio de Janeiro, onde ocorrera o Encontro de Práticas de Solidariedade da América Latina. O encontro foi tão forte, e mexeu tanto na sua cabeça, que Dadá embarca à Porto Alegre e vai ao Festival da Música Sacra da Igreja Metodista. Lá ouve que ele deveria vir à Santa Maria, pois um grande amigo, o Didi, estava na boca do monte. O paulista vem, e no final de semana na cidade, Dadá da uma força a Ricardo Freire, músico que se apresentava no bar PUPANÉ – localizado Rua Professor Braga. A força foi tanta que, para a semana seguinte de sua vinda, Dadá já tinha uma data marcada para tocar no bar. Então, fez check-in em São Paulo e, dias depois, estava em Santa Maria novamente.

Além de pegar seu violão, sentar em um banco num bar e tocar para as pessoas de forma mais intimista, ele teve participação importante em projetos e bandas locais. Tocou,

mais recentemente, em bandas de baile, como Banda Búfalo, em bandas que marcaram pela sonoridade e postura, como a Pai de Todos, que tinha como baterista Rafael Bisogno (atual baterista de Humberto Gessinger e do projeto Comparsa Elétrica), e banda Trem Pagador. Viveu a cidade em um momento de início, de experimentação e valorização do autoral. Mas, acima disso, viveu em um período de bastante parceria entre os músicos da cidade.

"E a gente tinha essa gana de descobrir as coisas juntos, de cantar junto. Eu me lembro que cantava eu o Rodolfo o Marcelo e o Didi sempre com trabalhos vocais. E eram duas duplas distintas, mas a gente tava sempre cantando junto. Renato Mirail, Ivan Trelha, o próprio Ricardo Freire. Então a gente tinha essa gana de crescer juntos, e foi muito pessoal, tanto que a gente fazia shows juntos."

Dadá teve como um dos principais projetos a Banda Ânima, que, com o nome altamente sugestivo, fazia sons que agitassem as pessoas. Era uma mistura de ritmos nordestinos, principalmente baianos, que se juntavam a uma mistura de músicos de excelência. A Banda Ânima tinha nos vocais Dadá e Didi. Esse, por sua vez, também era responsável pelo violão. Além da dupla, conhecida entre si e conhecida pela cidade, Carlos Contreras assumia a bateria, com Paulinho na guitarra e Paulo Bracht nos teclados.

Ainda nesse período Dadá emplaca sua voz nos microfones e alto-falantes da cidade. Compunha, juntamente com os amigos Sandro Cartier na percussão, Marcelo na bateria, Valdor nos teclados e Broder Bastos no baixo – que substitui o primeiro baixista Rodolfo, que deixa a banda em 1995 – a banda Trem Pagador, que esteve presente em diversos festivais da cidade. Com Broder na banda, a Trem Pagador tem proposta mais arrojada, e começa a trabalhar em músicas próprias ainda no ano de 1995. Tocaram na Feisma (Feira Industrial de Santa Maria, ou, como é chamada, Multifeira de Santa Maria), subiram em palcos e espaços da Saldanha Marinho, encabeçaram projetos como o "Sem-Festas", dedicados à música de Santa Maria no período de baixo público das férias das escolas e da UFSM, e animaram, com toda certeza, as pessoas que os viam – a banda também participou do segundo volume de uma importante coletânea autoral para a cidade.

Dadá dividia palcos e histórias com todas as demais bandas da noite santa-mariense e também com quem frequentava os locais na cidade. A união das bandas era, de fato, algo marcante, e em idos de 1990 – onde as tecnologias da informação eram pífias se comparadas as de agora – toda iniciativa encontrava dificuldades. Mas, ao mesmo tempo, força para acontecer. Dessa união, desse elo, surge, em 1993 a primeira coletânea em CD do estado do

Rio Grande do Sul, reunindo quatro bandas da cidade, com composições autorais, todas no CD, que, ao todo, contém 16 faixas.

"Elo Um" foi o nome escolhido para o disco, e não poderia ser outro. Com a participação das bandas Fuga, Nocet, Feeling e Doce Veneno, a cidade mostrou que estava sim para um negócio sério, e que poderia afrontar Porto Alegre na época, que era – bem como ainda é – a metrópole cultural do estado. O comentário uníssono de todos os envolvidos com o CD dá conta das barreiras da capital, da impermeabilidade de se chegar ao público porto-alegrense, seja em rádios, seja em apresentações ao vivo. As bandas já se conheciam, já mantinham contato, já eram parceiras de ensaios abertos – que aconteciam como shows em um período de primeira expansão da música autoral em Santa Maria – e decidiram encarar a bronca juntas, cada uma com a sua experiência, todas compartilhando novas experiências.

Doce Veneno, Feeling e Chrysallida

A Doce Veneno surge em 1989, com a proposta de fazer um tipo de som – um rock n roll – sem rótulos, que fosse dançante e ao mesmo tempo forte, pegado. Mesmo com a música "Velhas Estórias" gravada e lançada em seu ano de surgimento, alcançando bons índices de inserção nas FMs locais, foi a partir da transição de 1990 a 1991 que a banda ganha mais força. Nesse período, Arion Pilla assume os vocais, e juntamente com Rogério Streit Lobo no baixo, Guilherme Barros na guitarra e Marcelo Freitas na bateria – à época, a média de idade dos integrantes era de 20 anos, à exceção de Arion, com 26 anos, tendo participado do Coral da UFSM e sendo o ponto seguro da banda.

É nesse ano que a Doce Veneno se prepara para lançar seu primeiro LP. Porém, o trabalho só sairia de fato em 1997, já em formato de CD, intitulado "Na Contra-Mão", com lançamento no 25º Festival de Cinema de Gramado. Tal prestígio para o lançamento é resultado de toda produção e seriedade no trabalho efetuado ao longo do tempo. Assim como a Fuga, a banda participa do o concurso "Circuito de Rock", no caso, em sua segunda edição. A final realizada na cidade de Capão da Canoa, no dia 18 de dezembro de 1994, premiou a música "Eu não Vou Ficar", de autoria de Arion Pilla, que a essa altura já havia deixado a banda. Além de Arion, que foi substituído por Emerson Silveira "Sininho" no vocal (além de ter tocado guitarra na banda) Eduardo Refosco entra como novo baixista, substituindo Rogério, e vê a música premiada ser a primeira faixa do segundo volume da coletânea do festival, lançada em 1995.

Em 1994, também, a banda grava um videoclipe, que alcança o privilégio de entrar para a programação da MTV (nos anos 90 a emissora tinha papel fundamental na divulgação de artistas e da música de forma geral. A era dos videoclipes marca a televisão mundial, e a *Music TeleVision*, muito diferente dos dias atuais, era formadora de opinião e um importante canal). O vídeo de "Eu não Vou Ficar" foi lançado no centésimo show da banda, realizado no dia 6 de maio de 1995, no Space Hall do Clube Corintians. Produzido pelo jornalista Rene Goya, em Porto Alegre, o clipe fez com que a Doce Veneno fosse a primeira banda santa-mariense a ser exibida na emissora.

A Doce Veneno, que também marcou presença na coletânea nacional Brasil Independente, de 1994, não havia lançado seu segundo disco próprio até o final da década de 1990, mesmo trabalhando no mesmo desde meados de 1998. Atualmente, a Doce Veneno é saudade e não se apresenta mais, não grava mais.

Bem como a Doce, a Feeling, juntamente com Nocet e Fuga, também participa do "Elo Um". Originalmente formada em 1988 por Celsinho Streit na guitarra, Emerson Sininho no baixo e vocal e Alexandre Chibo Pacheco na bateria, a banda teve importante posicionamento e influencia para a música da cidade na dita década. Após algum tempo, Alex Lappann entra na banda como guitarrista, vocalista e também produtor, e Luciano Dalmolin assume o baixo, sendo, posteriormente, substituído por Claiton Ribeiro. Com diversos shows por cidades no interior do Rio Grande do Sul, e também apresentações em Porto Alegre, há sempre presente a crítica à mídia da Capital, assim como há no Elo Um. A banda tocou no Jazz Bar e no Bar Opinião em Porto Alegre, bem como no Bombril e outras casas em Santa Maria.

Sem vocalista tem-se também na cidade, a partir de 1987, uma banda experimental e instrumental. Composta por músicos de que fazem o movimentar dos dedos, lábios, pulmões, braços e pernas com excelência, a banda Chrysallida trouxe ao público de Santa Maria um jazz diferente, e influenciou e colaborou muito com demais bandas daqui. Originalmente formada por Luiz Martins no baixo, Edésio Gomes no saxofone, Renato Pereira na Bateria, Evandro Brenner na guitarra e Ricardo Freire no teclado. Todos tocaram e encantaram a cidade em seus anos de atividade, emprestando, inclusive, seus integrantes para a gravação e shows de outras bandas. Parceria e boa música não faltaram.

Serpent Rise

A Serpent Rise foi uma importante banda para a cidade, naquilo que diz respeito ao autoral, ao posicionamento e as primeiras investidas em alternativas de mostrar seu trabalho para outras pessoas. A Serpent tinha como vocalista Agnaldo Gomes. O homem alto de com seus 1m90cm, cabelos curtos – atualmente, porque na época da banda eram longos – foi fundamental para a criação da banda. Era vocalista, bem como ainda o é quando volta a se arriscar em palcos e ensaios, e manteve contatos importantes entre as bandas da cidade e com pessoas fundamentais fora de Santa Maria.

Agnaldo Castanho Gomes nasceu nas terras da Boca do Monte mesmo, no ano de 1968. Teve seu primeiro contato com música, mesmo, em 1984, em uma festinha de final de ano da escola. Obviamente teve o contato, mesmo que indireto, com a música, quando seus pais ouviam algo em casa, mas, na festinha, ouve pela primeira vez – uma colega havia levado uma fita cassete – o gênero que ia o influenciar a querer estar sempre ligado à música. Em um lado da fita havia Deep Purple, do outro, Black Sabbath, e mesmo que as bandas não tivessem tido o agrado de todos, o pouco tempo de execução foi o suficiente para que Agnaldo fosse atrás das músicas, e o peso foi avançado. Um pulinho para o metal mais pesado.

Em 1989 conheceu Gilberto Ramalho, da Exclusive – loja que vendia LPs e posteriormente CDs na cidade, inicialmente localizada na Rua Venâncio Aires, que depois de 10 anos de atuação, foi para a Rua dos Andradas, onde permaneceu até algum tempo atrás, quando Gilberto muda-se da cidade – que ofereceu um emprego a Agnaldo. Mas, desde um ano antes, em 1988, Agnaldo já tem um contato um pouco mais sério com a música, e nesse ano tem sua primeira banda – de garagem mesmo – a Mausoléu, que como sugere, era de metal pesado.

Tem sua segunda banda no mesmo ano que começa a trabalhar na Exclusive, chamada Nuctemerum, que nunca teve uma formação completa sólida, mas que conseguiu aparecer para pessoas na Polônia. É que nesse período de transição dos 80 para os 90, a comunicação por *fanzines* (revistas caseiras, feitas com colagem, Xerox, escritas à mão, de modo artesanal e independente) eram um forte meio de comunicação. Indo até os correios, colocando em envelopes as *zines*, o país europeu conheceu, nem que por nome, a segunda banda de Agnaldo.

"A gente conseguiu movimentar dentro daquilo ali, que a Nuctemerum fosse conhecida fora daqui, tanto do estado quanto do país. É algo meio surreal, naquela época era no peito e na

raça. Trocava carta, não tinha internet, não tinha e-mail, mp3. A gente escrevia carta, enviava fita cassete em carta registrada. Quando não tinha grana mandava só os rolinhos da fita na carta. E a gente recebia muito material. Esse foi o meu inicio na musica."

Já no início da década de 1990, Agnaldo forma a Serpent Rise. A banda, apesar de envolver o prazer de tocar – e tem que ser por aí mesmo – foi o projeto encarado com mais seriedade pelo vocalista e pelos amigos. Teve mais profissionalismo, e conseguiu ir além em relação as demais bandas de Agnaldo. Tinha formação original que contava, além de Agnaldo, com Julio na bateria, Diogo Fronteira na guitarra, Luís Gustavo também na guitarra, Marcelo Quilca no baixo e também nos backing vocals e Rafael Pinheiro nos teclados. Mas, com outra formação que a banda lançou seu primeiro CD, em 1998, intitulado "Gathered By...", único álbum no nome da banda até hoje – álbum completo, pois em 2008 é lançado o EP "Euphoric Waves of Melancholy".

"A formação que ficou clássica, que fez toda a turnê do Ghaterd, foi Luís Henrique Coser na bateria, eu no vocal, Júlio e Luís Gustavo na guitarra, Marcelo no baixo, e no teclado o Sávio Werlang, que foi da Poços e Nuvens, que hoje tem a Transneptune. Inclusive ele ficou na Serpent depois, na ultima formação ele tava".

A Serpent alcança visibilidade, e leva o nome de Santa Maria para fora do país – algo muito importante – sendo reconhecida na cena do metal – que é algo de uma união e parceria absurdas. A banda também se apresenta em Belo Horizonte, no ano de 1994, no "BH Rock Indempendet Fest", que é realizado em quatro noites. No festival a prefeitura de BH, na época organizou o espaço, com toda a estrutura e o bom tratamento necessários aos artistas na praça da estação, contando com diversas bandas do país e também bandas que atravessaram as fronteiras brasileiras. Com isso a Serpent deu entrevista para a MTV, para a Rede Bandeirantes de Minas Gerais, o que deu visibilidade e expôs a banda para além de Santa Maria.

Atualmente – e desde um tempinho – Agnaldo vem trabalhando com a produção de eventos na cidade, que envolvem bandas autorais e também as clássicas bandas cover. Faz parcerias com locais como o Boteco do Rosário, e ajuda, incentiva e fomenta a cena local de Santa Maria nos tempos atuais. Sempre, desde antes de começar na música, via a cidade com intensa movimentação de bandas autorais, sempre com uma cena que aparece, e que, deve sim ser valorizada. Mesmo que o autoral não dê lá o retorno financeiro necessário.

A Serpente Rise, depois de uma conversa envolvendo Agnaldo e o amigo Júlio – amigos de longa data e companheiros desde a primeira formação – acaba, no ano de 2008. Até então, não voltou à ativa, mas está aí, nas redes sociais e na internet como um todo, para quem quiser ouvir e saber mais a respeito desse trabalho de metal pesado.

As Bandas de agora

Fúria Rock Paulera

A banda Fúria surge, na realidade, no final da década de 90, precisamente no ano de 1999. Tem importância para a cidade pelo peso e pela postura que apresenta, estando na ativa até os dias atuais, batendo – e fazendo com que a galera dos shows também bata – cabeça. Mas claro, não no sentido literal, pois bater cabeça é o ato de, ao som da música, balançar a caixa cerebral pra lá e para cá, cima baixo, baixo cima, com cabelos longos ou não.

Tem peso, peso mesmo nas sonoridades, fazendo algo que permeia o hard core, o metal e o trash metal, e, ao longo de seus anos tocando em palcos e bares de Santa Maria e de todo o Rio Grande do Sul, apresenta a crítica social em suas letras. Já teve diversas formações, mas hoje a Fúria está com um power trio, mais pesado que os tradicionais da década de 1960 e 1970 na história do rock. Bruno Ramos Vaz assume a guitarra, com Duda Barcelos no baixo e Fabrício Ruivo – que, por ostentar uma grande barba laranja tem o codinome da guerra diária do independente – na bateria.

Cronologicamente, a Fúria lançou uma demo, homônima, no início do ano 2000. No ano seguinte lança outra demo, chamada “Trabalho Sério” e um videoclipe – ambos independentes, como todo o trabalho que vem sendo realizado pela banda – para a música “Estupidez”. Em 2004 lança o single “Invasão”, e em 2010 a demo “Confronto”. Passado o início da década, é em 2013 que lança mais um single, “Tragédias Anunciadas”, e em 2014 seu mais recente trabalho, mais um EP, com a formação que toca atualmente, o “Visceral” – que foi gravado e produzido pela própria banda e por Leo Mayer.

Rinoceronte, Quarto Ácido, Camaleão e os Bicho do Mato

Um pouco antes da virada da década, em 2007, surge em Santa Maria a banda que, da nova safra, mais alcança visibilidade, tanto em seu próprio terreno quanto fora dele. O power trio Rinoceronte é formado, como um clássico power trio da década de 1960, por guitarra, baixo e bateria. Respectivamente, essas funções são exercidas por Paulo Noronha, Vinícius Brum e Luiz Henrique, o Alemão. Paulo e Vinicius, além dos instrumentos, são responsáveis pela voz da banda, e Alemão, além do estouro dos pratos e tambores, é o principal compositor da banda.

O Stoner Rock é o gênero mais definível para a Rinoceronte, que com muito peso, filosofia de vida nas letras e uma postura explosiva tanto ao vivo quanto em seus trabalhos gravados, tem dois trabalhos lançados e uma longa estrada percorrida. 2009 é o ano em que a banda adquiri popularidade, quando é a escolhida do programa MTV Procura com Cachorro Grande. A banda de sucesso em todo estado achou na Rinoceronte o que era esperado pelo programa, e assim, a nível nacional, a Rinoceronte aparece ao cenário independente da música. Com isso, participa de festivais grandes no território brasileiro, como o Calango em Mato Grosso, Goiânia Noise em Goiânia, Macondo Circus, Morrostock e GiG Rock no Rio Grande do Sul.

É nesse mesmo ano de 2009 que a Rinoceronte consegue parceria com o Estúdio Marquise 51, de Porto Alegre, e a Casa Fora do Eixo que a banda lança seu primeiro trabalho, homônimo, em forma de EP, que teve suas cópias rapidamente esgotadas, em todo o cenário nacional. Assim, em 2010, com a parceria do Circuito Fora do Eixo, A Rinoceronte sai correndo pelos asfaltos e estradas batidas do Brasil, tocando em Goiás, Minas Gerais, no Distrito Federal e em São Paulo, onde os integrantes empunharam seus instrumentos em locais como o SESC de São Carlos, a USP (Universidade de São Paulo), UFSCAR (Universidade de São Carlos) e a Virada Cultural de São Paulo.

É ainda em 2010 que a Rinoceronte grava “Nasceu”, seu primeiro álbum de estúdio. Em 2011 a banda também tem na MTV o clipe da música “Anda no Ar”, fato que a projetou ainda mais no cenário nacional. Em 2013 a Rinoceronte lançou seu segundo disco, “O Instinto”, que tem clipe para a música de mesmo nome lançado no mesmo ano.

A Rinoceronte não sobe aos palcos desde 2015. Mas isso é, a princípio – e que assim queiram as forças sublimes da boa música – uma pausa.

“Não acabou né”.

É o que Vinicius Cristaldo Brum comenta sobre a Rino. Nascido em Santo Ângelo e comemorou seu 34º aniversário no dia 4 de maio de 2016, homem de fala suave, cabelo longo e barba no rosto veio para Santa Maria no final de 1998 juntamente com a família, e toca "profissionalmente" – aspas do próprio – desde 2001. Tem as suas primeiras músicas autorais compostas e tocadas ainda nesse período, quando Vini Brum, como é chamado, ainda tocava guitarra e cantava em uma banda de parceiros, na época de escola.

Das bandas de um tempo atrás, com proposta autoral, a que teve maior visibilidade foi a Outhouse Birinight Band, onde Vini assumia os vocais. Na época, os quatro integrantes da Outhouse estudavam na UFSM, três no curso de Geografia e um na Música, assim, a maioria das ocasiões de shows – levando em conta que nos anos 2000 os espaços eram em menor quantidade – estavam ligadas ao Diretório (DCE) ou a festas de curso da Universidade.

Atualmente, com a pausa da Rinoceronte, Vinicius toca na cidade em diversos projetos, desde acústicos no estilo barzinho, com voz e violão, como é o "Cantigas de Rock", até projetos de tributos e releituras, como é o caso da banda Harvest Moon, um tributo ao clássico Neil Young. Mas, das bandas de proposta autoral, o pé na psicodelia da Rinoceronte ainda se encontra nas linhas de baixo e na sonoridade da Quarto Ácido, banda de Panambi formada em 2011, que possui dois EPs (2013 e 2014) na conta, em que Vini também participa atualmente.

Além dessas, Vinicius Cristaldo Brum integra a banda Camaleão e os Bichos do Mato, formada, além dele, por Leo Mayer, Vitor Calegaro e Lucas Lobato. A Camaleão, antes mesmo de realizar um show, já havia produzido um CD, homônimo à banda. Também pudera, a formação conta com músicos que tem experiência, e fazem um hard rock com elementos clássicos do gênero e com atualidades do novo hard rock. Vini Brum, como de costume, assume o baixo da banda, juntamente com os backing vocals, e divide a cozinha com Lucas Lobato. Vitor Calegaro é encarregado da guitarra e dos vocais principais, bem como compositor de grande parte das músicas, e alterna seus solos com Leonardo Mayer, guitarrista principal – da banda, e um dos mais importantes da cidade nos momentos atuais.

Pylla C14, Tia Sú. Leo Mayer

Leonardo Mayer, ou Leo Mayer como é conhecido por todos os músicos de Santa Maria, nasceu no dia 24 de junho de 1995, na cidade de Tapera. Desde cedo, mas muito cedo,

tem o contato com o Rock n'Roll, assim mesmo, com letras maiúsculas. É que Leo é sobrinho de Edson Kroth, o Pylla.

"Eu tratei de educar aquele menino maravilhosamente bem. Desde que ele nasceu eu disse que nascia o meu cara. O pai dele ficou puto da cara comigo... e aos seis anos eu dei o primeiro instrumento. Aos nove dei uma guitarra. Aos 11 anos comecei a ter ele, trouxe pra dentro da minha casa. E hoje é esse menino."

As palavras do tio coruja não são, se não, absurdas verdades. É notável o conhecimento musical de Leo, desde a parte de instrumento, até a parte de produção musical. Com cerca de 13 anos, o menino abandona a escola, e dedica-se exclusivamente à guitarra, instrumento que fascina fãs de rock, blues, jazz e tantos outros estilos há décadas e décadas. E, como grandes nomes do instrumento, Leo dá a dedicação merecida às seis cordas, aos captadores, tarraxas, madeira, ferragens, trastes, botões e todos os detalhes que compõem a guitarra.

Com dedicação exclusiva, os dedos respondem aos comandos cerebrais facilmente, e a mente – com perdão da rima – se expande até as casas do instrumento, produzindo notas que soam juntas, e juntas encantam tanto os que tocam quanto os que também ouvem. Assim, Leo adquire maior intimidade, e com isso, a profundidade musical necessária. Então, ainda bem jovem – ele continua jovem, afinal, são apenas 21 anos – começa a trabalhar com produção musical, no Sonare, que, lá nos idos de 1990, era o principal estúdio de gravação da cidade (ainda com nome de Master, que, depois, se desintegra e vira o Studio Master e o Sonare).

Trabalha com a produção de estúdio, observa, aprende, erra e acerta nessa experiência. Até que, nos idos da década de 2010, abre seu próprio estúdio de gravação, e grava muitas, mas muitas bandas. Quando começou, em meados de 2014, gravou aproximadamente 50 bandas, de todos os estilos possíveis. Do rock mais pesado ao pagode, sempre aprendendo, errando e acertando, até se tornar o nome de mais credibilidade em gravações nos dias atuais na cidade – tamanha credibilidade o rendeu a "direção sonora" na campanha política de um dos candidatos a prefeito de Santa Maria em 2016, ou seja, tudo que envolvia som, seja em rádio, seja na web, seja na TV, passava pela alcunha final desse garoto. Além disso, o reconhecimento também veio de fora, quando em abril de 2016, fica em terceiro lugar em um concurso de mixagem estadunidense, com concorrentes de todo mundo.

Leo toca na Tia Sú, e os palcos, estúdios e afins com Diego Isaia Pignataro, nos vocais, teclado e violão; Henrique Isaia, voz e baixo e Eduardo Staudt, na bateria e também nos vocais.

A Tia Sú foi fundada em 1997 quando Diego e Henrique, que são primos, se conhecem em reuniões familiares, e decidem trabalhar composições que já existiam, por parte de ambos. É em 2003 que a banda grava seu primeiro CD, com 11 músicas, que não saíram para o público, devido a problemas de caráter financeiro, e também de caráter pessoal, pois, nesse mesmo ano, a banda deixa de existir. Em 2010 volta, ainda sem a presença de Leo, e lança, em 2012, seu primeiro EP, com três faixas autorais. E, atualmente, trabalha na divulgação de seu primeiro disco, com 10 músicas autorais.

Também faz as seis cordas gritarem ao lado de seu ti, mais Cezar Nogueira e Marcelo Sartori. É a formação da banda Pylla C14, atual projeto do dinossauro do autoral (rock) na cidade. Com Marcelo no baixo e Cezar na bateria, a banda lançou seu último álbum em 2016, intitulado “Lá de Volta Outra Vez”, trabalho que passou pela alcunha de Leo, tanto na gravação, captação, quanto na mixagem e produção sonora. E claro, por óbvio, nas guitarras.

A banda Pylla C14 surge, de fato, em 2005, após a recuperação de Pylla do incidente que quase o levou para uma melhor. Aí, em 2005 mesmo, a banda – banda, carreira solo, como queiram, existe Pylla que leva o nome do projeto, e mais três cabeças fundamentais para a criação e execução das músicas – lança seu primeiro CD intitulado “Bruxos Rosa”, que contém 11 faixas. Dessas, duas são releituras de sucessos antigos já cantados, como é o caso de “Saudade” e “Sentimento Perdido”. Lança o segundo álbum em 2012, intitulado “Pylla Canta 25 Anos de Rock Santa Maria”, com 10 faixas suas e também de outras bandas que estiveram presentes em na história do rock santa-mariense.

Já em 2012 a banda lança seu terceiro trabalho, que vem com um conteúdo extra e diferenciado. “Cyclus” é o nome do CD, que traz 10 faixas, sendo duas releituras de músicas da Fuga. Além do CD, o lançamento continha, em um Box, mais um DVD com 16 clipes de músicas, gravadas no estúdio mesmo, com os integrantes tocando as canções, além de uma revista de história em quadrinhos, que falavam da temática exposta nas letras das canções do álbum.

E o último trabalho, como já comentado, é o álbum “Lá de Volta Outra Vez”, lançado no dia 20 de julho de 2016, com o show de lançamento feito no Theatro Treze de Maio. O álbum é um trabalho inédito para Pylla e seus companheiros, pois foge das gravações tradicionais em estúdios. Contém nove faixas, sendo uma delas a regravação da música “Já Era”, lançada no primeiro CD solo “Bruxos Rosa”. Foi feito, produxzi, gravado, mixado,

masterizado pelo sobrinho prodígio, que tem a música como profissão, seja tocando, seja nos bastidores da produção da música.

Leo trabalha – sim, a música é um trabalho, não apenas um happy hour tão desvalorizado pelos bares e população em geral – ainda se apresentando com projetos de covers e releituras na cidade, o que, além de ser o prazer de tocar clássicos, ajuda nas despesas do fim do mês – e, quem sabe, garante um jogo de cordas e um pedal de efeitos razoável no fim das contas. Mas o principal foco está mesmo no autoral.

E esse menino com pouco mais de 170 cm de altura, cabelos longos e escuros, barba na cara, jeito calmo e muito amigável de ser, se tornou uma referência sonora, e também uma parceria para todo aqueles que com ele gravam, ou tocam, ou, simplesmente com ele convivem – com o perdão do termo, pois em uma convivência, praticamente nada pode-se resumir ao simples. Mas Leo, tendo como exemplo vivo seu tio, foi ensinado desde cedo a não repetir comportamentos excessivos e exagerados que esse meio, normalmente, induz.

Seja no rock n' roll, seja no pop, no sertanejo, ou em quase qualquer ramo do universo musical – universo, pois é extenso, abrange não somente os mercados e empresas, mas também os músicos de bar, de noite, de rua; músicos que tocam, que cantam, quando muito que encantam; ricos, muito ricos, milionários, pobres, muito pobres – os excessos começam a aparecer, as bebidas, as festas, o uso de substâncias e tantos outros problemas ou alegrias pessoais se potencializam a níveis altos. E isso aparece em momentos de gravação, composição, ou em apresentações.

Leo faz trabalhos de excelência, e produz suas bandas, o que permite bastante liberdade e experimentação. Foi produtor e esteve em todos os processos de gravação, como pode se esperar, do último álbum lançado por Pylla. "Lá de Volta Outra vez" é um dos trabalhos mais interessantes da banda, e foi feito com calma, tranquilidade e em busca da sonoridade perfeita.

Guantánamo Groove

Pylla ajusta sua justa calça colorida nas pernas, mexe nos longos cabelos louros, olha para si mesmo e se prepara para subir no palco. O roqueiro que hoje divide espaços com bandas de uma nova safra, de uma nova geração, está aqui por pouco. O tripé clichê de sexo, drogas e rock n'roll – principalmente pelas drogas – quase levaram o "dinossauro" de Santa Maria para um outro plano, em meados de 2001/2002, quando Pylla fica semanas internado

em estado muito grave, passando por um coma e quase não resistindo para recontar a história. Porém , o vocalista da atual Pylla C14 sobreviveu, ficando no leito C, cama 14, e que a numerologia continue protegendo-o. Afinal, não fosse assim, ele não estaria na ativa, e não encantaria com cantos a plateia e o palco em que está. E, na década de 2010, ele já dividiu palco com muita gente nova, e muita gente de responsabilidade, como é o caso da Guantánamo Groove.

Das novas bandas de Santa Maria – novas, pois não têm cinco anos de atividade muitas vezes – a Guantánamo é a que mais tem mostrado um trabalho exemplar, no melhor sentido do que se deve fazer, ou, ao menos, tentar fazer no ramo da música autoral e independente, principalmente em Santa Maria. Formada por Gustavo Borges, o Garoto, na guitarra e nos vocais, Yuri Medeiros, ou Yuri ML, no baixo e nos vocais, e Vagner Uberti, o Vago, na bateria, o trio apresenta suas composições em um misto de estilos muito peculiar. É rock groovado, funk com suingue, letra de protesto em passos de dança com euforia e pulos, cabelos soltos ao ar e saltos livres do chão. E caiu na boca da Boca do Monte.

Foi fundada em 22 de outubro de 2012, quando, em um palco livre de uma das casas noturnas de Santa Maria, o Boteco do Rosário, Gustavo teve a ideia de reunir o pessoal e montar o que viria ser a concretização de um sonho de todo músico.

Gustavo Borges Kraemer, o Garoto que tem em média 1m90cm de altura, nasceu em 22 de julho de 1993, em Maringá, no estado do Paraná. O jovem que hoje tem cabelos longos e pelos no rosto veio para a cidade mais "guri", porém com uma bagagem já na música. Em Santa Rosa, cidade no noroeste do Rio Grande do Sul, já tinha contato com estúdios e projetos musicais sérios, com o caso do pop-duo Dandis, formado por ele e pelo amigo Vinícius Kunzler, muito inspirado em Pouca Vogal. Quando vem para Santa Maria, em julho de 2011, já tem o contato e o conhecimento de nomes de destaque da cidade, que já faziam seu som em grandes espaços públicos da cidade, como as bandas Rinocerotne e a Sálvia. É nesse contexto de efervescência autoral que a cidade volta a ter – pois do ano 2000 até meados iniciais de 2010, a cidade passa por uma baixa de bandas autorais, com o cover sendo o carro chefe de casas e eventos – que Gustavo vê oportunidade para se colocar como músico, cantando aquilo que de si vem.

"Comecei a tocar em SM por causa das noites de quarta-feira de palco aberto do Boteco do Rosário, em 2012. Então, seis meses depois de eu vir pra cá, em julho de 2011. Em março de 2012 eu comecei a tocar ali muito amadoramente, mas com muita vontade de ocupar um espaço, progredir musicalmente".

Ocupou não só um, mas muitos espaços da cidade, progredindo musicalmente e marcando bastante o que vem a ser uma safra abundante de bandas autorais. Com a Guantánamo Groove, Gustavo já lotou a Concha Acústica do Parque Itaimbé algumas quantas vezes, sempre com sorriso no rosto e guitarra nas mãos. Juntamente com seus parceiros de banda lançou um EP e um CD, ambos de qualidade sonora, musical e de todo o contexto necessário para o envolvimento de um público.

O primeiro trabalho registrado pela Guantánamo Groove se chama "Boca", e vem como um EP, com quatro faixas, produzido por Leo Mayer e lançado em 2014. O lançamento foi justamente na Concha Acústica, mesmo local onde lançaram o segundo trabalho, intitulado "OCUPA". Em forma de CD, "OCUPA" conta com 13 faixas, a participação de muitos artistas e mostra todo o amadurecimento da banda como profissional, como trabalho a ser levado a sério.

Antes disso tudo, de parcerias com bandas independentes do Brasil e do Rio Grande do Sul a fora, como a CuscoBayo, Dr. Hank, "giros" – ou giras, ou ainda gigs como os rapazes costumam falar – por Minas Gerais e São Paulo, a Guantánamo surge em um lance de sorte, mistura ao acaso e a vontade mútua de se fazer som próprio.

"E, ali no final de 2012, eu conheci o Vagner e o Yuri, apresentei os dois em um estúdio e a gente formou a Guantánamo pra tocar uns sons. Porque eu consegui uma data no Pingo (casa noturna de Santa Maria), num lance de sorte, e a gente acabou formando a banda pra fazer essa data aí. Deu o nome a partir disso, e tocou o que surgiu no primeiro ensaio".

No primeiro show a Guantánamo já tocou duas músicas autorais, "Psicose", que está no EP, e "Nina", que só foi sair tempos depois no CD. Junto a isso, vem muito trabalho, muita cabeça quebrada e envolvimento diuturno para alcançar as pessoas com suas músicas. E dentro de toda banda que alcance maiores espaços, tanto de mídia quanto de público em geral, trabalho... muito trabalho... é necessário. Dentro da Guantánamo, Gustavo cuida da parte mais artística, da maioria das composições, Vagner cuida de certa forma da parte financeira, e Yuri é quem conhece mais a parte de redes sociais, internet, divulgação e também de como se lançar músicas em plataformas digitais.

Formado em Jornalismo pela UFSM, Yuri Medeiros, ou Yuri ML – nome artístico – tem, em 2016, 24 anos de idade. Veio para Santa Maria em 2009, justamente para cursar Jornalismo, e desde essa época tem sempre consigo algum instrumento, que o acompanha no dia-a-dia, seja pela brincadeira ou pelo trabalho de tocar. Veio de Ibirubá, cidade do interior

do estado, que, como se espera de um local interiorano, apresenta um pensamento mais retrógrado, fechado ao que uma cidade maior, com mais movimentação pode oferecer. Em 2009 a população de Ibirubá girava em torno de 20 mil habitantes, dez vezes menos do que o número de pessoas que se encontram em Santa Maria.

Como em muitos casos, é nessa vinda para a cidade universitária, que não é capital, mas é relativamente grande, que as pessoas começam a mudar ideias e concepções. E isso, obviamente, foi levado junto para a Guantánamo Groove. Aí, a linguagem começa a se aproximar do seu público.

Como Dadá comentou, na década de 1990 os músicos e boa parte dos donos de bares tinham a mesma linguagem, afinal, necessitavam da mesma coisa. A Guantánamo Groove, também conhecida, em uma abreviação óbvia, como GG, traz consigo justamente isso: a linguagem da cidade, para a cidade. As imagens de Santa Maria, letras referenciando lugares daqui, bem como a postura pública e o discurso da banda – e também dos integrantes – une o público de Santa Maria que não se contenta com o descaso de muitos e muitos governos que por aqui passaram. A Guantánamo fala do Itaimbé, fala do morador de rua mais conhecido de Santa Maria, o Sorriso, fala também de questões maiores, mais universais, mas que aqui em Santa Maria tem o espelho perfeito para o reflexo da composição da crítica aberta.

Mas tudo isso só é possível com um trabalho – TRABALHO – de produção bastante árduo. A banda, desde seus primórdios, pensa em como gravar, como captar, que materiais são necessários fazer, e como divulgar sua imagem, demonstrar sua postura e eternizar sua marca, que, além do nome, é principalmente seu som. Depois de um primeiro incidente, os meninos tem a noção de que a banda precisa levar um lado profissional.

“Tem um momento muito marcante, que foi quando a gente tava saindo de um ensaio, antes da primeira vez que a gente ia tocar no Macondo. A gente tava saindo de um ensaio na véspera, ensaio na casa do Daniel Gabardo – percussionista do Daseroma, da Salvia, percussionista da cidade. Uma grande referencia pra nós é a Sálvia, não só de som como de postura. Via Sálvia tocando com a Rinoceronte na Concha Acústica do parque Itaimbé. Coisa que a gente faz hoje – estávamos saindo de um ensaio da casa do Daniel Gabardo. Quando nós chegamos na casa do Gabardo, na verdade, a gente se deu conta que tava sem o pedal do bumbo e os pratos da bateria.Procuramos, procuramos, voltamos, olhamos as ruas. E fomos se dar conta mesmo que depois que a gente tava carregando, deixamos de lado, e alguém roubou os pratos. Perdemos toda a prataria do Vago, uns dois mil reais, e o pedal do bumbo. Na véspera de tocarmos. Tocamos, obviamente, com a ajuda de empréstimos de amigos e

tudo mais, mas ai a gente viu que tinha que separar o cachê pra comprar prato .E a partir dai a gente criou um gerenciamento econômico dos cachês. Um ou dois cachês a gente botou no bolso. E a partir dai pensamos em investimento. Hoje a banda tem varias coisas. Hoje a gente gere um carro, paga funcionários, paga pessoas. Tem uma circulação de grana, tem uma grana num caixa pra fazer investimentos. Já comprou varias coisas, já gastou vinte e poucos mil no disco. Por conta dos cachês e apoio e coisa que a gente vai construindo".

Assim, a GG conta com inúmeros materiais, contatos, parcerias das mais diversas, e constrói seu profissionalismo dia após dia, acorde após acorde, noite após noite. Sai da toca pra tocar, vai à rua pra tocar, e canta a todo mundo que é preciso sair, que é preciso saber ver o sol. E a profissionalização do artista é um passo longo, ou melhor, vários pequenos e longos passos, que, diariamente, necessitam ser dados com aprendizado. E experiências que dão ou não certo. E dentro disso tudo, os valores pagos pelas apresentações estão em um dos principais fatores que valorizam ou não o artista. Na voz do vocalista e guitarrista...

"Claro, todo profissional é explorado de alguma maneira no nosso sistema, mas o que eu vejo da cena musical é que ela é muito amadora, assim, o nível de equipamento que a gente lida, um nível de trato, de acerto financeiro. Há muita subvalorização envolvida. É uma profissão, talvez porque a gente a execute na recreação de outras pessoas, num 'happy hour' vamos dizer, ela é tratada como uma cosia assim... 'Aaah, aquele lance do faz o que gosta, então tu pode, sei lá, ganhar 100 pila de cachê'. Há dez anos é 100 pila o cachê por exemplo. Ou tu pode tocar sem retorno. As pessoas, em uma linguagem chula, cagam pra isso".

Ou ainda, se falando em fatores econômicos e pagamento digno do artista...

"E bares, por exemplo, se ganha numa média entre 300 reais e 1300, 1500 reais pra tocar nos roles assim. E isso na maioria das vezes, mais pra menos que pra mais. Mais pra 300 que 1500 nos bares. Pelo menos no nível que a gente comumente frequenta. Claro que a gente já tocou em prefeitura, ganhou 3000. Tocou pelo Sesc, ganhou 5000. Fez uns role muito massa. Mas não é o que mais aparece.O que mais aparece é, ou de graça na rua ou entre 300 e 1500 reais. Então tu tem um grande deslocamento, Santa Maria - Porto Alegre, Santa Maria - Pelotas. E a gente optou por adicionar sopro e percussão (instrumentos e instrumentistas na banda, nas novas músicas e proposta do autoral), então a gente tem que pagar mais músicos, a gasosa, e tem apenas se pagado nas gigs (apresentações) . Não tem rendido o suficiente pra

gente poder investir num clipe, num novo trabalho, numa assessoria de comunicação. O lance é que, essa leitura que eu te passo do Rio Grande do Sul é uma coisa que se repete em todos os estados. Eu acredito, porque quanto mais eu converso com o pessoal, é dai... Acredito que em São Paulo pode ser um pouco diferente... Mas acredito que é daí, não pra baixo porque não conheço muito. Mas o cachê do músico é 100 pila há 10 anos em todos os estados do Brasil, não interessa o poder econômico. É bem palha essa parte da cena.

Com a bandeira da profissionalização e valorização do artista, parece que a Guantánamo cria e acha cada vez mais seu espaço na cena independente. Mas para isso tudo, é preciso, sim, muita postura.

Viva Geringonça

Profissionalização e postura são palavras que estão no currículo da banda Geringonça. A banda surge com o grupo de amigos que ficavam perto do Restaurante Universitário (RU), no Campus Sede em Camobi, esperando enquanto a fila andava. Para não ficar no sol ardente do verão de Santa Maria, esperavam o RU quase fechar para que ficasse sem filas e eles pudessem, enfim, almoçar. Nesse meio tempo, conviviam abrigados pelas sombras das árvores e com a grama como suas cadeiras.

Estudantes de humanas, é claro. Então estavam reunidos Vinícius Bertoldo, Adriano Zuli e o Rodrigo Cidade, que não pensavam em de fato montar uma banda, mas estavam ali trocando esse conhecimento de vida. Também estava ali no meio disso Evelíny Pauler Pedroso, que é filha do locutor Paulo Ricardo, e que deu alma à "Florisbela". No início, não cantava, apenas estava ali, mas quando as cordas vocais tremer, não parou mais. Foi assim, em um batuque de brincadeira, na capa de um DVD do Paul McCartney, que a Eve – como é chamada pelos amigos e parceiros de banda – cantou o samba.

"Daí eu disse: 'que baita samba'. Nós tínhamos que botar umas notas e um violão... Aí, chamei o Zuli, que já tava morando com nós em Santa Maria... Já era amigo, um baita músico. Ela (a Eve) tinha essa música e mais Batom, que eram duas músicas dela. Não tinha nenhuma nota... dai a gente sentou, o Zuli tirou as notas e a gente fez nossas duas músicas".

Isso foi logo que Evelíny apresentou “Florisbela” a Vinícius. Esse homem simpático, de cabeça careca e com cabelo no rosto, não muito alto e de fala muito lúcida é quem assume o baixo da banda Viva Geringonça. Vinícius Bertoldo veio de Salto do Jacuí para Santa Maria, definitivamente em 2003 – quando passa no vestibular para História – mas desde seus 16 anos já dava pulos pela cidade Santa. É formado em jornalismo, história, e dá aulas de filosofia, além do trabalho com a Geringonça. Musicalmente, ainda faz parte do grupo de pensadores e incentivadores de artistas locais “Quatro Cantos Escritório Artístico”, além de ter, em sua casa, o Estúdio 1/4tinho, responsável pela pré-produção do álbum da GG, por exemplo.

Chegou a uma cidade que, justamente no período, não passava por um momento tão propício para o autoral. E, de cara, não teve esse interesse direto, e também admite que o roqueiro, que ele se incluía, não é um dos públicos que mais aceita a música autoral. O samba, por exemplo, tem esse aceite maior. Mas a questão é que Vini – como quase todo Vinícius é chamado – vê o futuro amigo Rodrigo Cidade quando está entrando em um DCE. Rodrigo, mais um no time dos cabeludos, estava tocando violão, tocando Raul Seixas, e chamou a atenção de Vini. Dias depois eles se encontram na casa de Vini, e daí em diante se tornam amigos e parceiros de vida musical. E para Vini, Rodrigo tem uma grande importância, não só pelo contato pessoal, mas por ser um cara que desde cedo compõe, que, em um período onde ninguém penava em gravar, ele estava gravando um EP.

A geringonça, então começa a tomar forma, e conhecido daqui, conhecido dali, a Geringonça toma forma e faz sua primeira apresentação, que já é em nível teatral. Nesse período a Geringonça já estava em processo de gravação de algumas músicas, e aí surge toda ideia dos personagens que integram a banda. Sim, personagens circenses, assim como os espetáculos e apresentações em geral da banda. Viníciu, por exemplo, é “Julián Ramires, El Hombre Balla”, um ex-lutador venezuelano que aprecia cachaça. Divide palco com – personagens – “Pedaço da Natureza”, que é o eixo central da banda e tem tudo o que precisa ser explicado no nome, como vocalista; “Voodoo, o Boneco Amaldiçoado” que teve a boca costurada e foca toda sua habilidade na bateria; “Palhaço Zuli”, o centro musical de toda Geringonça, que canta, toca violão, toca teclado, faz e acontece nos palcos e fora deles; o “Grilo-Cantador”, um ser vindo de outro planeta que no palco lida com todas as perfumarias (percussão, instrumentos variados), além de cantar também; e por último o caçula de uma linhagem de domadores russo, “Ivan Kchowski”, que comanda a guitarra, flauta e também – as vezes – o saxofone.

Com essa loucura toda, a Geringonça, que surgiu em 2007, faz suas apresentações, e teve uma primeira memorável. Após dias em um sítio, com os integrantes reunidos em uma chácara, sob coordenação de Daiane Brum, que cuida de toda parte teatral da banda. Alugaram o teatro da Cesma (Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria), e fizeram um show para amigos e parentes, já com todo o circo planejado, e tiveram abraços mais calorosos do que o imaginado após o show. E foi tudo na raça, tiveram que limpar o local após a apresentação, que ocorreu em 2011 e foi algo inédito na cidade. Tocaram quatro músicas, da primeira leva que a Geringonça já tinha, "Florisbela", "Batom", "Os Dente da Frente", Maquinário", e as pessoas foram atrás das músicas.

O primeiro registro de músicas da banda data de 2009/2010, e continha a música "Baile de Máscaras", além das já citadas – com exceção de "Florisbela". Esse primeiro registro foi gravado na cidade de Santa Maria, no Estúdio Regente, com a produção da própria banda e Joel Franz, que fez todo o trabalho de mixagem e masterização.

O sambinha que foi a primeira música da banda só foi registrado em 2013, quando a banda lança o EP "Viva Geringonça", contendo as faixas "Geringonça", "Silêncio", "Florisbela", "Maria do Caos", "Cinco Minutinhos". Tem na produção a própria banda, e foi gravado em São Paulo, no Midas Studio. Tem captação e mixagem de Tiago Nigéria e Thor Moraes, e mixagem de Renato Patriarca.

Em 2014 lançam mais um EP, chamado de "Bico /Pharmacê", que contém duas faixas que dão título ao trabalho. Foi produzido pela banda e por Leo Mayer, em Santa Maria. Tem toda a captação, mixagem e masterização do sobrinho do Pylla. Esse trabalho conta, também, com a participação especial Flavinha Manda Rima, na música "Bico", e de Edimílson Dias e Daniel Gabardo na percussão das canções.

Em 2015 também lança mais um EP com duas músicas, "Fósfro" e "Vexame", e, anda nesse ano, lançaram a música "Baile de 2053", uma espécie de bandinha, no melhor estilo de bandas do interior, como a San Marino. Aí é outra coisa interessante da banda. A diversidade de estilos e gêneros musicais se mescla em todas as músicas. Do rock ao baião, passando por músicas pop e até mesmo um funk, a Geringonça encanta e dá um espetáculo em todas as apresentações.

É uma das bandas precursoras de shows abertos, e tem isso quase como uma bandeira. Não sobe – ou se sobe, é raramente – nos palcos de casas noturnas da cidade. Tocam na rua, na praça, pra gente que quiser ver, ver. E a banda tem como promessa tocar até 2053, e fazer um baile. Então, até aí, podemos esperar coisa boa deles.

"A gente é a única banda que tem o compromisso em 2053. Temso a data marcada de 15 de dezembro de 2053. E é uma brincadeira que surgiu na letra de uma música, mas é real. A gente quer envelhecer".

A banda também apresentou em 2015 um espetáculo. "Geringonça Apresenta o Zé" foi apresentado no Theatro Treze de Maio, e foi um espetáculo de fato. Somente com músicas autorais, inéditas, a banda envolveu o público que lotou a casa, e fez um espetáculo onde a plateia era a plateia de um antigo programa de rádio, desses de auditório, só em um tempo futuro. Lá perto de 2053. E o show deve virar DVD, pois a banda conseguiu, em 2015, pelo Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Estado , 25 mil reais, para uma produção fina que o show do Zé merece.

E é assim, de espetáculos em espetáculos que a Geringonça faz seu trabalho, pensa seu trabalho e o coloca na rua. Abandonou o contato e a atividade nas redes sociais, e está prezando por ensaios, para que esteja tudo perfeito na hora das apresentações, que são visadas na rua, para o público geral mesmo.

Rodrigo cidade, que é o "Grilo", Cezar Gomes o louco russo da guitarra, Vudo, o boneco Voodoo da bateria, Adriano Zuli o palhaço Zuli, Evelíny na percussão e o querido Vini no baixo apresentam seus espetáculos, e pensam assim. Em fazer tipos de shows para rodar por aí. Antes do "Zé" apresentaou, durante cinco anos, o espetáculo ?Música Típica do lado de Lá?

Haja comportamento e presença de palco.

Lugh Celtic Punk

A Lugh vem com força na cidade quando o assunto é presença de palco. Formado em 2009, o grupo tem – no próprio nome – a referência a um estilo bastante raro de se encontrar em bandas independentes brasileiras. Com influências de nomes clássicos, marcados na história, como Ramones, Flogging Molly e Dropkick Murphys, o punk com vertentes da música Celta, com elementos como gaita, são o som característico do grupo. Afinal, Lugh é o nome de um deus Celta presente em quase todas as histórias desasa cultura, representado em muitas lendas como o triunfo da luz sobre a escuridão, além de ser o deus de todas as habilidades e excelências.

Em 2009, Lugh – a banda, e não o deus Celta – tem Biaque Pincel nos vocais, enquanto Daniel Jardim assume a guitarra e o mandolim, Lucas Odorizzi o baixo, George Polidoro a bateria e Leonardo Nasr a gaita. Com essa formação a banda lança o EP "Coisas, música, ceva... vida", com três faixas, lançado em abril de 2011. Pouco tempo após o EP a Lugh troca de vocalista, no ano de 2012. É que ouço antes, Biaque vai para Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, e com isso a banda necessita de outra voz. É nesse momento que aparece Rafael Miranda entra no grupo e, além de assumir os vocais da banda, harmoniza o som com violão e também com seu violino – dando ainda mais elementos típicos da música Celta para o punk da banda santa-mariense.

Com letras em português e Rafael no vocal, a Lugh lança, em 2012, o single "O Que eu Preciso", com letra contagiante e ritmo alegre, que logo cai no gosto do público jovem da cidade. Já em 2014, lança o álbum "Quando os Canecos Batem", em formato de CD, contendo 13 faixas, das quais músicas conhecidas que embalaram a moçada de Santa Maria, como "Chinaski", "Quando os Canecos Batem" e também o single já lançado em 2012.

Nesse período, a Lugh circula por diversas cidades do Rio Grande do Sul e também toca em outros estados, como o Rio de Janeiro, fazendo parceria com bandas locais e também de fora do país. Em 07 de setembro de 2014 a banda abre o show de CJ Ramone, no Bar Opinião, em Porto Alegre. Momento marcante e inesquecível para a história da banda, que além de ter o contato com um ídolo geral dos integrantes, também tem a oportunidade de difundir seu trabalho para terras além dos montes do centro do Rio Grande do Sul, em um show que não durou mais que meia hora, mas que estará em todas as horas das vidas dos integrantes.

Mas, por motivos pessoais, Rafael sai da banda, e então Biaque Pincel reassume os vocais, depois de anos sem o contato com a música, mais precisamente com o palco, e, mais precisamente ainda, com o microfone. É com Biaque nos vocais, desde meados de 2015, que a Lugh lança, em 2016, seu segundo CD, intitulado "Histórias do Mar". O trabalho apresenta dez faixas, autorais, que seguem a linha de composição da banda: um clima alegre, pra cima, com peso e a sonoridade do punk rock, que fazem as rodas punk em eventos e shows serem um integrante a mais, feito da união entre banda, som e público.

Mais recentemente, no dia 18 de novembro, a banda lança o clipe para a música "Garrafas do Ofício", que pode ser assistido em todos os canais da banda, bem como os demais vídeos e como as músicas.

Não acaba por aí

A cidade, depois da virada da década – e desde um pouco antes, quando bandas surgiram ali pelos meados de 2010 e continuaram na ativa e lançando seus trabalhos depois), apresentou diversas vertentes, diversos gêneros, estilos, formações, pessoas envolvidas com a produção e a profissionalização da música, dos músicos, e de toda a classe artística da cidade como um todo. Inúmeras são as bandas que se lançam e buscam a expansão do seu trabalho, seja com vídeos de alta qualidade, EPs, seja com materiais gráficos complementares à música. As bandas já citadas que estão presentes na atual década tem algo em comum: trabalhos realizados de modo maior, com mais abrangência, ou seja, mais músicas, e, de fato, um CD, contendo várias faixas. Aliás, essa é a principal diferença entre um CD e um EP, pois, normalmente, o EP contém no máximo quatro faixas.

Grande parte dos artistas – à nível nacional mesmo – está lançando, antes de um CD, um EP. Sigla de *extended play*, o EP é maior que um single – que, como o nome sugere, contem uma faixa – e possui, em média, quatro faixas. Em relação ao CD, demanda menos tempo de trabalho e consequentemente menos dinheiro. Claro que bandas e artistas mais consolidados aderem, por condições financeiras, ao CD. Mas, e os artistas que ainda estão engatinhando, ou, quando muito, caminhando a passos curtos e trêmulos? A alternativa é óbvia.

Mas, das bandas autorais e independentes de Santa Maria, algumas tem tido mais visibilidade, justamente pela busca à profissionalização de seu trabalho. São grupos como a **BUENO,** a **Âmago,** a **Velha Cortesã, The Césaros, Litoral Mente, Mão do Sopro, Vespertinos, Pegada Torta, Sangue da Pedra, Southern Savage Souls, Human Plague, Spit Metal, Apotheon, Brinquedo Velho, Three X, Loius&Anas.** São bandas que, ao passar dos dias, aumentam o caminhar do passo em busca do espaço para o compasso de suas canções, e vem investindo em um trabalho de qualidade sonora, visual e, também, de parceria entre uma banda e outra.

A **Mão do Sopro** é uma banda formada por Bruno Regasson nos vocais, Venâncio Guedes na guitarra, João Vitor Paes no baixo e Enzo Bom na bateria, o quarteto formado em Santa Maria traz um rock com ingredientes da década de 70, remetendo a nomes como Led Zeppelin, e também apresenta influências de bandas mais novas, como é o caso de Queens of Stone Age. Já tem um EP presente no arquivo dos fãs e admiradores do trabalho e da música autoral da cidade. Lançado em 2015, “Turvo” contém cinco faixas, e mostra toda a influência dos integrantes, bem como o que se passa em cada uma das mentes por trás desse trabalho,

com letras em português e trabalho nos arranjos. É interessante que a banda, em muitas apresentações, abusa dos improvisos, de solos de guitarra e músicas que passam, tranquilamente, de oito minutos de duração.

Já a **Vespertinos** aposta em uma sonoridade diferente, com claras influências de artistas como Los Hermanos. É composta por Martim Ronsini no violão, gaita e voz, Alexandre Araújo na guitarra e também nos vocais, Igor Fuchs no baixo e voz e Mateus Bonez na bateria e já lançou um EP e um single**,** que apesar do nome, tem duas faixas. Em 2015 lança o EP homônimo à banda, contendo quatro faixas, e em 2016 o single duplo com as músicas "Sem Medo de Ser Sentimental" e "Mudança". É uma banda que tem no currículo apresentação em festivais como o Morrostock, e também em locais importantes de Santa Maria, como a famosa Concha Acústica do Parque Itaimbé. Com a aposta em um som mais suave, com pegada mais leve, conquista os fãs do estilo e leva o público aos seus shows, com as letras na língua.

A **BUENO** é uma banda formada em 2014, na cidade, e composta por universitários. Já teve membro que hoje em dia não sobem mais nos palcos, nem ensaiam juntos. E, em 2016, é formada por Raul Costa, na voz e violão, Moroni Pinto no baixo, Moisés Silva na guitarra e Thiago Trindade na bateria. Com um estilo que mescla elementos do rock com um pop alternativo, a banda tem em sua conta um EP, lançado em 2014 e intitulado "Imaginário". Contém quatro músicas, que, à época representavam todo o sentimento envolvido entre os integrantes da banda. Atualmente está em projeto para lançar seu segundo EP, além de encabeçar movimentos na cidade como um coletivo de bandas. Afinal, amor à música deve andar junto à profissionalização do artista para que bons resultados venham.

O coletivo pretendido chama-se Nosso Palco, e além da banda BUENO envolve as bandas Litoral Mente, The Césaros e Velha Cortesã.

A **Litoral Mente** é uma banda formada em 2013, que, como muitas, começou com a proposta de fazer cover de artistas influentes para cada um dos integrantes. Normalmente, quando pessoas se juntam para formar uma banda, os gostos são, em algum momento, afins. É composta por Ricardo na voz, Gregory na guitarra e nos vocais de apoio, Beto na guitarra, Pietro no baixo, Heitor na percussão e Diego na bateria. Lançou em EP, de forma gratuita em distribuição na rede, no dia 07 de setembro de 2016. É o primeiro trabalho dos rapazes que tem como influencia bandas de renome do rock californiano, como Sublime, e também bandas brasileiras que ficam visíveis nas composições e sonoridade, como Charlie Brown Jr. E O Rappa. Com EP homônimo à banda, contendo cinco faixas, a Litoral Mente busca a profissionalização e seu espaço no cenário independente de música autoral, na cidade e por

onde for possível. A banda é uma mescla, pois tem integrantes de Santa Maria e também da cidade vizinha de São Sepé.

Com um pé, ou melhor, os dois pés no blues rock estadunidense, influenciados por Jimi Hendrix e por Stevie Ray Vaughan – um dos mestres da guitarra ocidental, que morreu em um trágico acidente de helicóptero, com quase 16 anos, em 1990 – a **The Césaros** é formada por Filipe de Césaro na guitarra e vocal principal, Douglas Gerhardt no baixo e vocal de apoio e Alex Rodrigues na bateria, e também, nos vocais de apoio. Desde 2012 tocando, ensaiando e compondo por aí, a The Césaros está em processo de produção com Leo Mayer, e traz o clima da música sulista dos Estados Unidos à letras em português brasileiro, com solos de guitarra e a inspiração de clássicos power trios da década de 70. Está na busca de espaço, profissionalização e mostra um trabalho sério e sólido nas apresentações, cheias de riffs e solos de guitarra. Perfeita para amantes do gênero ao qual a banda se propõe a tocar.

Já a outra integrante do coletivo tem um som que chega às raízes dos anos 70 no Brasil e também do rock "setentista" feito na Inglaterra. A **Velha Cortesã** é uma banda formada em 2013, por amigos que, assim como a Litoral Mente, propuseram-se a tocar covers de artistas influentes para cada um dos integrantes. Originalmente um quinteto, a banda passa por uma reformulação quando Diego, antigo baterista, decide sair, e, tempo depois, parar de tocar o instrumento. Assim, Felipe Rossini, que antes tocava baixo, assume as baquetas, a prataria e os tambores da banda. Com isso, Vagner Funck, que era um dos guitarristas, fica na função de baixista – curioso que tanto Felipe quanto Vagner, antes da reformulação da banda, já demonstravam interesse pelos futuros instrumentos. Felipe, aliás, já aprendera a tocar bateria antes da mudança, e Vagner já arriscava algumas linhas de baixo – e continuam nas funções iniciais Guilherme Gabbi, com sua guitarra, e João Pedro Costa, nos vocais. A única alteração é que, além de cantar, João agora também assume a guitarra rítmica, e faz a base em todas as músicas da banda.

A Velha Cortesã tem um EP, chamado "O Show do Mundo", que contém ao todo cinco faixas, e foi produzido por Leo Mayer com ilustrações e artes de Vivi Costa, irmã do vocalista e tatuadora em Santa Maria, pelo estúdio La Frida Tatuaje, localizado na Rua Venâncio Aires, nº 2150, sala 303. É uma banda que vem buscando a profissionalização, e além dos materiais do EP, tem dois audiovisuais feitos por um grupo de cabeças pensantes, voltadas à música.

Esse mesmo grupo de cabeças pensantes produziu, da mesma forma, dois audiovisuais para a banda **Âmago**, pouco depois da produção realizada com a Velha. A Âmago é formada por Guilherme Verardi nos vocais, Kauê Flores e Lucas Bartmann nas guitarras, Geovani

Cassol no baixo e Cesar Augusto na bateria. Os cinco fazem um som que mistura elementos de ska, reggae, rock, rap e hardcore, e tem um EP lançado em 2015, com sete faixas produzidas de modo independente pelos integrantes da banda, intitulado “O Amanhã Vem do Hoje”. O mesmo grupo de cabeças pensantes – O Escritório Artístico Quatro Cantos – que realizaram os audiovisuais para o pessoal, tanto da Âmago quanto da Velha Cortesã, fizeram, em um primeiro momento, o mesmo trabalho com a banda Pegada Torta.

Com diferentes influências e vertentes da música, do rock ao som nacional, a **Pegada Torta** é uma banda santa-mariense oriunda de outubro de 2015, que já conseguiu bastante espaço nos palcos e mídias da cidade. Formada por João Kanieski nos vocais, Jordana Henriques nos vocais e violão, Ricardo Borges na guitarra e vocais, Cassiano Rathke na bateria e Lutiano José no baixo – esses últimos também nos vocais, pois a banda inteira canta e faz jogos de vozes muito interessantes – a banda lançou, em 2016, seu primeiro EP. Com um jogo de palavras, o “Epé” está disponível na internet, gratuitamente, e contém cinco faixas, autorais, que cantam aquilo que está nas ruas de Santa Maria, bem como aquilo que está na cabeça e – por que não? – nos pés de cada um dos integrantes da banda. Tem seu reconhecimento na cidade, e se mostra organizada, tanto que conta com uma parceria com a Guantánamo Grove e fez apresentações próprias – no caso, como única e principal banda, contando apenas com inserções de outros músicos em determinados sons – em locais como o Theatro Treze de Maio, importante ponto cultural de Santa Maria.

Há bandas que também surgiram em meados da década de 2010, lançaram trabalhos autorais – seja em forma de demo (não tão profissionalizado), seja em forma de EP, seja ainda como CD. Bandas que circulam e permeiam diversos gêneros musicais, como a **Sangue da Pedra**¸ anterior à Rinoceronte na cidade e que fazia também um stoner rock com letras e pegada em português. Surgiu, precisamente, em 2008, também como formação de power trio, e, no seu início, tinha Daniel Mendonça na guitarra e nos vocais, Rafael Miranda (antes de se tornar vocalista e peça-chave na Lugh) no baixo e também nos vocais de apoio e Vinícius Brasil na bateria. Depois, a formação da banda tem Ricardo Brum assumindo a baixaria, justamente pelos motivos óbvio – Rafael vai para outra banda. Nas composições traz toda a viagem de volta aos anos 70, e também uma viagem – quase que literalmente – com a cultura de povos da antiga América, como os Maias.

A Sangue da Pedra lançou EP “Lenda Viva” logo de início – produzido, gravado e mixado, adivinhem, por Leo Mayer – com quatro faixas. Em 2011 produzem seu CD, chamado “Ritual”, que contém dez faixas, que foi gravado, mixado e masterizado no Estúdio

12, em Porto Alegre, e também no Estúdio ABBA, em Santa Maria – que gravou duas faixas do CD.

A **Southern Savage Souls** também vem com a proposta do rock autoral, inspirado em ritmos e estilos consagrados e exaltados em outros tempos. Dois amigos, vindos da cena dos anos 90, juntam-se para ouvir uma das clássicas bandas do rock mundial – Motorhead – em um dia frio de 2011. Diogo Frontera, guitarrista e vocalista (que tocou na Serpent Rise) e Rafael Lopes, baterista, reúnem-se e voltam a ensaiar, compondo, em um ano, dez músicas. Então, em 2013, lançam o primeiro trabalho, gravado em um estúdio caseiro – a facilidade e praticidade dos da atual década com os avanços tecnológicos – e o primeiro trabalho da banda é lançado. O CD "Better Late Than Never" contém dez faixas, todas autorais, e compostas em inglês. No mesmo ano, se junta aos amigos Ricardo Gehling, no baixo, e assim as apresentações em palcos, ao vivo, começam a acontecer e mostram a banda para o público da cidade. Em 2015 a Southern lança seu segundo trabalho, também um CD, dessa vez com três faixas a mais do que o primeiro, e é intitulado "All Hears Hurting Around".

Ricardo Gehling é também integrante de outra banda surgida no início da década de 2010 na cidade – e, obviamente, de som autoral. Na **Human Plague** toca guitarra, ao lado de Carlos Armani na bateria, Cássio Lemos no baixo, André Correia nos vocais e, também na guitarra, Gabriel Miorin. Desde 2011 a banda compõe no estilo death metal – algo além do pesado para o gênero que já é algo forte – e se apresenta em alguns palcos de Santa Maria e cidades próximas, nos festivais típicos e dedicados ao metal – principalmente o metal extremo. Tem um repertório totalmente autoral, e um EP lançado no ano de 2013, intitulado "Marching Trought the Fields of Desolation", contendo cinco faixas autorais – lançado de maneira independente.

Ainda com composições em inglês e dentro do metal, existe, em Santa Maria, a **Sipt Metal**. Formada em algum momento do ano de 2012 a banda traz no nome o que toca, e nas apresentações mostra o peso e a força de riffs de guitarra e baixo, com a "pesadeira" das batidas na bateria e com letras que falam do cotidiano e das questões filosóficas e do ponto de vista cultural – e da cultura do Rio Grande do Sul, do "gaúcho". Lançaram o EP "Afterall" em 2014, com Fabrício Fúria nos Vocais, Mateus Bortoluzzi no baixo, Luciano Schirmer e Marcio Arend nas guitarras e Lucas de Oliveira na bateria. O trabalho contém seis faixas autorais, que podem ser ouvidas e baixadas/compradas nas redes sociais da banda – local que abrange também mais alguns sons da Spit. Os metaleiros – termo que não se usa – ainda têm clipes para as músicas "Castaway" e "Shadows and Dust".

Santa Maria é uma cidade onde a cultura do gênero metal e suas vertentes é presente, forte, desde o início – com as primeiras bandas, como Thanos, fazendo e mesclando suas coposições nesse terreno. Aí entra também a **Apoteom.** Fundada em novembro de 2010, a banda conta com Pedro Ferreira no vocal e na guitarra, André Licht na guitarra e nos vocais de apoio, Mauricio Dorneles no baixo e, também, nos vocais de apoio; e tem, na bateria, Pablo de Castro. Os rapazes fazem um trash metal, com letras em inglês, e tem parceira com a gravadora "MS Metal Press Records", selo pertencente a "MS Metal Agency" e que investe em artistas de rock e metal no cenário underground do país. A Apoteom tem dois álbuns lançados, um em 2013 – "Alienation", com oito faixas – e o segundo em 2016 – "Paper God", que contém 11 músicas autorais. O lançamento de Paper God, aliás, ocorreu no Theatro Treze de Maio, no dia 06 de agosto de 2016, e só foi possível graças ao "Projeto Treze – Palco da Cultura" e da Lei de Incentivo à Cultura de Santa Maria. O Show contou com a produção da "MaGma Produções" – existente desde 2012 – e teve como diretor geral o "metaleiraço" Agnaldo Gomes – que tem sob seu comando a MaGma, e com ela produz os festivais "SONG OF DARKNESS" e "TCHÊ ROCK FESTIVAL" em Santa Maria.

Outra banda que também lançou seu trabalho em CD, com 11 faixas, foi a **Brinquedo Velho**. Essa sim, não tem nada a ver com o metal e o peso das bandas que foram mencionadas há poucos caracteres, mas tocou na cidade e lançou um trabalho de nível profissional. A Brinquedo foi formada em 2013, com Angelo Possati na Guitarra, Fred Rubim nos vocais e na guitarra, Jackson Oliveira no Baixo, Rafael na guitarra e Abel Oliveira na bateria. Tem um gênero mais alternativo, com mistura de elementos do Grunge e do Punk, e com essa formação gravaram o álbum "Bom dia, Mundo". É atuante em Santa Maria até os dias atuais, e aí, conta com Angelo no baixo, Fred na voz e na guitarra, Rafael na guitarra e Yuri na bateria. A banda também possui co clipe para as músicas "Brilho Eterno" e "Suspeito que Amar", ainda do ano de 2013.

De novo, não acaba por aí...

Muitas são as bandas da cidade que surgem nos anos próximos a 2010 – sejam eles anteriores ou posteriores – e muitas estão na ativa há muito tempo, porém, com o trabalho de profissionalização que acaba não tendo tanto destaque. É importante lembrar que a profissionalização não diz respeito apenas ao material sonoro bem gravado, mas sim, a uma série de fatores, como as redes sociais, o posicionamento da banda nas apresentações, a

autovalorização do artista, o pensamento em outros veículos e mídias, como vídeo, foto, e todo um processo de divulgação que envolve muito tempo e estratégia. Na cidade, muitas bandas lançam ou lançaram EPs, e mesmo CDs, mas de forma que não tem a visibilidade que outras estão tendo no momento. E não só visibilidade, mas também todo o posicionamento, diálogo e conversa com o público e com a própria cidade. E, principalmente, sua atividade – se continua ou não tocando, aonde toca, como toca, por quanto toca... se valoriza de fato?

Aí estão algumas bandas que, de certo modo, tem destaque na atual cena de Santa Maria – e que tem um trabalho lançado, ou estão em fase final de produção para o lançamento. Mas, ainda existem tantas outras, como a **Tijolo Seis Furo (TSF)**, de hard core pesado, que limita – por isso – muito seu público, mesmo que politicamente muito atuante e consciente na cidade há anos e anos (é do ano de 1995). Também atuante há anos – não tanto como a TSF – existe a **Bidu Silas**, e existem também bandas supernovas, como a **BlastOff,** a **Carro de Paseio** – que se desintegrou e doou um membro para a **San Diego**, que por sua vez também conta com um membro da **Âmago** – e tantas outras bandas que se lançam, começam, tentam, desistem, insistem e seguem na história da música autoral de Santa Maria. Existe a crescente e cada vez mais profissional **Louis&Anas**, que está com uma campanha de financiamento coletivo, como tantas outras bandas vem apostando como forma de arrecadar fundos para um primeiro grande trabalho. Mas, se não desse modo, a coisa acontece pelas próprias contas – financeiras mesmo – e riscos, como foi com a **Three X, banda que** surgiu em dezembro de 2000, e com seus 16 anos de estrada e palcos, tem um CD gravado na conta. "Se liga!". Além disso, está presente na coletânea internacional "Somos o que acreditamos ser", que rodou os Estados Unidos e países da Europa.

Mas, todas essas bandas necessitam de apresentações ao vivo para mostrar seus trabalhos. É aí que o público tem contato direto com o artista e pode avaliar o trabalho do mesmo. É na apresentação, no cara a cara, no ao vivo, que a banda mostra sua postura, e começa a falar sua linguagem. E, enquanto os espaços públicos estão aí, atirados às moscas e às traças, ignorados pelos homens engravatados e bem vestidos que, se não desde sempre, há muito tempo estão envolvidos com política para o bem próprio em primeiro lugar, e o bem do povo em qualquer outro lugar, uma das alternativas são as casas de shows, bares e pubs que comportam e tem em sua proposta o espaço para bandas e artistas – locais, autorais e independentes, porque de covers e daquilo que a grande mídia "empurra", como o sertanejo universitário desde meados dos anos 2000, qualquer lugar é lugar e qualquer noite/público é rentável.

O independente na noite da cidade.

Como os bares e casas noturnas de antigamente e de agora valorizam – ou não – a cena autoral da cidade (chamada)

Atrás dos montes que cercam Santa Maria, o sol se despede das pessoas e dá lugar a uma noite que, na maior parte do seu tempo, é movimentada e alegre. É nesse momento que boa parte da população jovem sai às ruas, que o trânsito infernal do dia-a-dia diminui, que as luzes dos faróis dos carros se somam aos postes de luz e, em noites de céu aberto, às estrelas e à lua. É à noite que as festas acontecem, que algumas das melhores roupas são escolhidas por meninas e meninos, homens e mulheres, pessoas de todos os gêneros e gostos, que, cada vez mais, não se limitam e buscam sua identificação. Ou que nem para sua identificação estão ligando, buscando mesmo diversão, alegria e, no fim das contas, felicidade. É à noite que a cerveja ou algo mais pesado desce pelas gargantas, muitas vezes em fumaça chega aos pulmões, e que as trocas de pensamentos, ideias e opiniões somam-se aos sorrisos e vozes de contentamento.

Os artistas, e especificamente, as bandas, necessitam de locais para apresentação de seus trabalhos. Como dito, o "ao vivo" é a maneira de mostrar, à priori, o trabalho pretendido por uma banda autoral. Claro, isso pode variar, e temos provas de artistas, como Liniker, que, mesmo sem ter apresentações, ou grandes apresentações, lançaram um bom trabalho nas redes sociais – que hoje fazem a informação circular na velocidade de algumas piscadas de olhos. Mas, na maior parte dos casos, o público é prestigiado por um trabalho autoral ali, no mesmo ambiente do artista, no calor do momento, no suor do palco e dos refletores – quando existem – e de mais toda a aparelhagem necessária para um show – que vai desde o equipamento necessário para as bandas, até o sistema de amplificação do ambiente, para que o som retorne ao artista e também seja projeto para os admiradores que ali estão.

Tirando os espaços públicos – assunto para mais adiante – restam às bandas ou alternativas próprias, em casas de integrantes, amigos ou conhecidos, ou em casas noturnas da cidade. É aí, no último ponto, que as relações de bares, contratantes e empresários da noite deve se harmoniosa com os músicos e artistas locais. É aí que a valorização do trabalho começa, e é nesse ponto que uma parte importante da valorização do músico como profissional aparece. E é aí que a postura tem que aparecer.

Os bares e clubes dos anos 90

Na década de 1990, em função de uma primeira movimentação, resultado de engatinhadas dadas na década de 1980, os espaços começam a surgir de forma ainda muito experimental. Espaços pequenos, sem tanta fiscalização por parte da prefeitura da prefeitura, eram os palcos para a apresentação desses artistas. Antes mesmo de citar os bares, é necessário lembrar que o formato barzinho, clássico músico tocando com um banquinho e seu violão, existem há mais tempo. É que esse formato, de uma ou quando muito duas ou três pessoas tocando/cantando ao mesmo tempo no mesmo palco requer menos estrutura e tem a proposta diferente. Ao contrário das bandas autorais, o banquinho e o violão são normalmente usados para músicas em geral, clássicos da Música Popular Brasileira, não apenas como gênero clássico de MPB, mas como o nome mesmo diz, a música popular do país, em determinado momento, e em determinado espaço.

Mas nesses espaços pequenos, geridos por proprietários, que as bandas conseguiam um contato com o púbico que saia a noite em Santa Maria. Alguns bares aparecem como importantes para a movimentação dessa cena autoral, que na dita década, girava muito em torno do gênero rock n' roll, que no Brasil teve seu período de auge. Foram em lugares como o como o Panacéia, aos fundos da prefeitura, na Rua Ângelo Uglione, ou a Sala Acústica do Belos e Malditos, localizado também na Rua Ângelo Uglione, porém em frente ao antigo Cine Glória, ou no L'ugar Bar, no descidão da Rua Duque de Caxias, e ainda no In Verso, também localizado, à época, na Rua Duque de Caxias que as clássicas bandas do período tocaram, locais que pertenciam sim a proprietários da noite, a um setor do empresariado local, mas que, em determinado momento, dialogavam com os artistas.

Muitos outros locais surgiram e... "des-surgiram"... E alguns, como o Panacéia, são sempre lembrados. O Belos e Malditos tem papel interessante porque abrigava, em seu térreo, a Sala Acústica onde muitas bandas da cidade faziam apresentações. A Sala foi reativada em 25 de março de 1994, sendo inicialmente construída na época do extinto Conservatório Santa Cecília, projetado com acústica especial para recitais de violão, piano e coral. Com o Conservatório fechado, o local passa por reformas até dar lugar ao Bar/Boate Bob Nóia, por onde passaram bandas como a Thanos, em 1988. Após a mudança de dono, o bar muda o nome e a estética com a sala. Outro bar interessante e lembrado é o Café Brasil, situado no local onde hoje existe o Kasarão On Stage, na Rua Dr. Bozano, número 832.

Clubes clássicos de Santa Maria também proporcionavam esse contato com a música autoral da cidade. Clubes como o **Caixeiral Santamariense**, localizado na Rua do

Acampamento, número 39, responsável por shows de lançamentos como de CDs da Fuga, além de inúmeras festas, como os carnavais e demais bailes comemorativos. O Clube foi fundado em 14 de fevereiro de 1886, por comerciantes, tendo sua primeira sede própria instalada no ano mesmo ano, no dia 23 de março. O local ficava situado na esquina das ruas Dr. Bozano e Duque de Caxias, em um sobrado que, hoje me dia, não existe mais. Passando por demais locais da cidade, com a Rua Floriano Peixoto, a Rua Silva Jardim, até que em 1923 teve seu lugar de permanência até os atuais dias.

"A Banda Fuga teve que devolver ingresso no Caixeiral. Teve que devolver, excedemos a venda de ingresso. O Caixeral, a estrutura do chão em si... tinha carnaval que era proibido o úmero de pessoas, porque as pessoas pulando no carnaval, faziam (a estrutura) tremer. Então delimitaram o numero de pessoas, e a gente não tinha conhecimento, nem o presidente, o diretor trataram de nos informar. Porque eles jamais acreditaram que aquele evento ia lotar o clube. E lá pelas tantas o publico começa a ir e tinha gente saindo da janela. O cara da diretoria viu a cena e disse que não ia entrar mais ninguém, o que nos obrigou a devolver ingresso no Caixeiral. Porra... por isso é chamada a época de ouro".

O velho Pylla – que considerava a década de 1990 como a época de ouro e hoje considera a época como de diamante, ou seja, uma grande melhora – relembra com e nostalgia do local. Também se sente – não é para menos – orgulhoso por ter subido e cantado em demais lugares, como o **Avenida Tênis Clube –** e olha que ele já tocou em terraço de prédios e lojas de Santa Maria. O ATC, como é conhecido, abrigou em seus salões shows das bandas locais da cidade. Pensado por meninas que decidiram fazer uma quadra de tênis para o convívio e a prática do esporte, no ano de 1917, as quadras são inauguradas na Avenida Rio Branco. Passados alguns anos, em 1923, o clube teve sede na Praça do Mercado, atual Saturnino de Brito, localizada em frente ao Kasarão On Stage, no cruzamento da Rua Duque de Caxias com as ruas Dr. Bozano e Cel. Niederauer. Mas foi só em 1952 que o Município doou o terreno onde atualmente o clube se encontra, na Avenida Dois de Novembro, número 1290, onde foi ser construído, de fato, entre os anos de 1957 e 1958. Com ampliações de área, salões, piscinas e espaço suficiente para shows de porte maior, o ATC deu espaços a bandas autorais na década de 1980, ainda com a banda Thanos, e depois seguiu com demais bandas da cidade. Atualmente, é impossível ver alguma banda local – independente e autoral, sempre – tocando no clube.

Nos bares, iam as pessoas que além de gostar daquilo que estava ao nível nacional, sabiam também, de cor e salteado, as músicas aqui da cidade. No meio de gente cabeluda, barba na cara, perfume doce, som de guitarra e cheiro de cigarro – até meados de 2011 ainda se viam pessoas fumando nos locais, e em 2014 foi regulamentada a Lei Antifumo em todo o país – circulava um jovem com brinco na orelha esquerda, de cabelos compridos bastante encaracolados, e com não muito mais que 1m70cm de altura.

Marcos Vinícius de Oliveira Barcellos, ou Marquinhos como é conhecido, trabalha em rádio desde sua formação, no início da década de 1990. Nascido em 08 de dezembro de 1965, começou seu contato com o rádio em 1991, estagiando para a Rádio Medianeira, local onde trabalha atualmente. Veio para Santa Maria saindo de outra santa, a Catarina, e desde que chegou à cidade central do Rio Grande do Sul teve o contato com as bandas e artistas daqui. É aficionado pela qualidade sonora daquele momento, e acompanhava de perto a movimentação cultural de Santa Maria, cantando, a plenos pulmões – no determinado momento – músicas como "It Will Pass by Me", da Nocet.

"Naquela época, as casas noturnas e barzinhos abriam muito espaço pra bandas autorais com identidade. Hoje em dia não. Os caras preferem, que "é melhor comercialmente, vende mais", abrir espaço pra covers, ou pra gurizada do Sertanejo Universitário. Os caras entraram na vibe, que vem de cima. Aqui temos umas duplas sertanejas, e os caras tocam bem... mas falta espaço pra bandas com identidade. Naquela época se abria muito espaço, tem o exemplo do Feisma Mostra Rock".

Marquinhos trabalha de segunda à sexta na Rádio Medianeira AM, apresentando o programa Super Show da Tarde – e muitas vezes fica na FM às tardes, bem como faz participações em programas da emissora nos fins de semana – que, como o próprio âncora descreve, é uma revista no rádio. Mistura informação, entrevistas com autoridades, cantores, bandas, agentes culturais, professores, enfim, com pessoas que tem à acrescentar para assuntos referentes e importantes para Santa Maria. Atrás do microfone que lançam sua voz nos 1130 do AM local, Marquinhos também roda músicas diversas, mas diversas mesmo, indo do sertanejo antigo ao atual, passando por bandas e artistas internacionais e também dando espaço para as bandas autorais e independentes no atual momento. Claro, a participação do ouvinte é fundamental, seja pelas redes sociais em que o programa se lança, seja pelo tradicional telefonema para a rádio.

É um cara que conhece a cidade, que está aqui há anos, e que tem envolvimento com a parte cultural. Normalmente participa ativamente da Feira do Livro de Santa Maria, importante evento que reúne milhares de pessoas na Praça Saldanha Marinho. Então, Marquinhos, mesmo que não saindo ativamente às noites da cidade, conhece a movimentação do momento, e sabe das diferenças entre os bares e casas nesses distintos momentos vividos em Santa Maria. Hoje, troca a cadeira de um pequeno bar, onde mal cabiam pessoas e que tinham uma porta minúscula – se comparada com as exigências atuais – pelo conforto de uma cervejinha bem gelada e uma série na cadeira de sua casa. Mas, mesmo assim, sabe e lembra-se dos bares do momento, da cena do momento vivido em meados dos anos 1990. Sabe sobre a linguagem da cidade, ou ao menos, conhece bastante por viver ativamente em uma época – como disse Pylla – de ouro para a cidade.

Conhece e sabe como existe, ou pode melhor existir, o diálogo entre esses locais e os artistas da cidade.

Claro que o diálogo existente entre bandas e os proprietários dos locais quase sempre gera algum tipo de desconforto, se é que se pode chamar assim, na relação contratante e contratado. Os clubes, de modo geral, não necessitam da receita de uma noite para se manterem, afinal, tem múltiplas atividades durante o ano e, na maior parte dos casos, contam – ou contavam – com associados, que, por uma parcela paga, tem acesso aos serviços oferecidos. Já os bares, para funcionarem, necessitam de uma receita financeira favorável, ou seja, lucro. Assim, o gasto com luz, equipamentos de refrigeração, equipamentos de som, seguranças (quando esses existem), equipamentos da banda, funcionamento geral do bar e a própria banda devem ser menores do que a arrecadação em cima de bebidas e comidas que o local dispõe, quando dispõe, e de tudo que gera retorno financeiro, quase de imediato, para o estabelecimento.

Nessa equação, infelizmente, o fator música humana, ou simplificando, o músico acaba por sair na pior. O autoral teve essa grande demanda, essa receptividade pelo público, o que gerou o movimento de casas noturnas para abrir espaços a tais artistas. Porém, é fato que todas as bandas, mesmo as mais consagradas da cena, como as que participaram do “Elo Um”, tanto em seu primeiro como em seu segundo volume – sim, a coletânea teve outro episódio, com outros artistas, e isso também é assunto para mais tarde – necessitavam também dos covers. A banda Fuga, por exemplo, se apresentava como “Os Fugitivos” quando subia nos palcos para fazer as releituras de outras bandas já consagradas. Isso se repete – não a mudança de nome, mas o cover artístico – em bandas como a Nocet e a Doce Veneno, por exemplo.

E, atualmente, mesmo bandas que caíram no gosto de uma parcela significativa da população local fazem apresentações que entram para a história positiva da música autoral de Santa Maria, como a Guantánamo, necessitam, às vezes, fazer shows de releituras. Por exemplo, no Boteco do Rosário eles tocam muitas vezes com uma noite dedicada à nomes clássicos da MPB ou Tropicália, como Milton Nascimento, Chico Buarque, Gilberto Gil e afins. Com esse projeto, inclusive, já tocaram em casas noturnas de Porto Alegre.

Os bares a 37 dias de 2017

Os locais que antes abrigavam muitas bandas, hoje praticamente inexistem. Dos clubes que proporcionavam espetáculos – realmente espetáculos, com quilos e quilos de aparelhagem de som e luz, produção e divulgação e ainda um público enérgico e ativo – nenhum destina espaços para as bandas locais nos idos de 2016 e boa parte da década de 2010. Desses, o único que ainda hoje toca artistas, mas de nível nacional e internacional, é o ATC, que traz nomes da música como NX Zero, Anitta, e trouxe, em 11 de novembro de 2011, a clássica banda Nazareth, uma das precursoras do hard rock no mundo, na década de 1970 – que teve show de abertura da banda Pylla C14.

Dos clubes, o Recreativo Dores também tem ativo papel nas atrações nacionais para a cidade, trazendo nomes como Lulu Santos e Zé Ramalho para os ouvidos santa-marienses.

Um dos bares existentes desde 1990 é o Skatto Bar. Antigamente localizado na Avenida Presidente Vargas, hoje o Skatto está na Avenida Borges de Medeiros. O local que tem em sua história a música ao vivo, ainda abre espaço para o som feito na hora, porém é difícil notar bandas e artistas autorais, independentes no local, e mesmo uma divulgação ou incentivo para tais.

Mas o fato é que, desde meados finais da década de 1990, o espaço para os covers começou a ser significativo na noite da cidade. O movimento se estende pelos anos 2000, quando poucos nomes tem a oportunidade e conseguem se consolidar e se profissionalizar em Sana Maria. Juntamente a isso, o desenvolvimento e uso ativo da internet e das redes sociais, principalmente às vésperas de 2010, modifica o modo de aparição, percepção e divulgação de todos os artistas de uma cena local. Com o advento da internet, o espaço é encurtado, e a disseminação de toda informação ocorre de modo multilateral. Assim, é claro, a distância entre público e bares diminui, e de bares e bandas, consequentemente, também. Uma agenda

pode ser pensada de forma mais clara, por exemplo, e as pesquisas de opinião de determinado público ocorrem mais facilmente.

Mas é em meados dos anos 2000 que um espaço importante para toda a cena independente de Santa Maria na década de 2010 (ou até meados desse período) surge. Motivada pela vontade de beber – isso mesmo, beber, e beber a água que o passarinho não bebe – de colegas de quarto da Casa do Estudante Universitário, localizada na Rua Professor Braga, número 79, surge o primeiro protótipo do que seria o mais importante palco independente para Santa Maria durante alguns bons anos.

Macondo Lugar

Uma dessas camas da Casa era de Atílio Alencar. O homem, que hoje tem barba na cara e cabelos encaracolados escuros que começam a dar lugar ao grisalho, nasceu em 12 de setembro de 1977, na cidade de Cachoeira do Sul, próxima a Santa Maria. Veio para o meio dos montes em 2000, para cursar história na UFSM, e desde então participa ativamente da cultura da cidade, seja pela parte musical, seja por outras vertentes. À época, começou agindo na Catacumba do DCE, localizado no subsolo da antiga Boate do DCE, que por sua vez está no subsolo da Casa do Estudante no centro da cidade. Nas festas, ou melhor, eventos, muitas vezes havia a programação da música ao vivo.

É em 2004 que Atílio e mais cinco amigos do quarto 75 organizam o coletivo Inferno 75, e de fato promovem eventos na própria boate do DCE, com bandas da cidade se apresentando ao vivo no local. Foi com a organização desse coletivo em parceria com um coletivo de hardcore da cidade, na época, que organizam um festival, o Circo Mágico. Esse evento ocorreu em dezembro de 2004, no balneário Zimmerman, em Três Barras, local situado há alguns quilômetros de Santa Maria. Com pouca experiência, sem nenhuma noção para organizar um festival e com o limitado e pouco conhecido uso da internet – ferramentas como e-mail ainda eram utilizadas de forma muito amadora para esse tipo de comunicação entre as pessoas – o evento reuniu cerca de 70 bandas, em três dias de festival. O contato para que tudo isso fosse possível era mesmo o boca a boca.

O que os amigos do coletivo tinham em comum, além da falta exata de percepção e noção de como organizar tudo, era a relação com o circuito da noite da cidade, além da paixão por fazer parte atuante na cultura local. O Evento reuniu, sem segurança e estrutura pensada para maiores problemas, cerca de 1000 pessoas.

"Eu tento contar isso exaltando os bons momentos da coisa. Com certeza deve ter muita gente que foi e viu outro festival. Pra nos foi tão empolgante e inspirador, que consolidou a ideia da gente ter o espaço, de contar com espaço permanente, que justamente trabalhasse com linguagens artísticas variadas. Ai três meses depois disso a gente acabou abrindo, muito por conta de uma atividade que era de vender caipirinha na rua com carrinho de supermercado roubado, a gente abriu o Macondo Lugar".

A Casa Verde, como é carinhosamente chamada, cheia de desenhos por fora e com movimentação intensa nos finais de semana não está aí desde seu surgimento. O Macondo Lugar foi oficialmente fundado no dia 17 de março de 2005 e, para os fundadores, foi pensado com clareza. Era para ser um bar, e estava localizado, originalmente, na Rua Floriano Peixoto, número 1385, no centro de Santa Maria. O próprio coletivo Inferno 75 era responsável pelas obras no local, literalmente eram os fundadores e sonhadores do Macondo que colocavam a mão na massa, muito auxiliados por aqueles que começaram a reconstruir o conceito do local. Ali, o bar funcionaria por quase dois anos, atraindo e aproximando pessoas e curiosos, os próprios fundadores do bar, músicos, artistas, jornalistas e um público que, certo modo, necessitava daquilo. Com isso, as pessoas que começaram a ocupar o Macondo desviaram sua função inicial de bar, e levaram-no a ser um *"laboratório social de comportamento, uma excelência no underground*", como diz o homem de cabelo encaracolado e escuro. Claro que, não no sentido de sofisticação e luxo, mas a excelência no que tange diretamente ao convívio e construção de um movimento para a noite e para a cultura da cidade, que foge dos grandes nomes e locais que abrem por grandes empresários da noite, visando única e, quase, exclusivamente o lucro.

"A gente vinha num momento de refluxo, de muita saudade dos anos 90. E de repente se supera a nostalgia e vai pra prática. Não por conta do Macondo, mas justamente o contrario, o Macondo se torna possível devido a essa série de desejos".

Rapidamente foi perceptível que o local estava no que as pessoas queriam. A comunicação, como quase óbvio, era tosca na época. Um site amador, um e-mail e fundamentalmente a colocação de cartazes pela cidade comunicavam o Macondo com Santa Maria. Como de praxe, as taxações começam a surgir, com muitos afirmando ser um bar punk, outros um bar gay, outros ainda comentavam que era um bar universitário. Mas era, de

fato, um bar com a existência de todas essas pessoas e muitas outras. Foi importante como espaço cultural, como espaço artístico e como um fomentador inicial para uma cena de Santa Maria que estava escassa desde meados da década de 1990. Foi também foi fundamental como um espaço comportamental. As pessoas que iam as primeiras vezes, em muitos momentos ficavam chocadas com o que viam – ainda mais em um período que os preconceitos eram mais acentuados que hoje, mesmo que hoje tenham tantos acentos que seria impossível expressar em uma língua existente. Mas logo todo o paradigma comportamental se quebrava.

Um tempo depois, entre 2006 e 2007 o bar precisa deixar seu local. Na Rua Floriano Peixoto estava localizado em uma casa que, em si, era pequena, mas que possuía um grande pátio, ótimo para o convívio, se pudesse ser utilizado na época. Nesse local havia mata nativa, que parecia atravancar o projeto de um condomínio que viria a ser construído no local – condomínio esse que, hoje, está ali. Parecia que o embargo ambiental sustentaria por bastante tempo o bar na Floriano, mas infelizmente os admiradores e parceiros do Macondo descobriram que o dinheiro daria um jeitinho nisso. E dá um jeitinho em quase tudo

Antes mesmo do incidente que resultou na mudança do local, o bar foi fechado com um mês de existência, devido à falta de alvarás técnicos, como o de isolamento acústico. Resolvidos tais problemas, o Macondo teria longa vida ma Floriano se não fosse um amontoado de números e cifras financeiras que conseguiram destituir amigos, o bar e uma parte de mata nativa, algo que é protegido legalmente. Então, em 2007, eles são obrigados a mudar de endereço, e encontram na Rua Serafim Valandro, número 643 o espaço onde a casa se encontra até os dias atuais.

O local, à época, exigira dos membros do coletivo, que se tornariam os sócios responsáveis pelo Macondo, maiores questões técnicas e de acomodação. O Local possui dois andares, um aluguel mais caro do que no primeiro lugar onde o bar funcionou, e demandou pensamento diferente, a ponto de tornar a concepção Macondo concepção diversa daquela inicial.

A mudança deixa órfãos, que mesmo frequentando o bar no novo local, percebiam a mudança. A experiência adquirida pelos membros responsáveis pelo local e também as maiores exigências tornaram, sim, o bar mais empresarial. Era necessário pensar em receita (gasto e retorno financeiro), no que se poderia ter e fazer para que o Macondo continuasse existindo e não fosse um prejuízo para quem o administrasse. O local já não era mais tão espontâneo, tão experiência de surgimento.

Há amadurecimento em relação às apresentações também. No primeiro momento, o Macondo, por tamanha espontaneidade, levava aristas que sabiam que teriam em um palco a nível de chão. No local novo, na Serafim, a casa já era pensada como palco para shows, como casa de shows mesmo. O novo palco pede maior curadoria, mais seleção, pede um pensamento diferente em relação a quem irá tocar. Também exige, por questões mais comerciais de fato, que não apenas bandas e artistas ao vivo fizessem as noites do local.

Com isso, a taxação de traidores da causa não haveria como não estar presente. Claro que, nesse momento, os responsáveis pelo local já não eram mais os mesmos meninos que vendiam caipirinha no carrinho roubado de supermercado. As pessoas iam e vinham, entravam e saiam. Participavam e deixavam de participar dos assuntos referentes ao Macondo.

Atílio Alencar ficou responsável na época pela parte da curadoria, e obviamente isso demandava que alguns artistas tocassem e outros não. Mas, além de ser uma casa para diversão na noite santa-mariense, o Macondo tinha a proposta de debater o que viria a ser cultura independente na cidade. A movimentação era, de certa forma, no inicio do Macondo, ainda pelos idos da década de 2000, desorganizada. Algumas eram as bandas que tinham a postura mais perto do profissional, e claro, o movimento hardcore, que há muito, mas muito tempo, tem mais organização do que movimentos difusos na cidade – e, em contexto mais amplo, a música como um todo, global. Infelizmente muitas bandas tinham, e ainda hoje, em 2016, cultivam o pensamento de que, por tocar em uma garagem podem se tornar, assim do nada, a nova Nirvanna (banda grunge de maior visibilidade na história do gênero).

O pensamento de o Macondo ser uma casa cultural e não apenas um bar tradicional nas noites entre os morros, fez com que uma parceria surgisse. Em Santa Maria o Macondo era uma das Casas Fora do Eixo.

A Rede Fora do Eixo é um conjunto de coletivos culturais que surgiu no fim de 2005, longe do – como o nome diz – eixo Rio-São Paulo, que promoveu diversas atividades culturais e intercâmbios de artistas pelo Brasil, em suas casas participantes. Um de seus mentores é Pablo Capilé, nascido em Cuiabá, Mato Grosso. O Projeto expandiu-se para Uberlândia (Minas Gerais) e Rio Branco (Acre). Com o crescimento do movimento, as Casas Fora do Eixo começam a aparecer em todo o país, promovendo esse intercambio cultural artístico. São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Santa Maria são algumas dessas casas, e na cidade o Macondo fazia esse intercâmbio, que começou na em 2008. A Rinoceronte, das bandas da cidade, foi a que realmente conseguiu se beneficiar e realizar essa troca, tocando em algumas das cidades que o Coletivo proporcionava o contato. Porém, esse

mesmo Coletivo, ou de modo mais abrangente, a Rede de Coletivos, mudou muito sua concepção, e em meados de 2011 já deixa de ser tão ativa culturalmente, tendo foco para movimentação e posicionamento político.

A Rede Fora do Eixo aparece com diversas acusações de antigos participantes, que ficavam nas Casas. Nesse período diversos integrantes viviam nas Casas Fora do Eixo e participavam da engrenagem de funcionamento. Com diversas acusações de abusos de poder por parte de membros cabeças, como é o caso de Capilé, muitos integrantes deixam o Fora do Eixo. E, bem, hoje ele é inatuante na cidade.

Atílio Alencar participou da Rede, que ajudou a promover festivais importantes na cidade, sempre com o auxílio do Macondo. O que em um primeiro momento era o Circo Mágico, o festival caótico organizado pelos amigos de quarto, se chama, a partir de 2005, Macondo Circus, e promove movimentação artística grande em Santa Maria.

"Mas já em 2008 a gente tinha um festival que tinha repercussão nacional, de certa forma. Então em 2009 a gente tem uma virada de jogo que traz o festival pro centro da cidade, pra Praça Saldanha Marinho, com atrações nacionais e internacionais. Conta com um trabalho coletivo enorme e posiciona o festival como um dos festivais independentes do Brasil dignos de serem citados, por bandas, público, como experiência urbana. Que se relacionava muito com o momento de efervescência musical no Brasil inteiro também. Musical e de situações, tecnologias criadas pra dar conta de organizar festivais. Nisso eu me aproximava cada vez mais, eu e as pessoas que estavam comigo trabalhando no Fora do Eixo, que era basicamente a proposta de criar circuitos independentes longe das capitais".

Atílio vai a Porto Alegre, ainda quando o Coletivo exercia seu papel cultural artístico, e bebe de uma fonte interessante de contatos e articulação de movimentos. Mas Atílio deixa de se envolver com o Macondo Lugar já em 2012, e de fato se afasta em 2013, principalmente após o incidente da Boate Kiss. O Macondo Circus tem sua última edição no ano de 2014, e desde então o festival que lotava locais como a Praça Saldanha Marinho ou a Gare da Antiga Viação Férrea deixa de movimentar as pessoas de Santa Maria.

Atílio, quando ainda estava no Macondo, trabalhou como produtor da Rinoceronte, nos anos de 2008/9/10. Atualmente também participa como produtor de bandas como a Vespertinos, ThreeX e a Loius&Anas. Também durante um tempo circulou o Rio Grande do Sul com projetos teatrais, como colaborador, e não diretamente como produtor. E, atualmente, está na curadoria do Rockers Soul Food, trabalho que começou ainda em 2016.

Atualmente o Macondo não tem mais em sua agenda a participação de bandas autorais independentes de Santa Maria. Raras foram as vezes em que, no ano de 2016, os artistas subiram no mais estruturado palco de Santa Maria para presentear os que ali estavam, com música autoral. A situação é uma via de mão dupla, onde o público, por valorizar mais festas que tocam o que a grande mídia proporciona, lota festas de funk, com ingresso custando em torno de 20 reais. E isso é algo que se repete em toda cidade. É difícil arriscar uma noite, onde a arrecadação das casas paga uma série de funcionários, mais a manutenção da mesma, por uma noite em que, em uma aposta de banda, o público não comparece, e o prejuízo acaba sendo o maior presente. E quem está no Macondo hoje, e em demais bares da cidade, sabe disso, assim como os artistas.

Cláudia Rocha é uma mulher baixinha, com presença e experiência com trabalhos culturais no currículo. Com 31 anos, nasceu em São Paulo, e veio para Santa Maria em 2010, onde atuou com a produção de projetos culturais de 2012 até meados de 2015. Há dois anos trabalha na organização da agenda e também dos projetos do Macondo Lugar, cuidando da parte de estratégias da comunicação. Para ela é importante às casas noturnas a presença das bandas, a diversidade na agenda que de espaço para as bandas autorais da cidade. Porém faltam produtores que trabalhem mais especificamente com isso, ou ao menos que deem a procura necessária para que esses eventos aconteçam. Mesmo que Claudia não cuide da parte financeira é visível para ela que os eventos envolvendo bandas autorais da cidade são, em sua grande maioria, em quase todas as casas, os acontecimentos menos rentáveis para os locais.

"O bar diretamente dificilmente mantêm este contato. São produtores que agitam a agenda da casa, são muitas pessoas que trabalhando cada uma com um evento diferente".

Rockers Soul Food

O Rockers é um local distante do centro de Santa Maria. Desde 19 de outubro de 2013, na Avenida Hélvio Basso, número 1241, é um local que traz para a cena independente artistas locais e também nomes de fora. Tem ambiente diferenciado, mas pela distância da região central, afinal, fica quase no trevo que dá acesso à cidade de São Sepé, tem muitas vezes público mais fraco. É um espaço um pouco mais alternativo, que, mesmo na lógica do capital que envolve toda uma lógica ainda maior comercialmente, está um pouco mais desligado

disso do que demais casas de Santa Maria. Atílio, que é curador artístico do local tem experiência para o assunto noite e cultura em Santa Maria.

"Eu coloco isso de uma maneira reticente, porque é uma casa noturna que necessita vender ingresso, cerveja, se manter. Mas ao menos com as pessoas que tenho participado ali, são sutilmente mais pautadas pelo fator artístico do que propriamente pela capacidade de lotar casa. E às vezes as duas coisas se unem, mas eventualmente você enfrenta também pouco publico. Somado a isso a questão geográfica da casa que fica fora do centro, tem sido ate então, nos últimos três meses, uma experiência interessante, satisfatória por parte do publico. E com uma frequência de shows, diria, acima da média. Em três meses foram 18 shows".

Tem futuro, se optar ainda por incentivar e dar espaço para shows autorais, mesmo que esse não seja o único evento que a casa oferece. Mas, a incitação para as bandas autorais faz surgir o movimento maior do público, meio que como um costume. Se a casa apresenta em sua agenda, ao menos uma vez em cada final de semana, uma banda independente, autoral e principalmente local, a familiarização do público com esse determinado evento acontece.

E aos autorais na cidade, um dos mais importantes e que ainda vem dando espaço significativo é o Boteco do Rosário.

Boteco do Rosário

A fachada com detalhes em madeira, uma porta de ferro pintada de verde e uma placa onde se lê "Boteco do Rosário, desde 2011" está localizada na Rua do Rosário, nº 400. Nesse local, praticamente todas as noites desde 25 de janeiro de 2011, é possível encontrar e conversar com Leonardo Retamoso Palma, um menino nascido em 12 de novembro de 1967, em São Pedro do Sul, que desde sua juventude tem participação em movimentos e manifestações culturais, tanto em Santa Maria quanto em outras cidades, como Porto Alegre. Leo, como normalmente todo Leonardo é chamado, teve a ideia de fazer um bar para convívio pessoal, troca de ideias e, de fato, de pessoas.

Veio à Santa Maria para estudar filosofia, e escolheu o caminho da participação e movimentação cultural e estudantil dentro da UFSM, participando do Diretório Acadêmico do seu curso, do Diretório Central dos Estudantes e como ativista do Movimento Estudantil. Sempre esteve muito ligado à poesia, ao teatro, e tinha no seu circulo de amizades pessoas

ligadas com processos criativos, como poetas e músicos. Além disso, tem em seu convívio pessoal parentes em uma área afim, como um irmão redator de publicidade e um tio parceiro de criação de Paulo Leminski.

Dentro do movimento estudantil conhece diversas pessoas que proporcionam e incentivam a criação e movimentação cultural. Em Santa Maria, Leo participa do Comitê Piracema de Ação cultural, que foi importante para alguns dos Nossas Expressões, eventos organizados pelo DCE com promoção de cultura e artistas locais de diversos gêneros, como músicos independentes e autorais, por exemplo. Foi de um grupo de poetas importante, no final dos 80 e inicio dos 90, chamado Cactos e Versos. Também tinha o projeto Alarde na Aldeia, que virou o grupo Alarde na Aldeia, responsável por deixar muita pichação de poesia nos muros de Santa Maria, que levou muito tempo para ser apagada.

Depois foi um tempo para Porto Alegre, onde trabalhou na Casa de Cultura Mario Quintana e organizou o Fórum de Cultura. Na Casa tinha contato com diversos oficineiros do local, que eram em sua maioria músicos. Como Leo também se arriscava nas poesias teve alguns de seus temas musicados, o que proporcionou alguns prêmios pelas composições. Em Santa Maria era desde cedo um agitador cultural.

"Minha casa foi um lugar que um tempo muita gente ia na sexta-feira pra tocar, ler poesia, discutir projeto. Surgiram algumas coias legais que se esparramaram pela cidade. Fui muito tempo do Conselho da Cesma (Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria, localizada na Rua Professor Braga, número 55), num período onde era colaborador do Rascunho, um importante jornal na cena cultural da cidade. Fazíamos muita entrevista, tentávamos dar espaço pra produção cultural da cidade. A Cesma foi um espaço importante durante um tempo, enquanto espaço de exposição, um palco importante. Tive muito tempo envolvido com CineClube, com política de formação de acervo. A gente tinha grupos que discutiam isso e deixavam sugestões na Cesma. A gente fazia isso insistente e teimosamente".

Também trabalhou, antes de ir para Porto Alegre, na Livraria da UFSM, que era uma extensão da Editora UFSM. Trabalhava em uma pequena sala com quatro prateleiras, um acervo pequeno, e descobriu um projeto que viabilizava livros do país inteiro. Nessa época, ficou três meses dedicado a ler catálogos e garimpar livros, que vieram do país inteiro. Com isso o espaço onde trabalhava teve que ser aumentado em umas dez vezes, o que proporcionou maior estrutura para a livraria da UFSM.

Leva, por um tempo, uma vida como “nômade”, circulando por diversos lugares do país. Nisso descobre a ideia do Autonomismo Operário, e assim rompe com barreiras a representação política, indo para a expressão e experimentação da mesma. Mas, após o período de nomadismo social, participando da Rede Nômade do Brasil, Leo retorna para Santa Maria.

Quando pensa em abrir o Boteco do Rosário, pensa com uma proposta muito diferente da atual. Inicialmente começou com o projeto muito voltado para teatro, artes visuais, poesia. Só que o palco acabou se tornando um espaço para músicos da cidade. A necessidade, se é que pode se falar assim, veio quase que naturalmente em uma cena diversidade cultural como apresentada em Santa Maria. A primeira festa com banda realizada no Boteco do Rosário mostrou isso. Posteriormente os pequenos decks, usados inicialmente como suporte externo para mesas e cadeiras que ficavam fora do bar, acabaram dando lugar ao que seria futuramente o palco do Boteco. E o palco só virou o palco devido à demanda da própria cidade, uma demanda muito maior do que aquela imaginava por Leo e seus primeiros sócios. A primeira festa realizada com banda acabou por mostrar que isso poderia vir a ser o principal diferencial do local.

“Então eu digo que o palco foi um território produzido de uma conquista da cena musical da cidade. Claro que a gente fez as nossas opções. Porque, por exemplo, a gente não tem uma opção pelo sertanejo e pelo pagode, nem pelo funk carioca. Porque é um lugar, talvez um dos poucos da cidade, que toca jazz. Onde o blues tem um espaço privilegiado. É uma casa basicamente do rock, uma casa que quando tem samba, é samba de raiz. É uma casa onde o chorinho acontece na cidade. Acho que tem duas, três casas no máximo que isso acontece. O jazz uma, duas. O blues, três no máximo. Então é uma casa onde alguns experimentos que a gente fez foram importantes pra nós pra conquistar e formar um publico, e ao mesmo tempo foi importante pra cena da musica. De muitos artistas se conhecerem, formarem banda, e passarem pro âmbito profissional à partir do uso que fizeram do palco”.

É claro que as dificuldades da noite de Santa Maria se apresentam para a maioria das casas noturnas. Semelhante ao Macondo Lugar e diversas outras casas locais, o Boteco do Rosário também tem que lidar com a balança da receita e saber apostar e arriscar as noites entre uma festa sem bandas em uma festa com bandas da cidade tocando música autoral. Porém, diferentemente do que acontece nos dias atuais no Macondo, onde o palco não é mais ocupado por artistas ou bandas da cidade para mostrar seu trabalho ali, ao vivo – porque, vá

saber, muitos podem ir com o intuito de curtir as festas do local – o Boteco tem o peso da guitarra, o grave do baixo e a força da bateria como seu carro-chefe.

O Boteco não é apenas um bar de shows. Como o próprio nome já diz, é um local onde haverá mesinhas, haverá bebida e também haverá o que comer. Ao longo dos cinco anos de existência o bar já se viu passando por diversas mudanças desde seu cardápio até o tipo de bebida que seria servida no local. Além disso, também necessitou de uma série de reformas para poder atuar do modo que está atuando atualmente em 2016. O palco do local, atualmente, comporta bandas completas, e como o próprio Leo já mostrou, de diversos estilos.

Como palco destinado a bandas, o Boteco se mostra importante para a atual cena da música autoral e Independente de Santa Maria. Alguns anos entre meados de 2012 2013 todas as quartas-feiras o boteco abrir espaço para artistas novos que buscavam apresentar o seu trabalho ao público da cidade. As noites de palco livre, como eram chamadas, ocorriam nas quartas-feiras, e proporcionaram para muitas bandas da cidade o seu primeiro show ao vivo, e para muitas outras bandas o primeiro contato entre os integrantes. A Guantánamo, por exemplo, formou-se aí, em noites livres, onde o artista subia e mostrava o seu trabalho.

Nessas noites, a entrada no bar não era cobrada e o artista também não tinha remuneração pelo seu trabalho. Mas o que realmente importava era o espaço dado e a oportunidade para que muitos compositores pudessem ter o retorno do público em relação ao seu trabalho.

A agenda do local já passou por diversas mudanças com projetos indo e vindo. A própria noite do palco livre já não existe mais, e como ela muitas outras noites saíram do catálogo cultural do boteco. Alguns projetos saíram errado e geraram prejuízo para o cofre do local. Assim como outras noites deram certo e artistas conseguiram emplacar seu nome na cena da cidade. Mas nessas idas e vindas o Boteco quase decretou falência em 2016, motivado por grandes endividamentos feitos com bancos que davam empréstimos para a realização das obras necessárias exigidas pelo poder público de Santa Maria, bem como pelo corpo de bombeiros local.

Outras casas para o autoral?

É fato que após a tragédia negligente e abafada da Boate Kiss, todas as casas e bares de Santa Maria tiveram que se reinventar. Dos espaços voltados para o autoral na cidade, o Boteco do Rosário e o Macondo são os que podem aparecer como principais no pós década de 2010 - ao

menos o Macondo apareceria como dos principais, não fossem as mudanças em sua agenda que não dão mais espaço para o autoral, devido a uma baixa quantidade de público nesses eventos.

Fora esses dois locais, poucos são os espaços na cidade que proporcionam a apresentação de artistas autorais locais independentes, ou seja, que não estão vinculados a uma grande gravadora ou a um gênero musical altamente midiático. O **Havanna's Eventos**, localizado na Rua Araújo Viana, número 150, foi um desses locais durante um tempo com a promoção de festivais e eventos que colocavam o pessoal daqui em cima do seu palco, porém o mesmo não era feito e planejado apenas para este tipo de ocasião, sendo também um palco com horário de funcionamento reduzido, com limite de barulho até a 1h da madrugada.

No início de 2016, outra casa também esteve presente nas notícias e no imaginário do público santa-mariense. O **Etnia** surgiu com a proposta de valorizar e fomentar os artistas e a cena musical de Santa Maria, e logo de cara, na sua inauguração, colocou para cima do seu palco a Guantánamo Groove juntamente com a Pegada Torta, duas bandas que cantam Santa Maria. Entretanto, com o passar dos meses do ano de 2016, raras foram as vezes em que artistas locais autorais tocaram novamente no espaço, que se dedicou quase que exclusivamente para festas temáticas que levasse em um determinado público-alvo, que pagaria o preço do ingresso, pagaria o preço da cerveja. Pagaria para não ver bandas da cidade e sim músicas mecânicas que a grande mídia faz todos conhecerem.

A linha tênue entre o amador e o independente: profissionalização das bandas e a produção de... produtos

Como um material bem gravado é importante para a consolidação e reconhecimento de um artista

As apresentações ao vivo de uma banda são o primeiro passo para que o público tenha contato, e nesse quesito todas as casas e espaços destinados a eventos da cidade são, sim muito importante para as bandas. Mas não só vivendo de apresentações que essas bandas e artistas conseguem se manter. Há muito tempo as gravações de materiais de boa qualidade tem se mostrado fundamentais para o reconhecimento e consolidação de qualquer artista que trabalha no meio musical. Assim, desde o início do século XIX, a indústria fonográfica tem se mostrado presente e a venda de produtos culturais tem acontecido em todo mundo em maior ou menor escala dependendo do seu tempo.

Quando Thomas Edison inventou o fonógrafo, que seria aperfeiçoado e reestudado por Emil Berliner, que inventou o gramofone, certamente não imaginava o avanço e a grande explosão da indústria musical ao que temos hoje. Desde o discos L,P passando por demo tapes, fitas cassete, formatos como DAT (Digital Audio Tape), chegando na década de 90 a popularização do CD (Compact Disc) e depois avançando de uma maneira muito veloz até chegar aos formatos única e exclusivamente digitais, a música vem moldando e definindo o modo de comportamento e de lazer de muitas pessoas. O fato é que os modos de produção, gravação e captação, distribuição e consumo da música mudaram muito e avançaram em uma maneira muito diferente do que o esperado nos últimos 20, 30, 40 e 50 anos - cada um com o seu ritmo.

Além do áudio unicamente, a produção cultural/comercial do artista evolui nesse quesito evolui também, com o uso de imagem, fotos de divulgação, videoclipes e tudo que relacione o logotipo, o nome dos integrantes e também a marca da banda de modo geral. E isso se mostra importante para a consolidação desse artista - ou menos para que ele tenha um nome conhecido por mais pessoas - e assim consiga expandir mais o seu som autoral.

No independente, o fator financeiro determina muito a qualidade do trabalho dos artistas, e é aí que alternativas diferentes das usadas nos modos de produção globalizado que estão sob o domínio das grandes corporações musicais aparecem. Na cidade, muitas foram as histórias, os projetos e as iniciativas, tanto na década de 1990 quanto em períodos posteriores, passando pela década de 2000 e chegando na década de 2010, onde a internet e a gravação dos produtos se tornou muito mais popular e de um acesso muito mais fácil. Porém, a qualidade de um bom material ainda se mostra fundamental para que o público se aproxime

do artista, e também para que o artista consiga chegar de fato no seu público, fazendo com que suas músicas sejam ouvidas pelos santa-marienses – e também dos de fora – não apenas em uma apresentação, mas também no conforto de suas casas, em reuniões com os amigos, naquele papo informal em que a música toca não apenas no aparelho de som ou no computador, mas também toca cada um que a ouve.

Os materiais da década de 1990.

Na década de 1990, Santa Maria apresentava fundamentalmente dois estúdios para gravação de materiais com qualidade profissional, que poderiam facilmente ser apresentados em rádios e demais veículos de comunicação, bom como sairiam em formatos físicos para a rodagem na casa de seu público. Eram eles Bob Studio e o Studio Master (que hoje se divide entre Master e Sonare - cada um pertencente a um dos irmãos que, antigamente, integravam juntos o Master).

Os estúdios da cidade já trabalhavam comercialmente com a gravação de artistas, principalmente da música tradicionalista do Rio Grande do Sul, ou seja, já tinham equipamentos e o respaldo técnico necessário à época para a produção comercial do material. Ou seja, já abriam suas salas isoladas com espumas específicas para a função de isolamento, ligavam seus microfones condensadores e cardioides para a captação dos instrumentos, sejam eles violões, guitarras, baterias, gaitas, percussão, sopro... Enfim, tudo o que envolve a produção musical

Assim é notório perceber a importância desses estúdios quando abrem as portas e disponibilizam os equipamentos para as bandas da cidade que não se enquadravam nesse meio, apostando, muitas vezes, em artistas que não dariam o respaldo financeiro de certeza para a produção. É claro também que, por estarem em um meio independente, os artistas que se bancavam, tinham que juntar e somar dinheiro suficiente para a produção de seus projetos. O Master, em particular, apostou alto quando topou produzir - mas produzir mesmo, gravando, mixando e masterizando - a coletânea Elo Um.

Mas o primeiro material de uma banda Independente de Santa Maria antecede um pouco a década de 90. Foi com a Thanos que Pylla e seus parceiros gravaram em fita cassete o material que de cara mostrou a necessidade do público de Santa Maria para um consumo de cultura e produto musical feito na própria cidade.

"Eu costumo dizer, a primeira fita cassete, que é aquele rolo que tem lá que foi lançado em todo o estado, foi aquele "Omissão Nunca Mais", da Thanos. E pasme, a gente vendeu mais de 500 fitas. A gente levou 100 fitas pro cara da Exclusive (loja que vendia LPs, CDs, fitas e materiais relacionados a bandas), a gente confeccionou ela com o cara que fazia as gravações do Padre Lauro, quando o Padre Lauro lançava fita cassete. E era o Padre Lauro, aquele negócio do poder da mente. E a gente descobriu de um cara que fazia essa fita. E foi sacação minha, passando pela loja do padre Lauro, e pensei onde que esse cara mandava fazer essas fitas. Aí descobri, hoje ele é o dono de um lance de áudio. O Bob Studio. Ele tinha lá pra gravar esses gaúchos, e nunca uma banda de rock tinha entrado lá. E a gente entrou e produziu isso cara, e as primeiras 100 cópias – a gente não acreditou que ia vender mais que isso – foram vendidas das duas da tarde às seis. Quando o Betão foi correndo na minha casa, de moto cara, porque naquela época não tinha celular e esses meios de comunicação".

A Thanos, então, já mostrava a capacidade do autoral para Santa Maria, bem como a necessidade do mesmo. Já adentrando a década de 1990, alguns trabalhos são, notoriamente, importantes para a consolidação e avanço da cena musical independente no interior do Rio Grande do Sul. São trabalhos realizados pela Fuga, pelas bandas participantes do Elo Um, pelas bandas que além da coletânea, lançaram-se de maneira solo, que buscaram seu espaço, tiveram seu som, entraram nas casas das pessoas, por LPs, CDs, por fitas e pelas emissoras de rádio, que ainda hoje são importantes para o aparecimento e conhecimento do artista, principalmente um artista local para com seu público.

As gravações da Fuga.

A banda teve em sua história dois LPs gravados, com faixas autorais, que são até hoje um marco para a cidade. O primeiro LP é hômonimo à banda, e foi lançado em 06 de setembro de 1990, em show realizado no Clube Caixeiral. O disco contou com - além da já esperada presença de todos os integrantes – a presença de músicos externos à banda e presentes em toda a cena musical de Santa Maria no momento, como Ricardo Freire da banda Chrisallyda nos teclados, Denise Fontoura no saxofone, e Renato Molina da banda Nocet como vocal de apoio. O trabalho contou com mais de 150h de gravação, mixagem e prensagem, feitas de modo totalmente independente - mesmo que a Fuga tivesse Heron Domingues como produtor, amigo e confidente de muitos momentos e histórias - e contém

dez faixas autorais. O disco foi gravado em Porto Alegre, o que, de certo modo, torna todo o processo muito mais difícil.

Era necessário sair cedo de Santa Maria e viajar até Porto Alegre, em uma jornada que levaria mais de quatro horas. Além disso, o desgaste da viagem e a ansiedade somavam-se ao tempo predeterminado de gravação no estúdio da capital, ou seja, assim que a banda chegava tinha um tempo limite que seria usado para gravação dos vocais, para gravação do baixo, da bateria da guitarra e de todo o processo musical em jogo.

"Nós tínhamos que estar em Porto Alegre às 8h da manha pra gravar a voz do disco. E não tinha passagem pra nós irmos, e nós precisávamos chegar lá. E ninguém tinha carteira cara. Ai liguei pro Molina (Renato) na rádio Universidade, e ele disse "tenho carteira, e amanha to de folga". Falei pra emprestar o Chevettão pra nós. E nós saímos de SM as 2h da manhã. Nem dormi até as duas né cara. Aquela função de ir a Porto Alegre gravar um disco, as 8h tenho que botar voz. Ai não dormi até as duas, e fui pra casa do Gonçalo , que marcamos o encontro lá. E entrei no carro do Renato Molina, que acabou colocando o backing vocal do primeiro disco da Fuga, e 15 pras 8 da manha nós tava na porta da gravadora...Claro que ninguém ia dormir dentro do carro. Era umas cochiladas, nós tava num Chevette a 80 quilômetros por hora".

Já em 1993 a banda Fuga, com mais experiência, estrada, contato e com a cabeça mais centrada, grava o seu segundo disco, também em formato de LP. O segundo trabalho da Fuga estava nas prateleiras da loja Exclusive Discos no dia 05 de abril de 1993, uma segunda-feira. Também era possível adquirir o trabalho com os integrantes da banda. "Crime ao Vivo" mostrou amadurecimento dos cinco roqueiros de Santa Maria, que tiveram mais tempo e mais experiência para a realização do trabalho, bem como maior conhecimento sobre as canções, e os modos de produção das mesmas. Prova disso é que o disco é mais curto que o primeiro, tendo uma duração de aproximadamente 45 minutos ao todo. Contém, também, dez músicas autorais, que no caso dão um caráter de cidade ao trabalho, em relação ao LP "Fuga". A temática principal abordada é a violência, e a relação desta com os meios de comunicação.

O disco teve dois momentos de composição. De setembro a outubro de 1992, cinco músicas haviam sido compostas, e a música "Intimidade", bastante executada nas rádios da capital, já havia sido gravada nos estúdios da EGER, em Porto Alegre. Assim, as quatro canções que faltavam para composição do álbum foram feitas de outubro de 1992 a janeiro de 1993. As quatro músicas que precisavam ser feitas foram gravadas no Studio Master, em

Santa Maria, fato que possibilitou um trabalho paciente e tranquilo na finalização dos sons. O trabalho foi planejado, desde o lançamento do primeiro disco, e esperava-se a participação de uma gravadora (um selo) para a realização do segundo trabalho. Porém, com o mercado retraído, o disco foi produzido e lançado de forma independente. Como no primeiro trabalho, há participação dos músicos Ricardo Freire nos teclados, Renato Molina nos vocais de apoio, e dessa vez, de Alexandre Hoer também nos vocais de apoio.

“Crime ao Vivo” conta com alguns dos maiores sucesso da banda, como a música que dá nome ao álbum, a canção “Políticos”, originalmente tocada pela banda Thanos, e a balada romântica “Saudade”, escrita pelo guitarrista Rafael Ritzel após o término de um relacionamento. O show de lançamento do álbum ocorreu no Clube Caixeral, no dia 17 de abril de 1993, contando com mais de 80 mil watts de luz e 15 mil de som, um telão mostrando os integrantes da banda, ao vivo, e canhões de luz voltados para o palco e para o público. A banda subiu ao palco do Clube às 2h15min, tocando “Peças da Desilusão”, Crime ao Vivo” e “Intimidade” em sequência.

Com isso, a Fuga faz diversos shows de divulgação, em turnê toca em São Borja, Soledade, São Gabriel, Cachoeira do Sul, enfim, em diversas cidades, incluindo a capital Porto Alegre, onde se apresentaram no Bar Opinião. Tendo na agenda entrevistas em rádios e programas de televisão da capital.

A gravação das bandas Nocet e Doce Veneno

Na década de 1990, mesmo com avanços e descobertas da tecnologia digital e de compartilhamento de dados em rede, os principais formatos de comercialização de música eram o LP e a fita cassete, primordialmente. Porém, já no final dessa década, o formato de CD começa a ficar realmente mais popularizado, e isso possibilita que as bandas pensem em determinado formato. A Nocet, uma das bandas importantes da cidade, desde sua criação no início dos 90 até os dias atuais – pois se mantém ativa tocando suas músicas em toda a cidade – também foi assim. Como lançou o seu primeiro trabalho apenas no final da década de 90, já optou pelo formato Compatc Disc, o CD.

"N", foi lançado no dia 22 de julho de 1997. Contém 47 minutos de composições gravadas, divididos em oito faixas, e contém músicas de grande conhecimento da banda, como “It Will Pass by Me” e “Have I Gottta Tell You Something”. O álbum foi gravado e mixado no Studio Master, em Santa Maria, de agosto de 1995 até outubro de 1996. O CD é

uma prensagem do paulistano MegaHard Records, um subselo da Progressive Rock Worldwide. Esse trabalho foi tão bem conceituado, e mostrava um hard rock com nuances tão próprias que chamou a atenção de gente grande, fora do país. O Estúdio que gravou o primeiro álbum do Scorpions, por exemplo, queria refazer toda a mixagem do álbum, o que, por motivos pessoais internos à banda, não aconteceu - e isso gerou, como é de se esperar, certo desentendimento e saídas de integrantes da banda, por motivos bastante pessoais.

Então, com as já faladas mudanças na formação, a Nocet grava, quase dez anos depois, o seu segundo trabalho. “Bullets” foi lançado em 2006, gravado e mixado em Santa Maria, pelo Sonare Studio, de modo analógico, o que, para a década de 2010, é uma inovação voltar a métodos usados antigamente, com qualidade superior - logicamente - para a produção de um trabalho à nível profissional. O Cd contém, ao todo, dez faixas autorais, e mesmo que a Nocet continue encantando o público da cidade, ininterruptamente desde sua formação, seu último trabalho é esse, lançado há dez anos.

Mas, antes mesmo de lançar o disco "N", a Nocet já tinha material gravado, que circulava nas rádios de Santa Maria e de outras cidades do país. Também já tinha na conta um videoclipe, material que, principalmente nos anos 90 se mostra importantíssimo para a divulgação de bandas. Foi em 1992, quando a banda participou do programa "Sul em Canto", promovido pela Rede Brasil Sul de Telecomunicações (RBS TV), que nasceu o clipe de "It Will Pass by Me", que circulou na programação da emissora, à nível de estado e de Santa Catarina também, o que, certamente, proporciona maior visibilidade para os artistas.

Já a Doce Veneno, em 1994, realiza processo de gravação de um clipe, que entra na programação da MTV. Em seus centésimo show, realizado no dia 06 de maio de 1995, no Space Haal do Clube Corintians, lançou o clipe, produzido pelo jornalista Rene Goya, em Porto Alegre. O clipe é para a música “Eu não vou Ficar”, vencedora do Circuito de Rock.

A banda também tinha contrato com a Columbs Records, profissionalizando assim o trabalho de mídia e divulgação (das bandas pertencentes ao Elo Um, por exemplo, era a única que tinha realmente o contrato com alguma gravadora). Depois de um tempo, mudou para a Atração Fonográfica, gravadora que prometeu o estouro da banda e tinha divulgação nacional. Foi com essa parceria que a Doce lançou seu CD "Na Contra-Mão", no dia 08 de agosto de 1997, na abertura do 25º Festival de Cinema de Gramado. O CD contém 11 faixas, e consolida o trabalho autoral de uma banda que dividia o palco entre músicas próprias e covers desde o início dos anos 1990. Assim como os álbuns da Fuga, "Na Contra-Mão" tem a participação de outras artistas, como Alexandre Pinto Höer (vocalista da Fuga, Black Rain, Black Cat Bon, e à época vocalista da Butterfly) como vocal de apoio, Sandro Cartier (da

Estado das Coisas) na percussão, Valdor Moraes da Trem Pagador e Ricardo Freire nos teclados.

O Elo Um das bandas da cidade. A primeira Coletânea independente lançada em CD no Rio Grande do Sul.

A coletânea reuniu Fuga, Nocet, Feeling e Doce Veneno, e foi um marco para a história de Santa Maria, indo além, sendo marco para todo o Rio Grande do Sul e também sendo reconhecida por admiradores da música independente de todo Brasil. Elo Um proporcionou para algumas das bandas o primeiro registro gravado seriamente, como é o caso da Nocet, e foi divido em 16 canções, quatro de cada uma das bandas. Foi gravado e mixado no Studio Master, que no período apostou na coletânea, e incentivou os músicos para que fosse possível o lançamento de tal material. Após o processo de gravação e mixagem, o álbum foi pré-masterizado pela BMG Ariola e masterizado, de fato, na Alemanha, tendo as 16 canções somadas, 72 minutos.

Em 23 de setembro de 1993, as quatro bandas subiram no palco do Winners (extinto bar de Santa Maria) para divulgar o projeto Elo Um. Além do Winners, o Over Busy Video Bar incentivou a produção do CD, e deu espaço para as apresentações das bandas participantes da coletânea, Que também teve apoio - obviamente - do Studio Master e da Rádio 105 FM.

O show de lançamento do CD aconteceu no dia 08 de outubro de 1993, no anexo do Centro Desportivo Municipal, o Farrezão. Contando com o apoio do Poder Executivo Municipal - coisa rara de acontecer em toda a história da cultura em um país como o Brasil, mas que, em Santa Maria já teve seus bons momentos em tempos distantes de 2016 - e da Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, e a sonorização e co-produção da Projesom - que em dezembro de 1990 ganha, em Porto Alegre, o troféu Destaque Empresa de Sonorização da Década, e que é atuante em Santa Maria até o contemporâneo, sendo a empresa contratada para diversas apresentações na cidade, principalmente em espaços abertos), foi possível realizar o show de lançamento. O espetáculo reuniu mais de 1000 pessoas, uma estrutura diferenciada, com dois telões passando trechos de entrevistas e do processo de produção das bandas, que se apresentaram com retorno favorável, mas com a qualidade sonora destinada ao publico deixando a desejar - no independente, quase nada são flores.

O projeto inovador e ousado feito na coletânea só foi possível graças ao apoio do Studio Master. Os irmãos Paulo e Guto Roveder, responsáveis pelo Master, juntamente com os produtores Beto Moraes (Nocet), Heron Domingues (Fuga), Ricardo Lewandowisk (Doce Veneno) e Alex Lappann (Feeling) são ria aparecer no mapa de todo o estado, e de fato, mostrar que o aquilo que era feito aqui tinha valor, tinha qualidade e tinha, principalmente, muita vontade de dar certo. de destaque para a realização da coletânea que virou história e exemplo da união das bandas em Santa Maria.

Também houve a participação ampla no projeto. Por exemplo, Renato Molina além de colocar as vozes nas músicas da Nocet, também, por conhecimento, ajudou na mixagem e em toda a parte de gravação desse trabalho.

"Tem pessoas que devem ser citadas. Não há como entender o Elo Um sem essas pessoas. Primeiro o Paulo Roveder, na época do Studio Master, hoje o Sonare (é o dono do Sonare). Eu trabalhei de 1989 até 2006 com ele. Isso por si só acabou criando um contato, um entendimento por parte dele do que estava acontecendo. Também os dois principais produtores das quatro bandas do Elo Um. Foram o Alberto Moraes Antunes (letrista e produtor da Nocet) e o Heron Domingues (produtor da Fuga). Esse entendimento das 2 bandas de que era o momento de jogar as bandas, mais a Doce veneno e a Feeling nesse trabalho, foi fundamental. Além disso, a própria força no sentido da concepção da arte, do trabalho do Osvaldo Bellé Júnior, que fez toda a parte gráfica do troço. Essas quatro pessoas, além das bandas, são fundamentais, porque elas proporcionaram o lado 'burocrático' da coisa.Da minha parte, eu além de fazer a parte de músico, fiz a engenharia de áudio. Fiz o engenheiro de gravação e a mixagem. Acho que isso foi fundamental. Pela primeira vez, em Santa Maria, um grupo de músicos começou a entender que a música era algo a ser seguido".

Quando o primeiro Elo recebe um segundo volume.

Com o espírito já mostrado na cidade, e com a música se mostrando como algo a ser seguido, outras bandas da cidade, já no fim dos anos 90, resolveram peitar novamente essa empreitada. A diferença primordial, além de o primeiro volume ser o primeiro volume, e o segundo ser... o segundo, é que o primeiro teve todo seu caráter revolucionário - no sentido menos guerrilheiro possível para essa palavra - pois, além de ser a primeira coletânea

independente do Rio Grande do Sul lançada em formato de CD - alguns dizem que foi até a primeira do país, mas isso é história pra posteridade - proporcionou a consolidação da união entre as bandas da cidade, que já se mostravam unidas nas apresentações e na postura de toda uma cena criada naquele momento.

Perto do Natal de 1997, foi lançado o segundo volume da coletânea. "Elo Um - Volume II" contou, novamente com a fórmula usada no primeiro registro. foram quatro bandas da cidade, que se reuniram e uniram para lançar seus trabalhos autorais em uma coletânea, novamente, independente. As bandas desse segundo momento são "Insight", "Trem Pagador", "22o Volts" e "Black Cat Bone". Dessas, a Trem Pagador era integrada, à época, por Dadá Alves, e esse foi um de seus mais marcantes projetos, não apenas para a vida pessoal, mas também de reconhecimento do público e dos próprios integrantes da banda.

A 220 Volts tinha o velho nome da cidade nos vocais. Pylla formou a banda pouco tempo depois de sua saída da banda Fuga, e mostrava trabalhos principalmente de covers, algo que sempre - voltando a bater nessa tecla, ou nessas, já que não é a primeira vez que vos digito isso - esteve presente e muito forte como movimentação da noite da cidade. Justamente após a saída de Pylla, quem assumiu os vocais da Fuga foi Alexandre Hoër, que, pelo acaso do destino ou não, foi vocalista da Black Cat Bone, e tinha ao seu lado Batavo, um guitarrista conhecido na cidade e que, nos dias atuais, é um dos nomes da guitarra e da produção de bandas em Santa Maria (e, ao lado dos irmãos Molina, integra a Magical Mistery).

O segundo Elo foi lançado quase um ano após o início de suas gravações, que começaram em março de 1997. Foi em dezembro que o CD estava disponível nas prateleiras à disposição dos santa-marienses e daqueles que admiravam o trabalho das bandas ali presentes. Novamente os responsáveis pelo processo de gravação foram os irmãos Paulo e Guto Roveder, à época ainda trabalhando (ambos) no Master. Deram o primeiro passo, e achavam que as bandas desse segundo projeto tinham mais condições do que as participantes do primeiro Elo para alcançar sucesso. O Studio Master, em 1997, também já tinha selo próprio.

A 220 Volts, na época da gravação do CD, era formada por Pylla nos vocais, Tity Moreno na guitarra, Lindomar nos baixos e vocais de apoio, bem como, no vocal de apoio, Mikael, que também era responsável pela gaita harmônica (ou a clássica gaitinha de boca). Além deles, integravam a 220 Rafael, nos teclados, e Cláudio na bateria, com composições sempre em português e no estilo clássico do rock and roll.

A Insight manteve a mesma formação, assim como a 220 Volts, tanto para a gravação quanto para o lançamento do trabalho. Era formada por Rodolfo Damian na guitarra, Daniel Bagestan na guitarra e nos violões, Ricardo Barros nos vocais, Guilherme Damian no baixo e

nos vocais de apoio e Marcelo Refosco na bateria. Para o Elo Um Volume II, a banda participou com duas canções em inglês e duas composições no português brasileiro.

As outras duas bandas que participaram dessa empreitada tiveram modificações do período de gravação até o lançamento oficial do CD. Por exemplo, o baterista nas gravações da Trem Pagador era Sandro Cartier, também percussionista, que antes da finalização do trabalho já estava na Estado das Coisas, e deu lugar para Enéas. De modo geral a banda sempre manteve o balanço e o ritmo dançante, características de toda a caminhada musical de Dadá, que era vocalista da Trem.

Já a Black Cat Bone não teve os vocais gravados por Alexandre "Pinto" Hoër, que substitui o original Arno, o que não mudou a sonoridade da banda após as "gravinas". Batavo, guitarrista que esteve na gravação do CD, deixou a banda também após algum tempo,

Com show de lançamento ocorrido no dia 26 de dezembro de 1997, Papai Noel não foi tão amigo e parceiro dos rapazes da nova empreitada quanto foi dos participantes originais do primeiro volume do Elo Um. É que, diferente do primeiro, o respaldo do segundo não foi tão histórico, marcante ou mesmo tão mencionado por quem vive de e da música em Santa Maria.

Quando o tempo passa e as coisas mudam.

As novas tecnologias da informação avançaram de maneira muito rápida e de uma forma muito mais gradual a partir da década de 90 do que em toda sua história. É fato que a internet começou a ser pensada, e de certo modo experimentada, ainda no período de guerras, onde os exércitos usavam-na para a transmissão de informações sigilosas. Mas é apenas pela metade da década de 90 que os avanços são realmente consideráveis, e as mudanças aparecem em velocidade não antes imaginada.

A movimentação e o avanço da internet de tão de modo geral a maneira como as pessoas vão consumir um músico. Na realidade todo o avanço tecnológico existente e presente na história da música de todo modo como a mesma seria consumida pelas pessoas, e também ditou o modo como a produção musical aconteceria. Assim todo o avanço tecnológico acaba influenciando, interferindo, melhorando ou piorando o processo musical em suas maiores e mais importantes nuances. Mas é com a internet que os grandes paradigmas de consumo mundial de música são quebrados e outros tantos outros paradigmas surgem de maneira nebulosa e ainda muito dispersa, difícil de prever e mesmo de controlar ou acompanhar.

Em 1999 é criado o Napster, um importante programa de compartilhamento de arquivos de música, em uma fase anterior à da internet como conhecemos hoje. Foi com ele que os primeiros arquivos no formato MP3 começam a se disseminar e serem compartilhados por usuários, sem o controle sobre direitos autorais, ou seja, aí as pessoas começam a compartilhar arquivos musicais de forma livre, espontânea. Já no início dos anos 2000 o programa ganha maior visibilidade do público usuário, e também se torna uma empresa. Mas, em 2001 acontece realmente o pico de usuários, chegando a oito milhões de pessoas que, diariamente, compartilhavam cerca de 20 milhões de canções. Já no início do ano de 2001 o programa e seus fundadores/proprietários não resistiram a uma série de ações legais movidas, afinal, a partir desse programa e de compartilhamentos massivos na rede, entre usuários, de computador para computador, muitas gravadoras e artistas deixaram de obter receitas sobre suas canções. Bandas clássicas da música, como o Metallica, se declararam contra o aplicativo, e outros artistas, com o guitarrista Tom Morello, do Rage Against the Machine e Audioslave, se posicionaram a favor.

Independente de seu fim, de sua má ou boa reputação, o Napster já havia disseminado uma cultura de compartilhamento musical que mudaria, para sempre, a história da música. Assim, outros programas, aplicativos e os avanços da tecnologia informacional alteram o modo de consumo de todas as pessoas do planeta. O YouTube, plataforma dedicada inicialmente para vídeos, avança a ponto de ser um canal que, hoje, é usado por muitas pessoas para o consumo de músicas, mesmo que essas não estejam presentes nos computadores pessoais de cada um.

O Streaming também entra como revolucionário, onde as pessoas podem escutar álbuns inteiros, e mesmo discografias de artistas em poucos cliques, desde que possuam conexão – em uma velocidade razoável – com a internet. E, com tudo isso, não apenas o modo de consumo das canções muda, mas todo um modo de produção se vê alterado. Muitos artistas começam a lançar suas faixas digitalmente, cobrando, inclusive, por canções separadas – o que incentiva o consumo legal de música, afinal, todo o trabalho musical envolve uma série de fatores que custam ao artista independente, ou mesmo às grandes gravadoras, investimentos de cunho financeiro – e aí a internet já entra como o principal modo de consumo musical.

Atualmente, sem a internet é impossível pensar em uma banda, em uma canção, em um sucesso de público, de visibilidade e mesmo de um retorno financeiro. É com essa lógica que novos artistas surgem, muitos clássicos reaparecem, e que o mercado musical funciona nos tempos atuais. Os formatos clássicos, como o eterno CD e o Cult disco de vinil ainda

existem, e mostram, de certo modo, amadurecimento e profissionalismo de um artista – quando são quase pré-requisitos para a boa valorização de empresários do ramo e mesmo de emissoras de rádio de médio porte – mas, não são elas, mais importantes para a consolidação do trabalho e reconhecimento do público.

As redes sociais também tem papel importante em tudo isso. Ferramentas como o Twitter e Facebook alcançam poder de mobilização imenso entre os usuários. Artistas que sabem usar essas ferramentas, se posicionar e – como tudo no mundo do capital financeiro – investem dinheiro nas redes, tem o alcance de centenas, milhares, centenas de milhares e milhões de pessoas, em todo o mundo. Nas redes é que muitas pessoas estão presentes, e é nesse meio que os independentes conseguem uma maior expansão e um alcance de seu trabalho. Claro, sem o desempenho ao vivo e a qualidade de gravação necessária para a produção de um bom trabalho, dificilmente uma canção chegará ao gosto do público. Mas, com tudo isso, e sabendo usar estratégias corretas, o envolvimento fica maior.

A prova de todo esse consumo musical pela rede é que, segundo a última atualização de dados da "Global Music Report", pesquisa realizada pela IFPI (Federação Internacional da Indústria Fonográfica), em 2015 a maioria dos produtos musicais comprados – e aqui se fala em mercado legal, não o ilegal da música – são provenientes da internet, assim, a receita obtida pelo comércio digital ultrapassou todas as receitas provenientes da venda em formatos físicos. Os dados mais precisos mostram que 45% de toda a receita vêm do digital, comparado a 39% dos físicos.

Em 2015, ainda falando em dados, as receitas musicais aumentaram 3,2 pontos percentuais em relação ao ano anterior, totalizando uma receita de 15 bilhões de dólares – claro, sempre em quesitos de consumo mundial. Isso significa o primeiro crescimento significativo desde 1995, em que, anualmente, o crescimento era, na realidade, um decréscimo de 0,3% ao ano. AS receitas da música digital, ainda conforme dados obtidos pela Global Music Report, mostram que, em 2015, as receitas digitais representam mais da metade de todos os valores obtidos pelo mercado de música gravada em pelo menos 19 mercados. O consumo de música por veículos terceiros, como rádio e televisão, ainda gera lucros aos artistas envolvidos – e, no Brasil, é um dos fatores que mais faz pesar o bolso daqueles que tem seus direitos autorais garantidos. Dentro desse mercado, o streaming (consumo de música online, sem necessitar fazer o download do arquivo) também traz inúmeros outros consumidores que, antes, faziam tal consumo de música ilegalmente.

Um dos exemplos desse modo de escutar música é o Spotfy. O download do aplicativo é feito gratuitamente, assim como o cadastro de usuário, e diversas músicas, de diversos

artistas, consagrados ou mesmo que tenham lançado seu primeiro material, seu primeiro EP estão presentes. Em uma conta gratuita, as opções são menores, e o download de álbuns não é possível, mas, por cerca de 20 reais no mês, é possível fazer o upgrade na conta e ter acesso ilimitado e sem propagandas n hora de ouvir a música.

Ainda assim, o consumo musical apresenta valores muito superiores aos direitos dos artistas, que não arrecadam proporcionalmente ao número de suas execuções e, de modo geral, por todo seu trabalho.

Santa Maria e o novo consumo musical

Na cidade é notória a evolução e acompanhamento desses novos sistemas, ao menos pelas bandas que já tenham assimilado o que o mercado fonográfico representa atualmente. A música, como produto, dá pouco retorno ao artista, que ganha mesmo com direitos autorais de reprodução, reservados, em critérios específicos no Brasil pelo ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição). O ECAD é atuante em todo o país, sendo um escritório privado destinado a tal arrecadação de direitos. É composto por diversas associações, e, para que os músicos recebam os valores referentes aos direitos reservados pelo ECAD, é necessária a associação com um desses grupos (por exemplo, a UBC – União Brasileira de Compositores). Para isso, é necessário o registro da obra artística, da composição, e de modo mais amplo o fonograma.

Mas antes mesmo de todo esse registro de obra, é necessário pensar no produto musical, seu modo de gravação e em todas as nuances que hoje envolvem a circulação e divulgação do material. Isso envolve, diferentemente de tempos atrás, como na década de 1990, um trabalho que pode ser realizado de forma mais autônoma. Os processos de gravação se massificaram e popularizaram, e muitas são as pessoas que possuem, em suas casas, um – como o nome já deixa claro – Home Studio.

Aí, entra novamente para a cidade, Leo Mayer. Trabalhando alguns anos pelo Sonare (antigo Studio Master, na verdade, uma subdivisão do Master, pois o mesmo ainda existe, sob direção de apenas um dos irmãos Roveder) adquiri a experiência e o ouvido necessários para, com o tempo, montar seu próprio estúdio.

E foi isso que fez. Juntou experiência, contatos, dinheiro – o que é muito importante, afinal, capital – e mais tudo que já havia vivido ao lado do tio Pylla. Em seu estúdio foi responsável pela gravação da Guantánamo Groove, tanto do EP quanto do CD, que envolveu

diversos e diversos músicos e mais um financiamento coletivo para a realização das gravações – afinal, novamente, capital. E é justamente a GG que pode ser tomada como um bom exemplo a ser – que deve ser – seguido, em termos de trabalho, esforço, estratégias e profissionalismo. Como músico que se enxerga como trabalhador, e que, como tal, exige a valorização do seu trabalho.

Guantánamo Groove e o trabalho exemplo para a profissionalização

A Guantánamo, antes mesmo de ter o material lançado, no caso, o primeiro material como EP, intitulado "Boca", já havia entendido o funcionamento da coisa. Gustavo, trabalhando com o amigo Vinícius em Santa Rosa, teve a experiência em estúdios e o investimento técnico na qualidade da gravação e, também, na criação do produto audiovisual como forma de promoção e expansão do trabalho. O que, se bem pensado, gera retorno e consolidação.

Assim, uma das músicas, que entra como bônus no primeiro EP, foi lançada com um videoclipe, produzido pela Universidade Franciscana da cidade (Unifra). "Psicose" conta a história de um maluco apaixonado, vidrado, fixado em uma menina. Com a gravação do áudio realizada por Leo Mayer e a captação edição da Unifra, a música logo caiu no gosto da noite santa-mariense. Era presente em todos os shows da banda – hoje, se tocada, a é raramente – e grudou mesmo, pegou mesmo. Isso fez com que a banda já se tornasse conhecida. De boca em boca a música foi passando, e, depois do lançamento do EP, estava presente no "Boca".

O EP contém, além da faixa bônus, mais três músicas autorais do trio. Com "Itaimbé", "O Dono" e "Boca do Monte", a cidade de Santa Maria foi cantada pelos meninos, que logo começam a cantar à cidade. Juntamente a isso, um investimento em redes sociais, chutes e caminhadas no escuto com vídeos no canal próprio do YouTube e mais um processo de divulgação bacana fizeram os rapazes consolidarem seu material, sua música e sua imagem.

O EP ainda teve lançamento na Concha Acústica, local onde a banda se identifica – e não é por acaso. Nas vezes em que esteve ali, lançando seus materiais, levou um público sempre notável. Em 24 de agosto de 2013, de frente pras escadarias repletas de pessoas, a GG fez o lançamento. E com isso angariou ainda mais admiradores. Todo o trabalho foi registrado e, depois, nas redes sociais da banda, foi divulgado para o público. O retorno vem, quase que naturalmente – só não naturalmente porque, se fosse tão natural, não exigiria tamanho trabalho – mas exige autenticidade.

“Tem que manter a autenticidade, velho. É só isso. A tecnologia, no fim das contas, é só uma ferramenta cara. A tua expressão tem que seguir autêntica. Tem gente que é fake (falso) na internet. Que cria uma postura também que não é autentica. E isso cai velho. A autenticidade, a autenticidade”.

Yuri, que preza pela autenticidade, e seus companheiros da Guantánamo então resolvem um passo maior, um disco completo, com diversas canções. É aí, em um sonho, que sonhado em conjunto gerou trabalho, girou renda, começou a se concretizar. Com um crowdfunding – financiamento coletivo, que consiste na obtenção de capital financeiro por iniciativas de interesse coletivo, por meio de diversas fontes de financiamento, de modo geral, pessoas físicas – arrecadaram mais do que a meta para a gravação do CD.

Era assim, a pessoa entrava no site para a colaboração, escolhia uma das opções de pagamento com algo em troca, tanto para a pessoa como para a banda. Para a pessoa física – quem sabe jurídica – as opções iam desde o CD até o CD juntamente com outro material da banda, ou mesmo, dependendo do valor, um show particular. Para a banda, ia o dinheiro, que seria usado diretamente para a produção do CD, tanto Em quesitos de gravação com mixagem, masterização e também, posteriormente, a divulgação do trabalho. Um prazo é estipulado para as doações – que na realidade não são doações, são sim investimento na cultura e no trabalho local – e somente após conquistar objetivo estipulado pelo site de arrecadações é que o dinheiro entra na conta da banda.

Com 16 dias para o término da campanha, a Guantánamo já havia arrecadado sua meta, que era de 7500 reais, ou seja, os meninos que cantaram a Boca do Monte arrecadaram mais do que sua própria meta e assim conseguiram realizar o sonho de qualquer músico, que é gravar um CD e cair, ainda mais, no gosto popular – pelo menos, no gosto popular da cidade.

Assim, “OCUPA” apresenta um trabalho finíssimo de gravação. Foi pré-produzido com o Vini, da Geringonça, o que possibilitou clareza e ideias para as músicas antes mesmo do processo de gravação. Após dias, tardes e noites de trabalhos no 1/4tinho, as músicas vão para as mãos de Leo Mayer, e começam a ser, de fato, produzidas. O álbum contém 13 faixas e conta com o trabalho de muitos profissionais além do trio que forma a banda. São pessoas responsáveis pela arte, pelas fotos, pela divulgação, pela capa (que é o cachorro da banda, o Lionel, fazendo xixi em um muro), por todo um acompanhamento e também músicos responsáveis por outros instrumentos presentes no álbum. Instrumentos que fogem da tríade clássica de baixo, bateria e guitarra, como violino, gaita, percussão em geral, trombone,

trompete e saxofone, e uma série de detalhes, que deram às músicas uma cara muito peculiar, com estilo próprio e qualidade sonora absurda – um trabalho que, para quem conhece, era de se esperar vindo do produtor Leo Mayer. Os envolvidos na parte técnica do CD somam muita gente: entre músicos, compositores, intérpretes e arranjadores foram 18 nomes; a parte gráfica de fotografia e também de ilustrações contou com 16 pessoas; e a produção contou com diversos coletivos e pessoas que somam a música autoral como a Cabana do Jow, o Estúdio 1/4tinho e o escritório artístico Quatro Cantos.

Detalhando melhor o financiamento coletivo – importante pois ele aparece em diversos outros trabalhos e iniciativas de bandas independentes, em Santa Maria mesmo – da Guantánamo. Quem colaborasse com 20 reais teria acesso antecipado aos singles lançados pela banda, que estariam depois no "OCUPA", além de ter uma cópia numerada do CD com o seu nome no encarte do álbum. Com 30 reais o colaborador ganharia além do que já ganharam os que pagaram 20 reais, dois adesivos mais um botton da banda, o que os próprios meninos chamavam de kit básico. Com 60 reais de colaboração, passaria a ganhar, além do que já foi falado, mais uma camiseta GG, e com 90 reais, tudo o que está incluso no valor de 60, mais uma cópia do EP Boca. A partir daí os valores são mais altos, juntamente com a "recompensa" pela participação e ajuda na cena autoral de Santa Maria. Com a colaboração de 400 reais, o pagante teria direito a um show particular, acústico, e se quisesse um show completo – também particular – com todos os instrumentos plugados e a formação tradicional, colaboraria com 800 reais. Ao todo o álbum contou com 196 colaboradores, que ultrapassaram em mais de 3000 reais a meta original da banda.

O resultado obtido com o álbum foi um sucesso. A Guantánamo viajou por cidades do litoral sul, tanto do Rio Grande como de Santa Catarina, fazendo a divulgação do álbum, juntamente com o produtor Leonardo Gadea. Também, com o álbum, toca em festivais como o Acid Rock, evento que já haviam tido contato, e consegue visibilidade para demais eventos, ao longo do final de 2015, mesmo sem ter lançado oficialmente o CD. No primeiro dia de fevereiro de 2016, "OCUPA" já estava disponível para download, livre, gratuito financeiramente, apenas com o preço camarada de um compartilhamento – uma estratégia inteligente que faz a visão das pessoas olharem para a banda.

O lançamento oficial do álbum foi na Concha Acústica – planejado, não poderia ser diferente – no dia 06 de março de 2016. No mesmo mês, os guris tocam em outras cidades, como Canela, e finalizam março com um show no Theatro Treze de Maio, com um número ímpar de artistas convidados, tanto para tocar e participar do show musical, como para

registrar e participar de formas diferentes, como é o caso dos tapumes pintados enquanto a banda tocava.

E tudo isso demanda muita organização, conhecimento das tecnologias, das redes sociais. Demanda contato, demanda suor, demanda de bastante dinheiro – afinal, demandando trabalho, necessita-se de trabalhadores – e isso é algo que, certo modo, sobrecarrega o músico em sua função de artista.

Quatro Cantos Escritório Artístico

A Quatro Cantos surge em 2015, com quatro cabeças pensantes e envolvidas com a música da cidade. Yuri ML Leonardo Gadea, Erick Correa e Vinícius Bertoldo. Todos tem envolvimento com a música, e sabem, além de tocar e cantar, mexer em aparelhos e mídias fundamentais para a criação do produto musical, aquilo que circulará como arte, mas em forma de produto. Eles se conheciam e foram se conhecendo, e interando, e resolveram montar o grupo, que tem, em um ano de atividade, um currículo para emoldurar e pendurar como quadro na parede da sala.

Um de seus membros, Leonardo Gadea é produtor musica e cultural de ofício – mas feito a facão. Nasceu em 1989, na cidade de Taquari, Rio Grande do Sul. De cabelos escuros e com seus 180cm de altura, Gadea descobriu, após um acidente, que não tinha um pedaço de massa encefálica, o que comprovou um caso contado em sua cidade, que envolvia uma fábrica de agrotóxicos e problemas cerebrais em crianças nascidas na região. Mas, esse pedaço não alterou sua vida, ao menos não negativamente.

Gadea deixa sua cidade de origem e vai morar em Livramento, fronteira oeste do Rio Grande do Sul, com apenas dois anos de idade. Veio do ventre de uma professora de inglês, que apaixonada por Beatles escolheu a profissão, e criou quatro filhos sem o marido. Criou-os livremente. Mas, antes da chegada em Santa Maria, no ano de 2008, Gadea tentou seu caminho na academia, no estudo em Livramento, e descobriu que não era essa sua música favorita. Então, decide vir para Santa Maria, afinal, sua mãe poderia assim ficar mais próxima dos netos, e ele teria melhor condição para os estudos. Formou-se no ensino médio na cidade, de forma atrasada, serviu o exército, e nesse momento começou a ter um contato mais intimamente profissional com a música regionalista do Rio Grande do Sul.

Descobre aí nomes importantes da música tradicionalista como Érlon Péricles e Pirisca Grecco, os quais Gadea gravava em fita cassete para poder ouvir depois em sua casa, já que

não tinha condição de pagar para ir aos festivais. Vem para Santa Maria com 18 anos com o intuito de estudar, mas aconselhado por sua mãe – vai trabalhar guri! – vai trabalhar, para ajudar nas despesas da casa, e com isso arranja um trabalho em uma empresa de informática em Santa Maria. Carregando caixas e demais produtos que fazem parte do ramo dos computadores, acabou, por muita curiosidade mesmo, a mexer nos equipamentos, tornando-se técnico em informática – com quatro anos de experiência e curiosidade, não só carregando caixas que ele teria a proximidade com a informática.

Com o contato e a experiência como técnico de informática, e após um desentendimento com o patrão, Gadea decide pedir demissão e abrir a sua própria empresa, juntamente com um sócio. A empreitada durou cerca de oito meses, faliu, porém nesse tempo Leonardo acabou trabalhando como técnico dos caras que o inspiravam, de quem ele ouvia e gravata nas fitas k7. Consertava, por exemplo, a impressora de Érlon Péricles, e assim, com admiração e bom papo, acabou por criar amizades. Muitas vezes, em viagens dos cantores, ficava como caseiro da Casa do Som, residência de Erlon Péricles e Filipe Souza.

Gadea acaba dando alguns toques para o pessoal da música tradicionalista como o investimento em videoclipes e material para internet já que nessa época esses artistas recém estavam começando a sacar o movimento difuso que a internet nos meios de comunicação contemporâneos e as redes sociais faziam acontecer.

"Cheguei lá, cheio de ideia nova, gurizão, manjando de PC. E era uma baita ferramenta para os caras. Aí, comecei a prestar essa assessoria pra gurizada, e comecei a fazer correzinhos. Comprei a camerazinha, comecei a filmar, filmar com o celular, coisas que tem até hoje no canal. E comecei a me tornar o cara que as pessoas colocavam confiança. 'Baah Gadea, faz isso. Vamo no festival o Gadea vai junto, vamo filmar, vai ter foto nossa'. Aí, comecei a acompanhar. E automaticamente queria cada vez mais matar a pau. Estudar e chegar com novidade pros guri. Meus amigo véio de 40 anos e eu gurizão, cabeça maquinando. Foi aí que comecei a viajar muito. O Érlon foi o cara que mais me deu oportunidade".

Érlon Péricles vai morar em Porto Alegre, e participa do projeto "Buenas que Me Espalho", juntamente com nomes conhecidos da música tradicionalista como Xana Miller. Nisso Gadea é chamado para ir junto, e lá aprende tem a oportunidade de colocar em prática algumas ideias. Tinha Érlon como um tipo de "cobaia", que gostava quando era filmado e quando Leonardo tinha ideias novas, até que acaba por produzir o DVD do cantor no Caixa

Preta (teatro). No início de 2008 volta para Santa Maria, pois viu a capital não era o seu lugar, e trabalha em bares e casas noturnas até meados de 2012, onde, por não aguentar mais ficar até às 4h da manhã para receber o cachê da noite, se dedica à produção de eventos maiores com artistas regionais. Tanto que traz Jairo Lambari Fernandes para tocar no Theatro Treze de Maio. É nesse ano que funda a Gadea Produções, voltada exclusivamente para música tradicionalista do Rio Grande do Sul.

Uma coisa leva outra, e um passo após o outro em um mesmo local levam Gadea a conhecer e tendo maior contato com a cena da música independente e autoral da cidade. Tem os primeiros trabalhos realizados com a cantora de samba e bossa nova Paula Mattos e com os rapazes da Guantánamo Groove. É que ele sempre gostou da música autoral independente, independente da vertente, independente da raiz e – independente – da tradição.

"Gosto de musica feita agora, da nossa época. Não to repudiando o que já foi feito, mas acho que a nossa geração tem muito a dizer. Gosto de musica autoral, feita há pouco. Musica da semana que vem eu quero pegar pra produzir, que eu tenho uma ideia pra fazer um clipe, te dar uma sugestão. Porque ela ferve na cabeça, me incita a produzir também".

Tendo contato com independente contemporâneo local, Gadea acaba criando um círculo maior de amizades, acaba também abrindo a cabeça para temas sociais que reconhece que a música regionalista o limitava um pouco – é que muitas vezes o bagual, de bagual não tem nada além do termo. No meio de brincadeiras e muitas vezes deboches, pelo seu dialeto e modo de falar - afinal vem da fronteira, e em Santa Maria o linguajar é, de certo modo, mais aberto – tem contato com pessoas da sua idade, da sua época, que tem cabeça parecida e que pensam à frente. Ali na Esquina 249 – como é chamada a residência – Gadea conhece também Eric Corrêa Castro.

É nesse contato, além do trabalho e da parceria já realizada com Paola Mattos e a GG, que Gadea conhece – e praticamente funda junto – o coletivo EntreAutores. Esse grupo de compositores – cerca de 60 nomes, que vão e vem sempre se ressurgindo e renovando – se reúnem, desde 2015, quase que semanalmente, para apresentar composições próprias, para trocar ideias, falar de cultura, falar de arte, falar, principalmente, de música independente em Santa Maria. É responsável por uma troca cultural, sentimental e racional tremenda, que dá ares para novas ideias, e aviões para ideias já existentes pegarem seus ares. Promove também a – redundante – promoção dos compositores que procuram levar seu trabalho a sério, com a produção de materiais audiovisuais nos encontros filmados que o grupo realiza. Além de,

grandiosamente, terem tocado no palco do Theatro Treze de Maio com a bandeira e a plaquinha do coletivo.

Foi nesse ambiente – que é onde Gadea respira profissionalmente, na Rua Serafim Valando, quase esquina com a Silva Jardim, número 249 – que a banda Pegada Torta surgiu, e que surgiu também a Quatro Cantos. Esse escritório artístico tem por finalidade o auxílio às bandas independentes, e por consequência, autorais da cidade. Fazem – os membros da Quatro Cantos – um trabalho de assessoria, dando luz aos artistas que se propõem a uma profissionalização de seu trabalho. Há a troca de ideia sincera e claramente a respeito de estratégias que podem ajudar na consolidação e também na maior divulgação do trabalho do artista autoral, ou de um modo geral, na construção do produto musical das bandas da cidade.

A Quatro Cantos teve como primeiro grande ato o financiamento coletivo para o DVD "Comparsa Elétrica, O Filme", que conta a história da Comparsa Elétrica – Pirisca Greco no vocal e guitarra, Rafael Bisogno na bateria, Duca Duarte no baixo, Texo Cabral na flauta e Paulinho Goulart no acordeom – com depoimentos e 13 faixas de uma apresentação ao vivo, realizada no coreto no centro da Praça Saldanha Marinho, localizada no centro de Santa Maria. É que, na Guantánamo Groove, Yuri já havia realizado o financiamento coletivo para o "OCUPA", e, em um seminário sobre produção musical, encontra com Gadea, e a conversa é trocada.

"A gente podou 30 mil de meta e levantou quase 40... 37 mil. E foi muito massa, a gente conseguiu fazer um DVD velho".

O financiamento foi um sucesso, contando com 291 colaboradores, e o DVD saiu fisicamente tendo sua estreia em Porto Alegre. O audiovisual, que contou com a captação, mixagem e masterização de áudio dele, o menino Leo Mayer, recebeu em novembro de 2016 – mesmo ano em que foi devidamente finalizado e lançado – três categorias do Prêmio Açorianos (Compositor Regional para Pirisca Grecco, Álbum Regional do Ano e DVD do Ano), além de ser premiado com o Troféu Origens, do Galpão Crioulo. O DVD também contou com a direção técnica de Paulo Roveder, antigo membro do Studio Master e atualmente responsável pelo Sonare.

O sucesso da realização do financiamento coletivo para o DVD de Pirisca Grecco (que também participa do EntreAutores) e sua Comparsa leva os amigos a apostarem ainda mais no escritório artístico. Como conta Yuri:

"E eu já vinha de conversa com o Vini, com o Eric. O Gadea trabalhava com o Eric, eu trabalhava com o Vini, que já tinha feito a pré-produção da Guantánamo no 1/4inho. O Vini já fazia artes pra gente de vez em quando. Artes ilustrações né. O Eric já trabalhava com vídeo com a gente na GG também. O Gadea já trabalhava com produção executiva, em alguns trabalhos com a GG, também. Todos nós já trabalhávamos juntos em algum aspecto. Eu trabalhava com eles também. A gente resolveu se juntar. E quem sabe no lugar de capitalizar pro Vini da Geringinça, pro Yuri da Guantánamo, pro Gadea, pro Eric, a gente capitaliza, levanta a barraquinha e diz "aqui é nós". Capitaliza e cria um portfólio coletivo, cria uma instituição que a gente pode construir, agregar esse capital coletivo nesse mesmo troço. E aí surgiu a Quatro Cantos, pra gente poder assinar também esse crouwdfinding. E foi um sucesso".

Erick Frederico Corrêa Castro nasceu no dia 17 de fevereiro de 1989, na cidade de Quaraí, também fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Chega à Santa Maria no ano 2006 para estudar publicidade na Unifra, e após quatro anos de curso se forma como profissional. Assim que sai da faculdade de Publicidade e Propaganda, ele que começa a trabalhar juntamente com um amigo fazendo folders, mexendo com Photoshop, Corel e programas de edição de imagem – um trabalho o segundo ele bem simples. Meio ano depois, e surgiu uma vaga para trabalhar na agencia Pubblicità, primeiro com meio turno, depois integral. E fazia, nisso, as artes gráficas. Volta e meia fazia edições de áudio, como tinha feito isso na faculdade. Até que, mais um ano depois, surgiu a oportunidade pra trabalhar, de fato, na Unifra.

Ele que é compositor estudou música na fronteira quando mais novo, e é um grande instrumentista, tocando violão, teclado e acordeom. Por exemplo, tocava na banda Porvenir que durou pouco tempo na cidade de Santa Maria, mas fez movimentação nas noites locais. Só que é na produção e na captação de vídeos onde tem atuado mais ativamente. Tanto dentro da Quatro Cantos como em projetos realizados no próprio coletivo EntreAutores. E essa experiência com a câmera vem desde antes, quando trabalhou na captação de alguns clipes para Luciano Maia - que já conhecia e trabalhava com Leonardo Gadea - também na produção de documentários, as "Giras" com o cantor Pirisca Grecco.

"Mas a parte audiovisual eu curto mais. Ai tem as sessions, que são uma boa referência. A de vocês (Velha Cortesã), a da Âmago ficou massa. A da Pegada (Torta), a da Paola. Esses trabalhos audiovisuais foram massa de fazer. E tem os lances dos documentários que eu faço com o Pirisca, que eu curto pra caralho. Por exemplo, ele tem uma gig (em tradução livre do

inglês para o português, uma apresentação) em são Borja, e eu vou de documentarista. Levo microfone, a câmera, e vou documentando as cosias que vão acontecendo, meio livre, sem roteiro. A gente pega uns depoimentos assim, depois a gente edita e transforma isso num doc. (documentário) de nove minutos, que a gente tá chamando de Gira. Vai ter a Gira Platina, que foi em montevidéu e Buenos Aires. Gira da primeira exibição do DVD (Comparsa Elétrica). Então são esses minidocs, que ele compartilha com a Comparsa. Esses são legais, tô curtindo fazer".

O Escritório Artístico realiza, então, trabalhos com bandas locais, principalmente com o incentivo dado no Projeto Sonzeira. Ali, as bandas teriam a oportunidade de tocar no palco do Macondo Lugar, em uma noite inteiramente destinada ao autoral, e, além disso, teriam também a produção de dois materiais audiovisuais. O custo disso seria a portaria da noite no Macondo, ou seja, um trabalho quase às cegas, feito com profissionalismo e que busca – justamente isso – o respaldo para as bandas autorais da cidade. É, quase que, um trabalho de caridade, pois os audiovisuais e todo o trabalho de produção dificilmente seriam pagos com as portarias da casa, ainda mais nas noites de quinta-feira destinadas ao projeto – aí é conversa com a casa noturna.

As participantes do Sonzeira foram, respectivamente, Pegada Torta, Velha Cortesã e Âmago, que encerrou esse ciclo inicial do projeto, suspenso por tempo indeterminado - e que as forças da boa música o façam voltar logo. Mas o grupo também é responsável por trabalhos que podem ser contratados, a preços dignos – já que a intenção é, justamente, auxiliar e profissionalizar as bandas que se levam a sério na cidade – pelos artistas, como em trabalhos de uma assessoria geral. Também é um escritório artístico disposto à produção de audiovisuais e materiais para divulgação, além de todo o auxílio que uma banda independente deve ter que buscar para a profissionalização de seu trabalho.

O parênteses: EntreAutores.

O coletivo surgiu com Gustavo Borges (Garoto da Guantánamo Groove), com o Kariel Nunes, o Leonardo Gadea, a Paola Mattos – esses dois últimos já trabalhavam juntos, aliás, o primeiro trabalho do Gadea fora da música regional foi na produção de um clipe para Paola. E a Paola conhecia o Kariel, e o Garoto conhecia o Gadea e a Paola, O Erick conhecia todos

menos o Kariel. Juntaram-se com Jordan Nunes (Banda Rotações, de Porto Alegre originalmente) o João Kaniesk, com o Diogo Mattos.

Antes da União com o João, os guris que ali estavam começaram a pensar na falta de espaço para tocar na cidade, pensar que as cassa não abriam espaço pra musica autoral, que o que era possível era fazer cover em barzinho – Kariel Nunes, principalmente, fazia barzinho, até hoje faz, mas sábado agora já tem espetáculo dele, que aprovou no palco Treze e é um espetáculo só de música autoral. Super arranjos, os guri matando a pau, e ele cantando bem, os sons são massas. Ele vai seguir fazendo os barzinho, imagino, mas ele conseguiu montar um espetáculo autoral através do entre autores. Abriu esse espaço, aprovou o projeto no Palco Treze, a Quatro Cantos ajudou a fazer o projeto. A quatro cantos meio que surgiu no entre autores, e vai vindo tudo.

E João abriu o espaço, na esquina 249, juntamente com o morador da residência Gabriel Opitz (exímio violonista da cidade, participa ativamente de diversos projetos, como o Gamboa Trio, de jazz, e dá aulas e workshops envolvendo instrumentos de corda, como aulas de chorinho) e Gabi Giacomelli, que também morava na Esquina 249 e fazia trabalho de produção com a Rotações (banda porto-alegrense). E juntou a 249 com a rapaziada insatisfeita com os espaços e crente na força e capacidade da música autoral.

O compositor Pedro Ribas também se soma a esse coletivo, e agrega o tradicionalista Pirisca Grecco. E aí surgiu o coletivo, que amadurecendo traz a ideia de selecionar seis compositores, para a realização dos encontros filmados. Nos encontros, cada compositor selecionado apresenta duas músicas próprias, que são filmadas, captadas de modo profissional, tudo "bonitinho" (já diria Erick) e tudo de forma muito colaborativa. Mas, como o coletivo busca, além da criação e compartilhamento artístico, também a profissionalização do artista, com o tempo entra o custo da captação do áudio e, posteriormente a remuneração dos operadores de câmeras também. Mas os primeiros trabalhos foram no amor.

As mídias tradicionais – ou nem tanto – atuantes na cena independente

De jornais a revistas, *zines* e mesmo a rádio e emissoras de televisão da própria cidade, a mídia tem papel importante para a divulgação e para a consolidação do artista, para seu alcance e para a força da música independente. É claro que, não basta plugar uma guitarra e sair por aí tocando. Em 2016, com a facilidade de acesso a matérias de qualidade, e com

muitos e muitos nomes sendo lançados na rede diariamente, com trabalhos bons e trabalhos ruins, é difícil conseguir espaço.

Muitas mídias, principal e fundamentalmente as locais – devem agir para impulsionar esses artistas. Na década de 1990 em Santa Maria, além das rádios como a Atlântida Local, a 105 FM e a Rádio Universidade 800 AM, o jornal A Razão tinha papel importante para a divulgação e difusão dessas bandas. A 105, juntamente com A Razão, proporcionava diversos eventos, realizava shows ao ar livre e em locais fechados, não apenas em casas noturnas, mas em ginásios e outras espaços que, à época, poderiam ser usados. Pylla mesmo trabalhou no jornal impresso citado, e, certamente, contribuiu muito para a promoção dessa cena local.

Em tempos sem internet – ao menos sem toda a popularização e uso da mesma – a rádio era a principal difusora do trabalho dos artistas, e, no meio local, era quem poderia abrir as primeiras portas e primeiros contatos para o público local. Mas, desde esse momento, era necessária uma gravação de qualidade razoável para a rodagem nas emissoras – mesmo que essa qualidade não seja tão exigida e exigente como é hoje em dia. O processo para gravação em tempos atrás era mais difícil do que hoje em dia, devido não só a impossibilidade ou incapacidade financeira dos artistas, mas também ao difícil acesso a estúdios e a instrumentos de qualidade, e a equipamentos que fizessem uma gravação digna para ser ouvida e tocada nas rádios.

É claro que os fãs das bandas e amigos de integrantes ouvem músicas em qualidade menor, mas apenas isso não basta para que a música e o artista independentes se consolidem no meio e na cena local. Tudo devido aos avanços tecnológicos em todos os meios de comunicação e também das tecnologias das gravações que ditam o modo de consumo e também do consumo musical em dias atuais que diferem de tempos passados.

Em 2016, Paulo Ricardo fica às tardes na Rádio Medianeira FM e é responsável pela programação da emissora, bem como pelo contato com artistas e gravadoras, além de realizar chamadas para os demais programas do Sistema Medianeira de Rádios. O tempo passa corrido entre vida pessoal, aulas na Escoa Estadual João Belém – onde é professor de história – e a escolha de músicas para a programação. Paulo começa o expediente às 13h. Chega um pouco antes no prédio localizado na Avenida Rio Branco, nº 793, quase na esquina com a Rua dos Andradas, no centro de Santa Maria, e vai até sua sala. Então, se prepara para mais um dia de programação. Perto das 13h, Paulo percorre um corredor no segundo andar do prédio onde estão, em sequência, o estúdio da Medianeira AM, o estúdio de gravação e, finalmente, o estúdio da Medianeira FM. Troca então algumas palavras com o operador de mesa, que essa hora deve ser Carlos Alberto Teixeira, passa pela mesa de som, adentra o estúdio e troca

algumas palavras com Selma Bittencourt, locutora da manhã na emissora. Selma então deixa o estúdio, e posteriormente a rádio, e Paulo assume o microfone para, então, comandar o Super Sequência, programa musical com a participação de ouvintes e, volta e meia, participação de artistas e também promotores de eventos parceiros da rádio, que fica no ar até às 18h.

Com a programação sob sua chefia, é necessário dedicar algum tempo para as músicas, para ouvir artistas consagrados, para procurar o que mais se roda em FMs de todo o Brasil, para ver aquilo que a internet, hoje, potencializa. É a hora, também, para ouvir artistas que movimentam a cidade, para pegar aqueles CDs que não tem selo ou grandes marcas, e é preciso parar e ouvir com atenção. Afinal, Santa Maria tem – em meados finais do ano de 2016 – cerca de 40 bandas autorais ativas, com muitas delas buscando a profissionalização e expansão do seu trabalho, e assim, apresentando material para ser rodado em qualquer rádio desse mundo**.** E, para uma rádio local, as bandas da cidade são importantes para a programação, assim como para as bandas, a rádio deve ser sim um veículo importante.

"Eu acredito bastante no rádio. O problema das mídias alternativas é que muitas vezes. Eu acho que a banda precisa encher o local do show, e para isso tem que atingir vários públicos. Eu acho muito importante tocar na radio, porque tem muita gente que não tem alcance das mídias digitais. É estranho falar isso, mas eu devo ter mais ou menos uns 200 alunos, e vou te dizer que uns 40% deles não tem internet. Porque às vezes eu queria inventar uma brincadeira nova, que era uma aula via internet, ou whatsapp, e tem muitos dos alunos que não tem e eu n consigo fazer. 'Baah professor, internet só se for na Lan House, mas também não tenho dinheiro'... Muitos pais de alunos são pobres. Outros tem, mas uma parte não tem. Pra mim tem que tocar na radio. Tem que estar em várias mídias, tem que estar em todas ao mesmo tempo".

E a Rádio Medianeira, ao menos, está aberta para esse tipo de contato e informação. Toca, na programação, diversas bandas da cidade, de diversos estilos, do rock ao pagode, se bem gravadas. Como é uma rádio comercial, necessita tocar músicas que, em uma mídia massiva, já são sucesso nacional e internacional. Outras alternativas são as rádios onlie, ou web rádios, que, sem precisar contar com licitações, tem liberdade maior para a programação – até porque, dificilmente, terão o lucro como principal objetivo. É o caso da Rádio Armazém.

Fundada em agosto de 2015 a Rádio Armazém tem na sua programação espaço voltado para as bandas autorais de Santa Maria e, de forma geral, para a cultura independente

local. Está também aberta para projetos e propostas de novos programas. E foi fundada por Edson Kah, que veio de Charqueadas para Santa Maria em 2012.

Edson trouxe consigo o projeto de uma rádio online, e montou, logo quando chegou, a Supernova RádioWeb, juntamente com um sócio e parceiro de empreitada. Fez sua primeira transmissão na cidade justamente nesse ano, na Praça Saldanha Marinho, com o festival Macondo Circus 2012. Esse apaixonado por rádio teve alguns problemas com o antigo canal alternativo, mas, como a paixão já define, não conseguiu abandonar os meios de comunicação – ainda bem.

"Em 2012 eu fiz a Supernova, aqui em Santa Maria, que era uma radio web também, e eu cometi alguns erros durante esse processo. Um processo construtivo, tu acaba acertando e errando. Um dos erros foi ter feito uma parceria que não deu certo, e eu optei por sair do projeto que eu criei... Olha que doido. E aí saí, tava muito desgastado, foi na época que tive problemas pessoais e tal, então tava muito desgastado. E eu quis sair e foi tão foda que quis abandonar a ideia de projeto de rádio em SM. Só que ai aconteceu um negocio muito mágico: toda a galera que tava comigo na Supernova saiu quando eu sai. Eles falaram "se tu sair, vamos sair também". E saiu toda mundo, inclusive a minha namorada, Ciça Oliveira. E ela que não me deixou desistir, junto com o Cabala. Marcelo Cabala que é comunicador, tava comigo no outro projeto, e falou 'não, não vamos desistir, vamos dar a volta por cima'."

Aí surge a Rádio Armazém, onde, como em um armazém convencional, pode-se encontrar de tudo. Programas de rock, samba, hip-hop, de cultura e conversas em geral. A importância da rádio web, e no caso, da Supernova, se mostra na presença sempre presente – mais uma redundância não dispensável – dos artistas locais, seja em entrevistas ao vivo ou gravadas e reproduzidas na programação, seja com as músicas e novidades rodando na mesma. E desmistificando um pouco a rádio online, ela não0 apresenta uma legislação específica, mas em termos musicais também precisa cumprir com algumas normas, como por exemplo, o pagamento do ECAD que será revertido em renda para os artistas e compositores de um trabalho.

A Armazém já teve presente em locais diversos da cidade, como a casa do próprio Edson, também na Cabana do Jow – que hoje está parada – até chegar aonde chegou, no prédio do antigo Hospital Universitário de Santa Maria, na Rua Floriano Peixoto, número 1750, em uma sala no segundo andar. É aí que Edson e seus parceiros dão vida e espaço para os artistas daqui, e, como em uma rádio normal, tocam aquilo que aparece com mais

qualidade, que consegue, naturalmente, um destaque maior pelo som. Claro, com uma lógica diferente do comercial, uma lógica de fato mais independente, não é cabível exigir do artista que não tem condições um material impecável, de divulgação e de qualidade sonora. Mas, ao menos, uma boa *demo* deve existir para que os espaços possam ser ocupados pela cena independente.

Tanto na Armazém como na Medianeira – rádios com lógica, tempo de existência e pessoal muito diferentes – o espaço é dado, normalmente, ao artista que vai à procura. A lógica é essa: o independente grava seu material, produz, tem uma boa divulgação, e vai até os veículos de comunicação para mostrar seu trabalho. Não cabe ao programador da rádio, ao gerente de programação, ao comunicador ir atrás do artista, da banda e da música. Atualmente a lógica é a da procura pelo músico independente, que deve enviar o material para os responsáveis, bem como um pequeno release e, se possível – melhor que seja – uma foto boa para sua divulgação. E não basta só isso.

Como as rádios estão de portas abertas, o posicionamento do músico deve ser, no mínimo, profissional. Não basta apenas ir e deixar todo seu material, por mais bonito que esse seja. A banda deve ir à rádio, deve avisar os comunicadores sobre eventos, promoções, músicas e materiais novos que serão lançados. As portas estão abertas, mas quem deve girar a maçaneta e adentrar com interesse são os artistas independentes que buscam seu espaço. Que buscam ser, em suma, profissionais. É melhor deixar quem entende e trabalha há 30 anos com isso exemplificar melhor, não é Paulo Ricardo?

"As bandas que tocam aqui, e tu sabe bem disso, podem mandar divulgação dos seus eventos que a gente divulga, com o máximo prazer. Mas te digo uma coisa, 80% delas não mandam, e esse é o erro. Não vai o jornalista correr atrás da banda, eles que tem que vir. A banda independente é assim. A banda famosa é diferente, porque a produtora coloca à disposição. Aí tu tem que ir atrás. Se tu não vai, aí tu perde espaço. Tu tá querendo se divulgar, tu corre atrás".

Existem ainda outras rádios pela web, como é o caso da Resconance Radio Web, nova na cidade, mas que tem na programação bandas daqui, e tem como principal envolvido Agnaldo Gomes. Além dessas, a Rádio Universidade conta com programas que viabilizam e dão esse espaço para a música autoral de Santa Maria. Na grade de programação, vale a conferida em dois nomes, que mexem no AM local. O *Santa Demo* e o *Jukebox* dão, em seus graus particulares o incentivo às bandas, que tem seu material divulgado, vão ao programa,

tocam ao vivo, conversam e tem todo um envolvimento pelos acadêmicos de Comunicação Social que participam de ambos os projetos. O *Santa Demo* é, desde 2012, o programa que ocupa o espaço das 13h às 15h na grade de programação dos sábados. Em duas horas, e indo ao ar, ao vivo, toda semana, já levou muita gente e muito trabalho, bem como muita gente séria.

O Jukebox existe há um tempo semelhantes, mas hoje tem proposta diferente de quando surgiu. Começou sendo um programa gravado no Estúdio 21, do prédio da Facos (Faculdade de Comunicação Social) e hoje roda ao vivo, das 15h às 17h nas sextas-feiras da rádio Universidade. Traz bandas e artistas locais, e tem um espaço interessante e que proporciona material em alta qualidade para as bandas, que é o projeto Juke TV.

O poder público e os espaços sob sua custódia

Como os gestores da cidade tratam a música autoral de Santa Maria e os espaços que propiciam apresentações

É história antiga que político, no Brasil, só existe em época de eleição, para pedir votos e fazer promessas. Em todos os estados brasileiros a história se repete, com inúmeros casos de corrupção, benefício próprio e enriquecimento a partir do trabalho em cargos do poder público. A intenção aqui não é a crítica ao sistema político brasileiro, tampouco um levantamento de dados dos senhores e das senhoras mais honestos e desonestos que ocupam cargos públicos no país. Como toda a série, o foco fica na cultura local, e o foco do foco, na música independente de Santa Maria.

É curioso viver, caminhar, ou apenas estar de passagem pela cidade à boco dos montes e ouvir que aqui é a "cidade Cultura". Esse título permeia o imaginário de Santa Maria há décadas, e envolve uma série de fatores, como os diversos espaços públicos propícios para apresentações, a existência de uma Universidade com cursos de artes, letras, história, sociologia, comunicação e uma série de outros cursos "humanos", que promovem a reflexão, o pensamento, e a valorização da cultura – além de seu estudo, é claro – por parte de quem está na cidade.

Mas de Cultura a cidade tem mesmo o título. Ou, motivada pelas bandas, artistas e pessoal pensante, até tem movimentação cultural. Já, pela parte dos gestores públicos, as críticas, o baixo desempenho e a insuficiência e descaso são os principais personagens. É importante falar que, em 2016, Santa Maria é a 5ª maior cidade do Rio Grande do Sul, e, que tão contraditoriamente, não apresenta se quer um espaço público – com incentivos do poder público – destinado a apresentações artísticas e culturais, tanto de teatro, como musicais e ainda poéticas.

Se hoje a situação é caótica, há algum tempo algumas iniciativas existiam, e os espaços, ao menos, estavam ali, conservados, com iluminação, banheiro, e o principal, pessoas. Hoje, deixar os locais atirados às traças é justificativa – e que ninguém caia na ingenuidade desses poderosos engravatados – para que o abandono aconteça. Locais sem a menor condição são mal falados por conterem pichações – que nada mais são do que a expressão, a própria cultura viva da cidade – e, por causa dessas, justifica-se o mau estado de conservação, e, fechando o círculo vicioso, a falta de investimentos. Uma mão molha a outra, e as duas juntas não são capazes de lavar uma calçada.

Eventos públicos em Santa Maria

A década de 1990 foi o período de explosão, de descoberta e consolidação de uma cena musical, e de toda forma artística na cidade. Muito movida a isso, certamente os órgãos responsáveis (como o Executivo e a Secretaria Extraordinária de Cultura, como era chamada na época) tinham o interesse de promover eventos que gerassem a movimentação de pessoas. Um pouco antes, no ano de 1989, por exemplo, era promovido o **Música na Praça**, de 15 em 15 dias, que contava com a apresentação de artistas na principal praça da cidade, a Saldanha Marinho. De abril a dezembro de 1989, cerca de 30 apresentações ocorreram, aí não somente na Saldanha, mas em outros pontos de lazer da cidade, percorrendo espaços em outros bairros que não o central da cidade e locais centrais, como a Praça Saturnino de Brito – conhecida como Brahma, onde, após a entrada de estudantes na UFSM, os "bixos" é tomada de jovens que ficam em seu entorno, bebendo na rua e fazendo barulho até altas horas. Tudo, claro, sem a iniciativa da prefeitura local – e reúne diversas expressões artísticas, de arte, poesia, teatro, e apresentações de grupos de todos os estilos musicais. É um evento realizado juntamente com o SESC e o DCE, tendo apoio da UFSM. Era caracterizado por ser um espaço de livre expressão artística, e, como é de se esperar, ajudou na divulgação de nomes da cena independente do momento – mesmo que esses nomes não tenham ido muito longe.

A rádio 105 FM promove em 1991 – com a primeira edição ocorrendo no dia 22 de junho do dito ano – o **Encontro Marcado**, realizado no Parque Itaimbé mensalmente. Além da rádio, a festa vespertina ocorre com o apoio da Secretaria de Cultura, SESI, SESC e NEARC (Núcleo de Estudos e Apoio à Recreação Comunitária), contando com diversas atrações culturais – diversas mesmo – como grupos de teatro, apresentações de artistas locais, autorais ou não, e diversas brincadeiras e jogos, que faziam o pessoal pegar seu chimarrão – afinal a água quente e a erva-mate eram liberadas ao público – e ir curtir um sábado ou domingo no maior parque de Santa Maria. O Encontro era realizado em diversos locais do Parque, dividindo suas atividades nas quadras de esporte, no Complexo Multiuso evento contava, ainda, com uma feira de artesanato, com 21 bancas de artesãos locais.

A Praça Saldanha Marinho também é espaço confirmado para diversas outras atividades ainda na década de 1990, e abriga, já na década de 2010, outros tantos eventos que movimentaram a cena cultural local – trazendo artistas de fora – como o caso de algumas edições do Macondo Circus. Mas, ainda nos anos 90 é palco de eventos promovidos pelo DCE da UFSM, como, no ano de 1990 mesmo, o **Cultura na Praça**. O evento visava como já implica o nome, levar cultura e expressões artísticas para a população da cidade, além, é claro,

de lazer – algo que de fato pode movimentar alguém, lazer, que pode também ser cultura misturada com entretenimento e conforto. O Cultura na Praça ainda acontece durante alguns anos e na periodicidade do projeto leva artistas e movimentação cultural para diversos bairros de Santa Maria diversas comunidades diversos artistas para diversos locais assim disseminando arte música poesia e atividades de lazer para a população da cidade. A última edição do evento foi realizada em uma quinta-feira, dia 17 de junho de 1992.

Ali, também nos anos 90, eventos eram organizados, em parcerias com entidades privadas e mesmo com os empresários de Santa Maria – coisa que hoje acontece, mas, acho que o Leo do Boteco do Rosário, trabalhando na noite e envolvido no ramo, tem as melhores palavras para descrever a situação.

"A cidade universitária cheia de espaços de formação, qualificação, e no mínimo familiarização com ciência, tecnologia, arte, cultura, educação. E parece que, às vezes, de onde tu espera que se aproveitasse mais isso, não, não é. Mas da pra dizer que em paralelo à tudo isso nós temos um setor de empresariado com os empresários mais estúpido e insensível do planeta que não mobiliza um centavo em cultura."

Ainda na década de 1990 o Executivo da cidade era responsável pelo Prêmio Cidade Cultura, que contemplava artistas que tenham alcançado mérito a nível estadual em âmbito de cultura em geral, como artes plásticas, cênicas, música, literatura. A premiação foi instaurada na cidade em 1992, com o intuito de, justamente, resgatar o título de "Cidade Cultura" – veja que, mesmo nessa época, o codinome já era duvidoso – envolvendo autoridades do Estado na área, bem como a Secretaria de Município da Cultura, a UFSM e a Associação Santa-Mariense de Letras. As inscrições para o concurso do Troféu Cidade Cultura poderiam ser feitas por artistas gaúchos localizados em todo o Brasil. A primeira edição teve as inscrições abertas no dia primeiro de abril de 1992 e duram até o final do mês Envolver as artes plásticas com um concurso de esculturas no primeiro momento. Concurso continue existindo ao longo da década de 1990 e a notório como influenciou e incentivou artistas e também a cultura Independente com premiações nas diversas áreas já mencionadas.

Também é interessante registrar que, no ano de 1990, na Secretaria Extraordinária de Cultura, localizada na Praça Saldanha Marinho, havia a realização do cadastramento Cultura. O cadastro poderia ser feito por artistas plásticos, artesãos, músicos, cantores, compositores, cozinheiros, típicos, escritores, declamadores, colecionadores, grupos de dança, academia,

grupos de música, teatro, coral e diversas outras atividades culturais. E a finalidade disso tudo era ter um banco de dados, para valorizar e descobrir talentos da cidade de Santa Maria.

Mas a cidade é permeada de história de eventos que ocorreram ao ar livre, ali onde o poder público é o principal responsável pela manutenção e incentivo à ocupação do local por artistas e pela cena independente. No Parque Itaimbé, por exemplo, tanto na Concha Acústica Lupcínio Rodrigues quanto no Centro de Atividades Múltiplas – o Bombril – diversos eventos aconteciam na década de 90 e até meados dos anos 2000. Há duas décadas, por exemplo, os Encontros Marcados, promovidos pela rádio 150 FM, juntavam pessoas para as mais diversas atividades culturais. Tudo possibilitado, obviamente, pela manutenção e bons cuidados do local público.

Nesse período longínquo, também houve a realização do projeto **Nossos Talentos,** através da Secretaria de Município da Cultura. A primeira edição da empreitada ocorreu no dia 03 de abril de 1993, e contou com apoio da Projesom Laser, da companhia de transporte Expresso Medianeira e também do Jornal A razão. É um projeto que aconteceu em diversos bairros de Santa Maria – como Tancredo Neves, Itararé e bairro Camobi - e levou – como a maioria dos projetos que aconteceram nesse período – cultura para as comunidades da cidade à beira do Monte. Para participar do projeto era necessário fazer uma inscrição no bairro onde aconteceria a edição do evento ou ainda na sede da própria Secretaria de Cultura da cidade. Com diversas edições realizadas ao longo do ano, houve época em que uma ultima edição era realizada com os melhores participantes, fazendo uma espécie de final – no fim do ano – que premiava o vencedor escolhido com uma quantidade de dinheiro. O Nossos Talentos ocorreu até o final da década de 90, porém hoje em dia o projeto não existe mais na cidade, mesmo que Santa Maria apresente inúmeros crescentes talentos locais.

Outro importante evento para a cidade foi – e por pouco não é, pois teve sua última edição realizada no ano de 2015 – o festival **Nossas Expressões.** Promovido pelo Diretório Central dos Estudantes da UFSM desde 1983, onde ocorreu no Parque Itaimbé, sempre trouxe para o público de Santa Maria atrações musicais e artísticas com o intuito de movimentar e aproximar o público com ações culturais, além, é claro, de ser também um momento de lazer para os santa-marienses. Na primeira edição reuniu mais de 4000 pessoas no Itaimbé, onde teve seus shows e apresentações realizados no Bombril.

O projeto foi ampliando, em 1984 ocorreu no Parque da Medianeira, em 1986/87/89 foi realizado no Coloradinho (Inter de Santa Maria, clube de futebol profissional local) e em 1988 novamente ocorre no Bombril. Em 1990 a festa de enceramento do Nossas expressões VII contou com a participação de artistas da capital, como a banda Bandalheira, formada por

Duca Leindecker e Alemão Ronaldo. O show foi realizado nas quadras do Centro Desportivo Municipal, o Farrezão.

As duas primeiras edições foram apenas grandes shows, mas à partir da terceira, em 1986, as coisas mudaram, e forma inseridas oficinas e exposições artísticas. Em 1987 foi novamente um show, mas em 1988 houve realizações conjuntas com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) – da qual Leonardo Retamoso Palma era integrante.

A programação conta com shows de bandas locais, em muito tempo com shows de nomes externos à cidade, e também com as mais variadas mostras artísticas. O projeto tem como objetivos discutir a ampliação dos espaços culturais na cidade. O Nossas Expressões é um movimento que discute e apresenta cultura, não tem fins lucrativos, e busca realmente o desenvolvimento cultural na comunidade de Santa Maria, e em cada cidadão habitante da cidade, seja ele conterrâneo ou vindo de outro lugar.

Na década de 1990 ocorre em diversos locais da cidade. No ano que inicia a década, a 7ª edição do Projeto conta novamente com mostras artísticas e shows, em locais como o Garajão Cultural da UFSM (na Rua Astrogildo de Azevedo, ao lado da antiga reitoria). A proposta era a realização de diversas atividades culturais, em diversos dias do mês. No ano de 1990 também foi realizado, através do Nossas Expressões o projeto “Qualquer Coisa aos Domingos”, que teve show da banda “Mosca de Bar” no dia 28 de outubro de 1990. O contato para artistas e bandas era diretamente com o DCE, que promovia muito a cena musical independente nesse momento. Em 1992 ocorre de 18 a 23 de maio, e é realizado a 8ª edição do Nossas Expressões, com o apoio da Gazeta do Sul, Chopp Brahma, DCE, Studio Master, Panacéia Bar, 105 FM e A Razão.

Em 1993 ocorre a 9ª edição do Projeto, que teve seu ponto alto no dia 19 de novembro, com shows de 10 bandas no Garajão Cultural. Além dos shows, como de costume, oficinas artísticas, mostras artísticas (como teatro) e palestras. Já em 1994 ocorre a 10ª edição do Projeto. Na sexta-feira, dia 02 de dezembro de 1994 ocorreu um show com treze bandas no Largo da Estação Ferroviária. Com início às 20h e policiamento ao longo da Avenida Rio Branco, bandas como Serpent Rise, Fuga, Nocet, Ponto G, Acesso Secundário, Black Rain e Trem Pagador se apresentaram para o público santa-mariense.

O festival segue ocorrendo durante a década de 90 a década de 2000 e, tem a sua 24ª edição realizada em dezembro de 2015, contando também com diversas atrações e bandas da cidade do momento. Foi realizada no auditório do próprio DCE, na Casa do Estudante Universitário de Santa Maria, no centro, e também no Largo da Locomotiva. AS atividades envolvendo bandas foram realizadas no último local, e o Nossas Expressões conta,

normalmente, com o som da Projesom – atuante mesmo na cidade, em diversos eventos a céu aberto.

A década de 2010 é marcada por alguns eventos também nos espaços públicos, porém com a deterioração e maus cuidados – um desleixo mesmo, falta de interesse, investimento e apoio - do poder público diante dos locais torna a realização de eventos e movimentação cultural quase inexistente. Além disso, a burocracia feita para que um artista, de maneira autônoma, resolva fazer um projeto é desestimulante – parece que propositalmente – e dificulta iniciativas que poderiam dar novos brilhos para a cidade.

Santa Maria conta – como contava antigamente – com o Natal do Coração, realizado na Praça Saldanha Marinho em um período próximo ao Natal, que reúne movimentação de pessoas na principal praça da cidade. Porém esse evento é muito menor e apenas um evento marcante no calendário cultural da cidade, principalmente no que diz respeito às bandas e a cena da música autoral independente local. É triste ver que o cadastramento cultural assim como os eventos que primavam e incentivavam os artistas locais deixaram de acontecer na cidade. Mas ainda é possível citar acontecimentos de parcerias público-privada que levavam em conta editais lançados pela prefeitura de Santa Maria, como é o caso do Macondo Circus e o Dia Mundial do Rock (ambos promovidos pelo Macondo, com auxílio do Fora do Eixo e benefício financeiro proveniente de editais da prefeitura). Outros eventos que ocorreram em anos recém passados, coo 2015, ou ainda no ano presente, como o **Mapas da Rua –** no Largo da Locomotiva, na Avenida Presidente Vargas – e também o **Rota Viva** – que aconteceu na concha acústica do Parque Itaimbé – mostram que a organização das bandas locais é fundamental e precisa ser forte diante dos entraves do poder público.

Ainda dos editais, atualmente, os que mais beneficiam estão ligados ao palco do Theatro Treze de Maio.

Treze de Maio e a Casa de Cultura de Santa Maria

É no século 19 entre os anos de 1889 e 1890 foram empilhados os primeiros tijolos que dariam a estrutura do teatro localizado Na Praça Saldanha Marinho no bairro Bonfim região central de Santa Maria. Até o ano de 1913 o local recebeu diversos espetáculos de teatro e ópera, mas algum tempo depois foi desativado servindo como sede para diversos órgãos públicos do município e também como a sede de um jornal da cidade de Santa Maria. Ainda em 1913 foi adquirido pelo Município e foi, de fato, desativado em 1916. Muito tempo

depois, em 1992, uma campanha para a reativação do Treze ocorre na cidade, que, somente em 1997 volta a ser o Theatro Treze de Maio.

Antes da reforma de revitalização, o espaço do era usado como Centro Cultural para a cidade de Santa Maria. Ainda no ano de 1990 foram realizadas reuniões envolvendo representantes da cultura e de grupos teatrais, com entidades responsáveis pelo espaço em Santa Maria já propondo a construção do teatro. Além do Centro Cultural o então espaço abrigava também a Biblioteca Municipal da cidade, que foi transferida para Avenida Presidente Vargas, no local onde é o Largo da Locomotiva e próximo ao Museu de Artes de Santa Maria em dias atuais – a Biblioteca permanece nesse local.

Em 1991 as ideias sobre a restauração do Treze já estavam presente nas manifestações de pessoas de Santa Maria. É que, ainda na metade do século XX, o espaço servia perfeitamente com Biblioteca e Casa de Cultura, com 120 lugares ao todo – afinal a população de Santa Maria não era muito grande na época, e com crescimento populacional, crescem também as necessidades, e o local acaba não sendo satisfatório para pesquisas em livros ou ainda eventos de maior porte. É estranho pensar que a cidade que já tinha alcunha de Cidade Cultura não apresentava um teatro até o final da década de 1990. Aliás, por curiosidade, o nome de Cidade de Cultura surge – dizem algumas más línguas – por engano, quando a Universidade Federal de Santa Maria foi criada. Era então para Santa Maria ser chamada de Cidade Educação, mas por algum erro ou desentendimento acabou ficando mesmo como Cidade Cultura.

Em 21 de julho de 1993 mais um passo importante é dado em relação ao Treze. Firma-se, de fato, a Associação dos Amigos do Theatro Treze de Maio. Em 1994 o então Presidente da Associação, José Antônio Goi, afirmava que a inauguração oficial ocorreria no dia 13 de maio de 1995, pois ainda faltavam obras de finalização que custariam, na época 150 mil dólares (lembrando que, nessa época, o Plano Real havia sido instituído há pouco pelo presidente em exercício Fernando Henrique Cardoso). Ainda em 1994 a associação suspende sua atuação, pois mesmo tentando angariar fungos com empresas e entidades locais e mesmo estrangeiras, necessitava de um projeto, um memorial descritivo daquilo que era preciso ser feito para conclusão das obras do Theatro Treze de Maio. Aí o poder público mostra novamente alguns problemas, porque a prefeitura não tinha tal plano, se quer sabia o que faltava para conclusão do Theatro.

A pré-inauguração do Theatro Treze de Maio ocorre no dia 23 de dezembro de 1996, mas a reinauguração acontece, oficialmente no dia 26 de Maio de 1997, com o Theatro já

contando com intensa programação em sua agenda cultural de eventos, 108 anos após a sua fundação.

É um espaço importante para a cidade nos dias atuais – e vem sendo desde sua inauguração – e contempla diversas atividades artística, não somente no âmbito do teatro, mas também no âmbito da música independente da cidade. O próprio coletivo EntreAutores já conseguiu seu espaço no palco, bem como outras bandas da cidade, como a Apotheon e a Rinoceronte, que lançaram seus álbuns no palco do Treze. A Guantánamo Groove também realizou um show para o lançamento de seu CD, o "OCUPA", e também um show acústico com as músicas da carreira da banda remodeladas e com arranjos feitos especialmente para a ocasião.

Também foi no palco do teatro que Pylla lançou seu mais recente trabalho, o disco "Lá de Volta Outra Vez", com a participação de inúmeros amigos e companheiros da antiga estrada do rock santa-mariense. O tablado de madeira ficou pequeno para tantos artistas no lançamento do trabalho, que, certamente, é o mais profissional e de qualidade do roqueiro ao longo de sua carreira na música autoral e independente.

O Treze de Maio conta Também conta com o projeto "Treze: o Palco da Cultura", que, segundo o próprio site do local: "O projeto, por meio de processo seletivo e com avaliação de uma Comissão Julgadora, proporciona anualmente a apresentação de 20 ou mais trabalhos produzidos por artistas, grupos, coletivos ou companhias da cidade, no palco do Theatro Treze de Maio. A realização de uma iniciativa sintonizada com o seu tempo e voltada ao incentivo e fomento da produção local tem se mostrado bastante positiva, cujos resultados vêm sendo reconhecidos e aplaudidos pela comunidade e pelos principais agentes: artistas e produtores".

Para ter seu trabalho reconhecido e ali apreciado, basta esforço, empenho e muita organização. Como Leonardo Gadea comenta com todos os artistas independente – quase que um bordão: "te organiza".

Já a Casa de Cultura é construída, ou reapropriada para tal, no local do antigo Fórum de Santa Maria, e está – ou estava – localizada também na Praça Saldanha Marinho. Era pensada como tal desde 1988, e em 1996 viu aprovada a lei que reverteria a posse do prédio do Estado para o Município. Desde 1999 abrigou atividades culturais, em algumas de suas 35 salas. A casa servia como espaço da Secretaria de Cultura e também para outras atividades, como sede da Escola Municipal de Artes Eduardo Trevisan, mas hoje é o reflexo exato do que se pode esperar da administração pública que deixa a cidade ainda em 2016. Está ali, atirada, depredada, servindo de lugar para alguns apertados que não conseguem segurar e fazem seu

xixi na porta da antiga Casa de Cultura. Teve o reboco solto, que caiu no meio da Praça e gerou uma faixa de isolamento para que não se chegasse às proximidades do local. Sem reforma, sem investimento. Sem Casa de Cultura.

Espaços de cultura e lazer na cidade

Lá, antes mesmo de Fernando Henrique Cardoso assumir a presidência do Brasil, e até mesmo depois de ter passado dois mandatos sob o comando do país, os espaços culturais em Santa Maria estavam presente. Espaços públicos, obviamente. Esses espaços eram responsáveis – e responsabilizados pelo Executivo do Município de Santa Maria – pela reunião de pessoas, por espetáculos à céu aberto e limpo de tantas vozes da cidade que cantavam sua música. Para as bandas, tocar na Concha Acústica do Parque Itaimbé, ou mesmo no conhecido Bombril, não eram, se não, eventos normais, corriqueiros e, de modo algum, inesperados ou motivo de muita luta e persistência. O **Parque Itaimbé** foi inaugurado em maio de 1982 e sempre foi a maior área pública de lazer do perímetro urbano da cidade.

A Concha Acústica Lupicínio Rodrigues está totalmente deteriorada. O espaço projetado unicamente para shows que necessitam de qualidade sonora está abandonado pelo poder público das últimas gestões da cidade. Tem, quando muito, a grama de seus arredores cortada, mas está ali, atirado à boa vontade de artistas locais. Na metade da década de 90, por iniciativa da Secretaria da Cultura, shows mensais ocorriam na Concha, e em uma empreitada uniram-se as apresentações com a Feira do Pulgão, que movimentava parte do comércio local.

O Executivo de Santa Maria teve a capacidade – incapacidade mesmo, sem nenhum problema em não ser imparcial – de retirar o ponto de energia elétrica do local, para dificultar a presença e a movimentação de artistas na Concha. Com isso, não é possível, sem um gerador de energia – normalmente movido a combustível fóssil, como o óleo diesel – a apresentação de um show que necessite de amplificação de instrumentos e da voz. Também, com isso, não existe luz elétrica, não existem postes com lâmpadas, e os eventos se resumem ao horário que o sol se põe – quando esse resolve aparecer na cidade.

Além de tudo isso, os banheiros químicos que ficavam no local foram removidos pela prefeitura em meados de 2013/14. A última grande reforma realizada na Concha foi em 2011, e esse espaço é o mais apropriado para as bandas locais se apresentarem – e não somente para as bandas, pois é um auditório a céu aberto, que serve para inúmeras atividades, desde debates, palestras, oficinas, até os shows propriamente dizendo.

As bandas que ali tocam, tocam por vontade própria, tocam por iniciativa pessoal e amor à sua própria música. Em tempos onde todas as festas de carnaval ocorriam no parque, e as bandas mais antológicas de Santa Maria subiam no palco da Concha para mostrar seus trabalhos, é no mínimo revoltante – PALHAÇADA! – o que é feito em relação a esse espaço tão nobre e que atrai, naturalmente, tanta cultura e música local.

Ainda no Parque Itaimbé é possível citar o **Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Pogetti**, ou como é conhecido pela comunidade, o **Bombril.** É um espaço fechado, amplo, que servia de palco para os mais diversos shows de bandas da cidade, como Doce Veneno, Nocet e Fuga em uma época mais alegre para esses eventos em Santa Maria. É o espaço ideal para a realização desse tipo de tarefa, mas hoje, está completamente abandonado. Serve como banheiro para moradores de rua e os mijões de plantão, e está depredado, com as janelas quebradas, grades para que ninguém entre no espaço. E está assim, de carcaça presente, mas morto para a cidade. É tema de debates e, principalmente, de promessas de reforma. Está fechado desde 2010, e tem problemas de rachaduras e infiltrações, e, de todo um modo, problemas que fizeram com que o espaço fosse enfim fechado. Promessas de reforma existem desde o fechamento do local, para a recolocação de azulejos internos, instalação de piso antiderrapante, a reforma de todo um sistema elétrico, de água e sanitário – se fossem necessários, além da construção de uma rampa de acessibilidade para portadores de alguma deficiência motora. AS obras começaram – e como em quase tudo, começam – mas vá dar uma passadinha pelo Bombril para tirar suas próprias conclusões sobre o estado do local.

Há ainda o **Centro Desportivo Municipal Miguel (CDM) Sevi Viero**, que é conhecido como **Farrezão** – ou Farrezinho quando se fala de um espaço menor dentro do complexo – localizado na Rua Appel, número 798. Contém três ginásios poliesportivos, um ginásio destinado à praticas de lazer e atividades físicas, um destinado à ginástica e dança e uma sala de musculação interna. Contém também uma pista de caminhada, de 400 metros. Servia, na década de 1990, como palco para grandes eventos e shows, o que hoje não acontece mais, ao menos no que se refere a eventos destinados à bandas de Santa Maria.

É palco da **Feisma (Feira Industrial de Santa Maria, ou como também é chamada, Multifeira de Santa Maria)**, que hoje não conta com a vivacidade e apoio às bandas locais como antigamente. Na década de 1990 era corriqueiro o Feisma Mostra Rock, que trazia bandas autorais da cidade para seu palco, bem como, a presença de artistas de nível regional e até nacional. Nesses casos, bandas da cidade subiam ao palco também, antes, depois, enfim, em dias diferentes para também poderem mostrar seu trabalho autoral e independente. Em

2016 a Feira teve a sua 29ª edição, já sem o espaço e o brilho da cena local de Santa Maria comparada a antigamente.

Incentivos à cultura pelo Município

Em 1996 foi instituída a **Lei de Incentivo a Cultura (LIC)**, no Decreto Executivo nº 325/97, de 04.11.1997 que foi posteriormente Alterada pela Lei nº4645/03, de 06.02.2003. Em Santa Maria, é a partir dela que, com incentivos fiscais, muitos eventos culturais são realizados. Funciona com o Executivo local que deve fixar, anualmente, um valor que deverá ser usado como incentivo cultural e que não poderá ser inferior a 2% nem superior a 5% da receita proveniente do Imposto Sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), o Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza (ISSQN) e o Imposto Sobre Transição Inter Vivos de Bens (ITBI), calculados sobre cada imposto, respectivamente.

Assim, é aplicado até 30% o valor limite devido dos tributos, que são compensados através de doações (com o abatimento de 100%, sem que apareça o nome do doador ou da marca no projeto cultural) e de patrocínio (com o abate também de 100%, mas acrescido no valor de 10%, sendo que o acréscimo é creditado na conta do projeto, assim sendo, é possível que o nome do doador ou da marca apareçam).

As finalidades da LIC de Santa Maria são apoiar a criação e a valorização de manifestações culturais, bem como dar o apoio à preservação do patrimônio municipal – seja ele material ou não. Também tem o objetivo de incentivar, promover – e todos esses afins que são usados no discurso de um programa voltado ao público – a pesquisa e divulgação de conhecimento, ações culturais para a população, desenvolvimento cultural de Santa Maria, e por aí vai.

A Lei beneficia áreas gerais da cultura, como dança, artes plásticas, música, museus, cinema, literatura, fotografia, vídeo, folclore, artesanato, circo, ópera e bibliotecas. Essas áreas passam por etapas de aprovação para a realização do projeto cultura, que são: o protocolo, a análise técnica do projeto (realizada pela Coordenação da LIC-SM), a análise de aprovação e regulamentação (a cargo da Comissão Normativa), a assinatura do termo de ciência e conhecimento de responsabilidade (a cargo do empreendedor cultural). Ainda é necessária a expedição do certificado de aprovação e autorização para captação de recursos (Secretaria de Município da Cultura), a busca do incentivador pelo empreendedor cultural, e, depois disso, a assinatura do termo de compromisso entre incentivador e o empreendedor

cultural. E por fim a assinatura do certificado de incentivo pela Secretária de Município da Cultura e Secretária de Finanças.

Cada projeto tem o valor máximo de solicitação de 7% de todo o montante financeiro destinado à LIC anualmente. E podem participar pessoas físicas e jurídicas, com prazos e documentos necessários, que podem ser vistos, de forma geral, no próprio portal da Prefeitura Municipal de Santa Maria, assim como todos os documentos necessários para a realização do projeto e todas as dúvidas possíveis sobre o assunto.

Tudo é tratado com a Secretaria de Município da Cultura, que tem sede no largo da antiga Viação Férrea de Santa Maria.

A Boate do DCE e sua importância para Santa Maria

A boate do Diretório Central dos Estudantes surgiu há mais de 50 anos, no subsolo da Casa do Estudante Universitário (CEU) I, no centro de Santa Maria. E começou assim mesmo, surgindo, proveniente de encontros de amigos, moradores da Casa, que se reuniam semanalmente para um momento de lazer, descontração e também de discussão à cerca de temas como política e sociedade em geral. Nos encontros de final de semana, os amigos levavam seus instrumentos ao subsolo, tocavam, riam, de fato, se divertiam. E um amigo chama outro, que chama outro, e as coisas vão aumentando de proporção.

Foi local importante devido às suas inúmeras festas, que ocorriam sempre aos finais de semana, e que traziam, em sua maioria, músicas e bandas ao vivo. Diferentemente de outras casas noturnas e boates da cidade, a do DCE nunca visou lucro, e sim experiências e trocas culturais de maneira simples, em um espaço com boa música e muita gente com a cabeça parecida – não externamente. A entrada, por exemplo, era gratuita para estudantes da UFSM, e cobrada, em um valor quase simbólico para manutenção do espaço, para estudantes não pertencentes à UFSM, que também só entrariam acompanhados por alguém que fosse da Federal de Santa Maria.. Ao entrar, descendo os degraus da escadaria localizada no hall da Casa, o estudante se depararia com cerveja barata, o que atraia anda mais pessoas para o local. Como tudo, o financeiro tem grande influência nas práticas sociais e da noite das pessoas.

Foi palco para a cena da cidade durante anos, e teve bandas independentes em suas festas, de todos os níveis imagináveis do independente. De bandas que nunca se ouviu o nome propagar, a bandas conhecidas como a Nocet, que tocou na Catacumba. Esse era outro local interessante, ficava localizado no subsolo da boate, ou seja, dois subsolos da casa do estudante

– se é que se pode classificar algo assim – e era o espaço destinado, na maioria das vezes, para estilos musicais mais pesados ou para apresentações ao vivo.

A boate funcionou ativamente até o início do ano de 2013, sendo fechada em 08 de janeiro. Segundo a Vigilância Sanitária na época, os motivos para o fechamento foram a falta de licença para o funcionamento, falta de acessibilidade, a não comprovação do isolamento acústico e a perturbação do sossego público. Valo ressaltar aí que, e fato, a boate atraia muita movimentação, e muitas pessoas iam apenas para ficar na frente da Casa do Estudante, bebendo sua bebida, fumando seu cigarro, e de modo geral, conversando. Era ali, sem mesmo estar na festa, onde muita troca acontecia – seja de cultura, ou mesmo de cerveja.

Mas, o fechamento da boate não ocorre com uma avaliação do local, que foi fechado e, somente duas semanas após o ocorrido foi que, de fato, o vigilante analisou o local – e, reparem que incrível, concluiu que o isolamento acústico havia sido feito em 2007, o que retirou o item como um dos fatores que causou o fechamento do local. Mas o fato é que a boate funcionou de forma irregular por um bom tempo, e estava nessa situação no momento de seu fechamento. Sem extintores, luzes indicativas, um espaço apertado, com pouca saída e, em uma noite de “beberragem” – quando se bebe demais, passa-se do estágio bêbado – um local altamente confuso para a pessoa se localizar, além, é claro, de não apresentar documentos exigidos pela cidade, como o alvará de localização.

Esse documento é emitido pela Prefeitura de Santa Maria e é essencial para que qualquer estabelecimento comercial funcione na cidade. É emitido após o comerciante comprovar que está dentro do que é exigido referente a questões tributárias, ambientais e de segurança, o que inclui alvará emitido pelo corpo de bombeiros local, o conhecido Plano de Prevenção Contra Incêndios. E, desde o fatídico dia, a boate nunca mais abriu suas portas, para público, para bandas, para qualquer manifestação cultural ou de aglomeração de pessoas.

O que é mais triste de tudo isso? Além da própria falta que a boate deixa, é que dias após o fechamento, 242 pessoas morreram em um incêndio ocorrido em outra casa noturna da cidade, que, como se deve imaginar, funcionava sem os alvarás necessários. A boate Kiss só foi fechada depois de destruída e abraçada pelas chamas, deixando saudades, remorso e indignação desde o dia 27 de janeiro de 2013.

O que pensam os envolvidos com a música independente local

Ao longo do trabalho, realizando uma série de entrevistas com músicos, produtores, apresentadores, comunicadores e conhecedores – de forma geral – do movimento de música independente de Santa Maria, havia o questionamento referente ao que eles achavam da atuação do poder público local. Melhor do que resumir e colocar em palavras minhas é deixar que eles tenham esse espaço aqui.

Renato Molina¸ quando questionado sobre incentivos e auxílios do poder público na década de 1990.

"Inclusive a Bruxa fez um jingle pra eles (loja Vento Norte). Teve esse evento que fechou a quadra da Igreja de Fátima, na época da Bruxa ainda. Num domingo, fechou a quadra, foi um negócio antológico. Depois, nos anos 90 teve, no estacionamento do – atualmente – Monnet, na época Big, um evento semelhante, promovido pelo Big. Ou seja, nada a ver com o poder público, que talvez tenha entrado com a parte de trânsito, brigada militar, coisa assim. Mas, isso, provavelmente, foi feito a partir da empresa, indo ate o poder publico pra pedir esse auxilio nessa questão específica do transito. Mas, de algum poder publico buscar, partindo de alguma secretaria do poder público, eu sinceramente não consigo lembrar".

Agnaldo Gomes:

"Não me recordo mesmo. Sei que existiam alguns eventos ao ar livre, inclusive a Serpent participou de alguns, a gente tocou na Concha Acústica, na Biblioteca Pública. Mas não me recorde de ser algo em que existia um apoio ou um incentivo do poder publico. Acredito que foi alguém que fez e, de repente, fez com algum outro tipo de incentivo assim. Não me recordo mesmo. Hoje a gente tem Lei de Incentivo a Cultura, que te propicia aprovar um projeto, mas não propicia ter o dinheiro para executar o projeto. Então, tu ganha e, de certa forma, parece que tu não tem nada. Acho que o poder público te propicia um espaço, que de repente vai te propiciar uma estrutura, mas ele não vai te dar aquilo que necessita pra ter um evento de qualidade boa, que é um incentivo de dinheiro, capital, que te dá condições. Para fazer evento, um evento maior, evento ao ar livre, as dificuldade são bem maiores. Porque tu já necessita de uma estrutura maior, melhor, e sem dinheiro não se faz. É difícil tu conseguir dinheiro do poder público para isso. A Lei de Incentivo tem seu lado bom, mas tem seu lado

que tu aprova o projeto e não tem como captar (recursos), porque as empresas já estão com sua parte destinada para algum outro projeto".

Leonardo Gadea:

"Cara, existem vários métodos deter acesso ao poder público. Eu acho mesmo que, bem na boa, o poder público não fala muito por quase ninguém. Mas eles apresentam métodos que podem ser aceitos, digamos, e usados ou não. Se é mais fácil, mais difícil, não sei. Mas existem leis de incentivo a cultura, que, capenga como são, acontecem. A galera que tá mais organizada é contemplada e executa seu projeto. Muitos não conseguem captar. Mas eu não sei. Eu sou muito pé no chão nesse sentido. Eu acho que existem as LIC, que dão benefícios aos artistas, e só. O resto é por nossa parte. Não temos que esperar nada do poder publico. Gostaríamos de esperar que eles bem administrassem o eu a gente paga no imposto. Então, não sei se eles deveriam fazer tanto por nós, se só de não nos roubar já tá bom. Mas as LIC são pra isso né. As coisas são feitas todas com boas intenções, mas se envolvem pessoas má intencionadas".

Vinícius Bertoldo:

"Os governos fazem o que é de praxe pros governos fazerem. O governo de Santa Maria não investe nesse setor, porque aos cidadãos de Santa Maria não se interessam. Como vou me queixar de que o governo não investe se as pessoas em si não estão interessadas? Porque eu consigo, que tipo de qualidade essa que eu julgo cultural que diz que meu publico mesmo que seja de 200 ou 300 pessoas, o poder público tenha que enfiar dinheiro em mim e que isso é mais correto do que botar dinheiro em eventos de grande publico? Se estamos numa democracia, e não vamos cair num histerismo de achar que, em todo mundo, não existe melhor nem pior que o povo gosta é o que é bom, não é esse caso. Mas não pode começar pelo poder publico, começar pelo poder publico seria antiético. O poder público acha que é muito lindo existir a Geringonça... que exista a Velha Cortesã e vai botar neles uma grana, disponibilizar um espaço, acho que tem que haver necessidade. Foi um duro golpe quando o pessoal tava batalhando pela reforma do VictorioFaccin (espaço cultural que abriga 90 adultos e 140 crianças, que é sede para dois grupos de teatro da cidade), e o vereador vem atirar os números e dizer que o tetro não tem público. É um argumento ruim de responder. Se o prefeito tivesse aqui entre nós ele ia ficar facilmente... 'Olha gente, como vocês querem ter

verba se vocês não tem público, se vocês nãoo são representativos'... Dai a gente argumentou 'Não, a gente não quer verba, não quer que nos deem dinheiro, queremos espaço, pra nós, pro samba, pros gaúchos, pra todo mundo'. E nesse segundo momento, não da pra desculpar o poder publico, porque é desonesto governar em nome da crise, ser o governo da crise o tempo inteiro, ser um governo que nunca pode, que não faz, não da tava em crise, e ta assim no município, no estado ,no pais inteiro. É um lapso que tem anos".

Yuri ML:

Cara, com os espaços públicos, tem vários problemas. Não é novidade nenhuma o que eu tô dizendo aqui. E é assim, em qualquer pesquisa, qualquer giro pela cidade, comprova o que eu to dizendo. O histórico recente da Concha Acústica, da manutenção da Concha Acústica. De vários indícios de como o poder publico trata os espaços públicos. O único banheiro que existia lá – na Concha – foi demolido, o ponto de luz foi retirado. A Concha não sofre manutenção. O que eles chamam de manutenção nada mais é do que pintar de vez em quando, sendo que isso é tirar o que eles acham feio, que são as pichações que tão na Concha. Que nada mais são do que manifestações espontâneas da juventude de Santa Maria, entendeu? Que eles preferem ver como sujeira a indivíduos se manifestando, sabe? Seja bonito, seja feio, são indivíduos se manifestando. Há uma série de dificuldades que o artista encontra que o poder público não se mostra prestativo a encontrar soluções. E aí a gente tem inúmeras críticas ao sistema de cultura e tal, que tá com dificuldades de ser implementado. A gente ainda não tem um fundo de cultura. A Lei de Incentivo a Cultura Funciona num molde bastante questionável também. Então, a relação com o poder publico é assim".

Atílio Alencar:

"São muito insensíveis, ha muita insensibilidade ao acesso, da utilização do espaço publico. A gente chegou ao ponto, nesse atual governo (Schirmer e Farret, com segundo mandato de 2012 até 2016), de ter a cogitação de uma cobrança de taxa para a ocupação do espaço publico. Isso só não aconteceu porque os artistas, o publico, os produtores foram pra rua protestas contra isso que seria uma questão descabida, que seria criar camadas de possibilidade de acesso ao espaço publico. Justamente na época em que só nos restava o espaço público. Aí sim, tem o momento em que as pessoas se organizam coletivamente e conseguem – coletivamente entre vários coletivos distintos – fazer frente a isso. O que eu vejo

é uma simetria enorme entre o que as pessoas passam a fazer no espaço público quando o publico começa a aparecer de um jeito incrível, de frequentar, e desenvolver um afeto diferente com esse tipo de evento na rua. E começa a demandar mais isso, e demonstrar que é possível, desejável. E com muito pouco as vezes se da pra fazer isso. E, por outro lado, acompanhado pela total incapacidade, inabilidade, inaptidão total da prefeitura especificamente pra dar conta de investir de fato, eficazmente, em espaço públicos. Efetivamente nenhuma obra foi completada, o parque Itaimbé tá aí, a Casa de Cultura tá aí. Estão exatamente do mesmo jeito que estavam a quatro anos trás. E ao contrario, acompanhada da falta de incentivo, existe uma outra questão ainda que é de, certa forma, a criação de obstáculos para a ocupação ode espaços públicos. O que a gente vê é um discurso bonito sobre cultura. A cultura é usada mais uma vez como bolo da cereja, o diferencial da cidade, na mesma onda do slogan lendário, mitológico da Cidade Cultura, mas isso, na prática, não tem investimento de fato, quando tem é pre-direcionado, os apoios são pífios, a perseguição existe, a dificuldade de acesso a espaço público, a manutenção do espaço público simplesmente converge a um cenário de que, se não fosse muita paixão, interesse por parte dos artistas, músicos, produtores... Simplesmente não existiria nada passível de ser considerado uma cena cultural. Então, o poder publico tem credibilidade quase zero no meio que eu transito hoje".

Pylla:

"Na verdade o poder público nunca se preocupou com esse lado do artista. Por outro lado, o artista tem um grande defeito nesse ponto sabe. O artista não vai lá se impor, o artista não vai atrás. Então o artista tem que fazer mais. 'A Secretaria de Cultura não me dá'... Mas tu foi na secretaria, tu agendou uma hora? Tu pegou o protocolo, tu entrou? A gente tem que entrar no sistema, tudo tem um sistema. A prefeitura tem um sistema, então as vezes é lamentável que muita coisa não acontece na cidade em virtude de não haver a ação adequada pra tal situação, entendeu? E aí tu vê muita aquela do roqueiro querer protestar por dizer que protesta. Mas, tu foi atrás cara? Entendeu?

Eu acho que falta atitude, tomar atitude. O prefeito cara, que chamam de invisível, e ele é mesmo... Mas de vez em quando eu vejo ele na rua, e eu mesmo, várias vezes, abordei ele na rua, entendeu? E falei diretamente com ele, afinal é o prefeito da cidade. O presidente da Câmara (de vereadores) também, entendeu? Eu já abordei o cara na rua.' Aaah, mas se tu faz, como eu devo proceder? Aaah, faz isso que tu vai ser atendido'. E ai a cosia acaba

acontecendo entendeu? A gente tem espaço publico, mas a gente tem que saber a hora, tem que entrar numa regra, tem que pagar uma taxa. Infelizmente, o país rola em cima de imposto, a administração cobra imposto, e a gente tem que fazer parte do sistema, se não a cosia não vai acontecer".

Gustavo Garoto:

Pior ainda (o tratamento dado pelo poder público em relação às casas noturnas). Ele (poder público) não age. Somos invisíveis praticamente.

Vinícius Brum:

"*É fudido. Ultimamente, o que eu sei, o que eu tenho em mente, que me veio em mente agora é que o Theatro tem o projeto Palco Treze, o Palco da Cultura, que rola uma espécie de edital, que a galera se inscreve, apresenta um projeto e alguns são contemplados. Tem modalidades para teatro, música, enfim, que o Theatro cede o espaço aprovando o projeto tu ganha o Thatro, tem uma taxa que tu paga, mas tu pode fazer o que quiser. Pode apresentar um show legal em um espaço nobre da cidade, tradicional. Pra isso é o melhor, tem uma estrutura bem massa. E acho que tem a ver alguma coisa com a prefeitura. Mas, no mais, que eu saiba, Feira-do-Livro talvez, que é ligada a Secretaria de Cultura. No mais não tô ligado em mais nada de apoio da cidade, que se diz Cidade Cultura. No mais é a galera mesmo que cria os espaços aí, entre as bandas que tão a fim de mostrar o trabalho delas. As bandas que se unem e correm atrás das paradas. O espaço publico, muitas vezes, invés da prefeitura ajudar, atravanca. E é lamentável né, mas é isso que me parece"*

Leonardo Retamoso Palma*:*

"A gente teve a regressão de muita coisa, aumentou o controle, o grau de exigência, e não necessariamente tá ligada ao conceito de segurança, de melhoria, não necessariamente tá ligada ao conceito de responsabilidade. Mas ela tá voltada a um avanço maior de mercado enquanto exploração e dominação. Ela continua sendo alguma coisa que, de alguma maneira, o poder publico está atravessado por estruturas que são mafiosas, no seguinte sentido: quanto mais estruturado um grupo pra se beneficiar como maximizador de lucro, mais ele interessa ao poder público. Ai então tu tem um mercado partidário, um mercado da

especulação imobiliária, tu tem o mercado da especulação, da exploração dos espaços. E isso esta muito mais em sintonia com o poder público do que cultura, socialização, sei lá, valorização da vida, de buscar mesmo uma qualidade maior da cultura, da educação, da formação, em todas as áreas, todas as esferas. Então tu tem o sucateamento de tudo, tu tem uma desresponsabilização por uma parte do poder público naquilo que realmente deveria ser sua função. E tu tem uma voracidade nele de compor forças com essa estrutura que eu chamaria de mafiosa. Que é tudo em função do lucro, de maximizar, o máximo de vantagens. E acaba criando uma relação de benefícios e interesses que só aperfeiçoa aquilo que vai dar um desastre da Kiss".

Erick Corrêa:

"Pois é cara. Eu posso dar o exemplo da Tertúlia Nativista, que é um evento municipal, com dinheiro público, e que remunera quem conseguir passar uma música pra tocar no festival. É um festival que remunera realmente, tem grana, uma coisa meio direta do governo com a musica. Só que daí já é meio limitador, porque não é um festival de música, é de musica nativista. Mas não sei cara, não sei se o governo investe muito nisso. Não sinto muito. Se investe é meio mal divulgado, não me salta aos olhos os investimento público em cultura, direto. Tu vai ver a Concha Acústica lá, não tem iluminação, não tem energia. Me diz que espaço publico tem pro cara tocar, fazer um som de boas. Não vejo muito, e também não sei como é que funciona. Tem algum investimento municipal em escola de musica gratuita?".

Edson Kah:

"*A questão do local da radio, por exemplo, nós procuramos a Secretaria de Comunicação de Santa Maria. Levamos o nosso projeto pra eles, explicamos o projeto, explicamos qual a nossa necessidade – um espaço físico com internet e um banheiro. 'Aaah, não temos condições e a gente acha que vocês não tem nada para oferecer pra cidade'. Eu tenho isso escrito, consigo até uma Xerox (risos). Acho que nem tem mais nada pra dizer depois disso. Mas assim, em termos de comunicação, de radio, nunca nos ajudaram. Nunca. Nós estamos sobre nosso corres com as nossas pernas. Agora, com as bandas, vejo a mesma coisa. Os guris querem tocar no Itaimbé é uma burocracia do inferno cara, porque os caras não dão a lâmpada, não dão a extensão. Tinha o banheiro, os caras arrancaram. Então não tem ajuda*

nem suporte nenhum. Tudo o que tá acontecendo na cena autoral de Santa Maria é mérito das pessoas que fazem, não de nenhum órgão público".

Dadá Alves:

"*Hoje eu vejo uma troca de favores. O poder público tem seus eventos e precisa que tenha atrações – não tô dizendo que é ruim ou não – mas o poder público poderia investir muito mais. Isso poderia fazer parte de um circuito, de um processo. Porque hoje nós temos, basicamente, o Natal (do Coração, evento realizado pela prefeitura), com uma apresentação de Natal da praça que o poder público faz no final do ano e precisa de atrações. Ou seja, não é uma cosia que 'putz... Vamos fazer um processo legal, botar música na praça, música na locomotiva, vamos fazer determinados projetos'.... Pra que isso aconteça, normalmente, como era. Porque nós tínhamos uma Secretaria de cultura, uma Prefeitura atuante (na década de 1990). Tínhamos, claro, apoio de rádios também. Tinha eventos durante o ano todo, e um deles que ficou marcado foi o da própria Concha Acústica. Hoje não sei se acontece, se é possível acontecer normalmente com o auxilio do poder público. Porque pra mim...".*

Os passos incertos para a profissionalização do artista: a experiência pessoal de quem vos escreve.

Como é estar na cena de musica independente de Santa Maria na década de 2010

É batida a frase que fala "não existe fórmula para o sucesso". Mas de fato não existe uma combinação matemática de ações que comprovem e levem o artista diretamente ao ponto alto de sua carreira – a um grande show, a grande divulgação e reconhecimento de público e mídia, especializada ou não – ainda mais tratando-se do meio independente. Nos tempos atuais fazer música de qualidade é algo ao alcance de muita gente, que um dinheiro razoavelmente curto, consegue investir em um material de qualidade sonora, que pode ser veiculado e apreciado em redes sociais, na internet de modo geral, e também em veículos clássicos de comunicação, como é o caso da rádio. Mas, além disso, é preciso, no meio independente, pensar em todas as faces da divulgação para a consolidação do trabalho. Uma boa imagem, um bom release, um bom vídeo, uma postura ao vivo que condiz com a das redes sociais e vice-versa, e também autenticidade e presença – não só de palco, mas saber seu tempo, presença de um momento na narrativa em que vive e conta a sua história na música independente, no local onde se encontra. As estratégias são muitas e às vezes dão certo para alguns artistas, dando errado para outros, mas a tentativa sempre é válida, sempre é livre e, se feita com um planejamento, cuidado, profissionalismo, pode render bons frutos. E normalmente rende.

A valorização da música autoral como trabalho é, certamente, o primeiro passo para o profissionalismo. Tocar em bares, em casas noturnas, no momento de descontração das pessoas, faz com que essas não valorizem o trabalho dos artistas. Mas, como artista, o músico autoral, independente, é um trabalhador, que dedica seu tempo, seu suor, sua criatividade para a composição de um trabalho, que, se posteriormente virar um produto, deve ser tratado com o respeito e merecimento necessário. Isso envolve, primeiramente, o reconhecimento pessoal do músico, a valorização do próprio trabalho. Não é por que as casas não pagam devidamente o cachê que o músico deve aceitar isso numa boa, tocar por cervejas baratas ou ainda tocar de graça – quando não, muitas vezes, tem que pagar para conseguir tocar.

A conta envolve transporte, material, equipamento, tempo de serviço – além do tempo de criação e composição da obra de arte, no caso, a canção – e envolve uma série de profissionais, cada um em sua devida função, desde produtor até um possível figurinista para a apresentação. Porque tocar ao vivo, gravar um vídeo, gravar um som e lançar um material –

quando não é apenas um *hobby* de quem o faz – é algo que demanda suro e lágrimas, de alegria e de estresse, esforço e desgaste físico e mental.

Não é à toa que artistas consagrados, quando vão tocar em estádios, cobram valores absurdos para os ingressos. Além deles, existe um sem-número de profissionais trabalhando, profissionais que dependem do pagamento adequado de seu serviço para viver, e, em muitos casos, mesmo sobreviver. Mas, como esses artistas já estão consagrados pela grande mídia, já fizeram seu sucesso – e, quando o mantém, melhor ainda – não é nada pagar 100, 200, 300 e até valores mais altos para um ingresso, valores altos para CDs e todas as demais mídias possíveis.

Mas e o independente? Por que deve ser tão subvalorizado? Por que o público prefere pagar 20 reais para ouvir, a noite inteira, um mesmo tipo de música – e muitas vezes a mesma música diversas vezes e vezes e vezes na mesma noite – sendo reproduzida por um Pen Drive? E o reconhecimento e valorização do músico autoral e independente? Do artista?

Comecei a tocar ainda cedo – em relação à idade que tenho hoje, mas até meio tarde em relação a muitos músicos. Meu primeiro contato foi com um violão emprestado do meu amigo Felipe Hoppe (que tem o incrível apelido de Filé). O violão, por uma brincadeira idiota e um adesivo altamente bagaceiro é carinhosamente chamado Filézinho atualmente. É um violão feito para cordas de nylon, em que a gente – por motivos de infantilidade e rock nq roll – colocamos cordas de aço, o que gerou o forte empenamento do braço do instrumento. Mas foi nele que eu aprendi a tocar minha primeira música – Que País é Esse, do Legião Urbana – com 13 anos de idade. Depois disso foi um pulo para guitarra. Convenci minha a família de que realmente era isso que eu queria e que me fazia feliz. Foi ouvindo Skank que tive gosto pelo violão, e ouvindo Guns n' Roses que tive a paixão pela guitarra. Daí, nunca mais parei.

Então nós, que já éramos amigos – eu era colega do Felipe no ensino fundamental, mesmo período que conheci João (que era Rato, mas hoje é chamado só de Rat), que por sua vez foi meu colega no ensino médio. Período esse que, Filé conheceu Vagner (com outro incrível apelido, o de Margarida, pois veio da Escola Estadual Margarida Lopes) juntamo-nos com um baterista descoberto no “Monte Sua Banda”, site pertencente ao Cifra Club. Diego morava em Santa Maria, Filé e Vagner estavam, na ocasião, em Santa Catarina, na cidade de Jaraguá, terminando o estágio para conclusão de um curso técnico. Nos reunimos, primeiramente, eu, João, Felipe e Diego para um primeiro ensaio. No segundo, Vagner já estava junto e bem, daí as coisas nunca mais caminharam para trás. Nossa primeira apresentação foi em uma noite de Palco Aberto no Boteco do Rosário. Na mesma semana,

tocamos alguns covers em um dos festivais Nossas Expressões, que ocorreu nas quadras do Parque Itaimbé.

Mas após um tempo, Diego, por motivos pessoais, deixa a banda. Com a Velha reformulada, começamos a compor nossas primeiras músicas de arriscar nossos primeiros ensaios autorais. Com isso, a coisa foi evoluindo, assim como evoluímos, nós todos, como pessoas e também como músicos. Perdemos o preconceito musical, perdemos a rotulação de gênero e também começamos a experimentar mais, tentar mais, arriscar mais e, consequentemente, a tocar mais. O primeiro show completamente autoral foi no Festival Nossas Expressões de 2014, que ocorreu na Gare da Antiga Viação Férrea.

A banda ensaia na casa do Filé, pois ali existe um quarto onde cabe bateria, os instrumentos e os amplificadores. Com o tempo nós aperfeiçoamos isso, com equipamentos melhores, melhor qualidade para o ensaio, e mais liberdade para a criação. Certamente o estúdio caseiro de ensaio ajudou muito na criação e lapidação das canções autorais. E então a gente começa a se lançar, a querer tocar, e a querer alçar voos cada vez maiores.

É fato que demoramos a começar a gravar e lançar nossas músicas em qualidade aceitável. Tivemos, antes do trabalho excelente feito pelo Leo Mayer, algumas demos, gravadas em um estúdio de Santa Maria (Loung Studio), que serviram para os amigos conhecerem nosso som, a ponto de saberem cantar, e para nós mesmos termos mais auto critica e discernimento do que estávamos fazendo.

Descobrimos como as redes sociais são importantes, enxergamos que o consumo da música, atualmente, é outra história, é outro patamar, e que não vamos lotar o Wembley (Estádio) de Londres algum dia na nossa vida. Mas seguimos, produzindo, e ainda em 2016 lançaremos nosso primeiro EP, “O Show do Mundo”, com quatro faixas mais um bônus acústico cedido por Leo Mayer.

Nessa trajetória, conhecemos muita gente bacana. Eu me sinto muito bem, mas muito bem mesmo, por ter essa experiência e por batalhar por esse sonho – que, se sonhado sozinho, não passará de ilusão. Viver da música, nos tempos de hoje, se falando de modo de produção autora e independente é algo muito difícil. É muito suro, é muito empenho, e como já dito na série de reportagens aqui apresentadas, demanda muito estresse e força de vontade.

Mas, vale a pena, pelo contato, pela alegria de estar em um palco, pelas brincadeiras, por fazer arte. É incrível ver uma composição tomar forma, ver como as pessoas reagem a ela, e, no seu ponto máximo, como ela (a canção) toca nas pessoas. Porque, no fundo, é isso mesmo, pessoas.

Se não fossem elas, a vida de todos seria vazia – literalmente. E a música independente nos mostra isso. Dá-nos essa parceria e essa vontade de seguir nos sonhos. Claro que, às vezes, esses sonhos se mostram como pesadelos, nos assustam, tiram noites e nos deixam distante de pessoas e momentos que, de outra forma, também seriam bons, gratificantes e de uma recordação marcada para sempre.

Mas, nesse meio, aprendemos que nem só de parceria as coisas são feitas. Há gente querendo ganhar em cima de gente. Há mau-caratismo, há uma série de maldades que, em muitos momentos, parecem intrínsecas aos seres humanos. A música independente começa, muito, na valorização do artista pelos artistas. É quando o compositor, o cara que está vendendo seu trabalho – a música, o entretenimento, a arte – se dá conta disso que a profissionalização acontece. Porque a música independente deve ser, sim, por excelência, profissional, mas nunca amadora.

E essa linha é tênue, é perigosa e é difícil de ser distinguida e ultrapassada. Mas, no final de tudo, vale a pena. Vale a investida, vale o estresse, vale o suor, vale tudo que é feito. Valem os erros, o aprendizado, que levam aos acertos no meio independente. Em Santa Maria noto, não apenas como jornalista amante do tema, mas como músico amante da música, que as coisas são difíceis. É triste ver espaços destinando toda sua estrutura e energia – humana e elétrica – para festas manjadas, de música altamente midiática, pelo simples fato de que essas dão muito mais retorno financeiro para o local. O público parece querer, como diz meu amigo e vocalista João Pedro, sempre só “zoar”. “A galera quer curtir, quer zoar”.

Nessa zoação, as bandas perdem força e oportunidades, palcos e shows memoráveis. Sobre os espaços públicos e os cuidados dos gestores da cidade, acho que a fala de alguns entrevistados define bem tudo: descaso e displicência. A cultura, em um país como o nosso, é quase sempre mal quista pelas elites, pelos poderosos, por aqueles que podem fazer por terem condição financeira e de espaço. Chegamos ao ponto, em nível nacional, de um impeachment justificado e midiaticamente mostrado como ação de jogo de interesses. E, em 2016, temos um presidente interino que, logo nos primeiros dias de seu mandato, extinguiu o Ministério da Cultura – claro que não durou muito tempo, pois dessa vez a ignorância da população deu trégua.

Sobre o artista independente: tem que investir, tem que trabalhar e ter isso como prioridade – ou, ao menos, uma de suas prioridades – se não a coisa fica ao léu e acaba depois no esquecimento ou na memória frustrada de algo que poderia e não deu certo.

A todos os artistas independentes, sejam da música, do teatro, da poesia, das artes cênicas e visuais, nos resta união e perseverança, para que um dia, todo o trabalho chegue ao

nível de respeito e respaldo merecido. Às pessoas, o publico em geral, mais apoio, mais diálogo, mais vontade de ver o amiguinho tocando do que o pen drive a todo volume em uma casa noturna. E, a toda uma cena, resta caminhar sempre para frente, olhando para trás, para os lados, para cima e para baixo, buscando sempre a profissionalização do trabalho.

E sobre o amor de fazer isso? Bem, está na base de tudo. Se um dia necessitar ser buscado, é que algo começou mal, ou se quer deveria ter começado.

Onde começa a música independente: os relatos pessoais de outras pessoas

Ao longo de 2016, todo o trabalho aqui foi pensado, estruturado e colocado em prática. Os momentos, em sua grande maioria, foram especiais, e proporcionaram um conhecimento e troca de conversas que serão quadros existentes para sempre na parede da memória – e essa bela analogia não é minha, sim do mestre Belchior. Foi aí, nas entrevistas, que senti que estava fazendo a coisa certa, independente do respaldo que tudo um dia terá, as entrevistas valeram para a minha vida, não como músico, não como guitarrista de uma banda nem como jornalista.

É claro, que, tanto como jornalista quanto como músico elas me acrescentaram muito, muito conhecimento e diversidade, mas é no âmago da coisa toda que elas aparecem como essencial. As entrevistas valeram para minha vida, para experiência e aprendizado como ser humano, e passaram, a cada conversa, troca de olhar, silêncio e gestos feitos, uma infinidade de símbolos, de memórias e de outras vidas. Foram, com certeza, o mais importante de todo o trabalho, que envolveu uma série de outras coisas e de pesquisas, mas que, em nenhum momento, se igualam a experiência de sentar, conversar e, mais que tudo, aprender.

Nas entrevistas, uma pergunta foi feita em geral, para qualquer um dos entrevistados e entrevistadas. “Qual o ponto de partida para a produção musical autoral e independente?” será agora, respondida pelas palavras de todos que participaram das entrevistas.

Renato Molina:

“Tem dois vieses: o do prazer e o da sobrevivência. O viés do prazer é tu ter consciência que é isso que tu quer, esse é o teu gênero musical, é isso que tu gosta, é isso que vai te fazer bem, e é isso que tu tem consciência que tu pode fazer bem feito. E o viés da sobrevivência é o que tá aí, os caras se vendem para o sistema. Faço o que me der grana, o menor espaço de tempo possível. É algo fugaz. Pelo menos é algo que eu entendo no mercado maisntream (“corrente

principal", pensamento da maioria. No caso se encaixa com a grande mídia) brasileiro. Você se lança, tem até dois anos pra tirar dinheiro com aquele primeiro trabalho. Você não precisa se importar em fazer um disco por ano. No momento que você estourar, todo mundo querer ver você, sair em todos os programas – salvo de canais fechados – tu vai sair fazendo show por tudo que é lugar no pais e botando grana no bolso.Não é teu clipzinho, teu CD. É o teu show. Enquanto a grande mídia estiver sustentando tua imagem lá,, dizendo que tu é o cara, tu vai poder cobrar o que quiser.No momento que tu sair de cena, porque tem um outro que é melhor que tu, segundo a grande mídia, teus shows vão começar a diminuir. Tu vai cobrar menos, mas tu tem uma infraestrutura pra manter. Eu acho que hoje o independente é bem melhor que antigamente. Porque tu tem o YouTube, Vimeo, o que for, e tem um monte de gente que vai acessar, que tu não tem controle. Mas, isso te abre portas. Tu não vai ser o cara da novela das oito, do Faustão, do Raul Gil. Mas tu vai ser um cara que vai aparecer com um trabalho, fazer shows em alguns lugares, a um preço compatível. À medida que tu for trazendo mais trabalho, fazendo referencias, tu vai tocar em teatros pequenos, vai começar a angariar admiradores. Admirador é diferente do fã. O fã é insano, como ele é fã hoje, amanhã ele não é mais. O admirador é cara que houve, processa, e percebe que existe alguma coisa, subjetividade, entre teu trabalho e ele. E ele vai te ter como referência .Isso faz com que tu tenha certa plenitude, não no topo, mas mediana, onde, daqui a pouco, quando tu menos esperar, pode um produtor resolver pegar e jogar (comercializar, expandir, dar visibilidade").

Paulo Ricardo:

"Cara, acho que é a veia artística. Se o cara não tiver no sangue dele, não é aquela vontade, conhecimento e, de repente, não beber daquela fonte... Não dá certo. Tem muito musico bom, com a banda super legal, e teu guitarrista é fraco. Ai o cara é o melhor da cidade, mas não roqueiro, ou não é da vibe daquela banda. Pô, uma banda tradicionalista e tal, troca o guitarrista que é o melhor do estado. Mas o cara toca outro tipo de musica, e não vai se adaptar, não vai efervescer no coração dele aquele momento que ta passando. Acho que é essa veia, essa veia artística. É o sentimento. Tudo é sentimento nesse mundo, não é? Acho que na musica também. Se não tiver sentimento a coisa não rola".

Agnaldo Gomes:

"É uma pergunta interessante essa... Ela começa a partir do momento que tu começa a criar, que tu começa a compor. E tu consegue, digamos assim, achar parcerias que compram essa tua ideia. Que, de repente, tenham alguma cosia a acrescentar nessa tua ideia. E juntos, como um grupo, se chega numa ideia comum, e se começa a compartilhar isso com outras pessoas. A partir daí tu já ta começando a fazer alguma coisa independente".

Leonardo Gadea:

"É a verdade das pessoas, eu acho. A verdade que a gente, em SM, a gente precisa cantar a esperança, o amor. Precisa cantar a empatia, a igualdade social. As pessoas precisam ouvir mais sobre isso. E essa é a verdade que precisa ser dita eu acho. Desde a tragédia (da Boate Kiss) e tantas outras coisas que tem acontecido no mundo. Da política, das guerras, da morte dos índios, do descaso com o ser humano. O que fizeram com os negros. O que fizeram com as mulheres, fazem diariamente com as mulheres. Acho que nessas verdades cantadas, assim, se encontra o marco de uma era, que a galera precisa dizer isso agora, porque isso precisa ser transformado. Porque isso precisa ser ouvido, dito, sentido pelas pessoas. E a musica causa sensações, ela te arrepia porque te significa. Conhece alguém que nunca ouviu musica? Não existe, né? E o artista tem esse papel, por isso é importante Le ter muito cuidado com o que ta fazendo. Porque é política, é social, é um ensino. A música é uma escola .Eu acho que o ponto de partida são todas essas verdade que a gente ta vivendo atualmente. E o resto é trabalho. Trabalhar pra se tornar acessível, pra projetar. Porque a gente quer que o povo nos escute, as pessoas nos escutem. Pra gente transformar a cabeça dessas pessoas, a gente tem que estar acessível. E é trabalho. O ponto de partida é a verdade que precisa ser dita, sobre todas essas preocupações. A música regional talvez esteja meio atrasada ainda nisso, porque é saudosista, tradicional. Mas a música... Cantar o futuro, o que a gente espera, a nossa expectativa. Eu acho que ela vai marcar época. Que é o que acontece com a Comparsa Elétrica".

Vinícius Bertoldo:

"O ponto de partida é a canção, né? A ideia que faz a canção. Cara, se tu tiver uma canção boa, um violão que afine razoavelmente bem e um celular, já tá... Tu vai receber carinho, apoio, sorrisos, palmas, talvez um pouquinho de oportunidades. Um microfone de dois mil

reais adiciona muito pouco nessa equação. Um Hammond Clássico de 30 mil reais adiciona muito pouco nessa equação. Tenho um amigo meu, o Erick, da Quatro Cantos, o cara volta e meia tá em casa e eu recebo pelo WhatsApp um áudio dele de dois, três minutos. E eu sei que lá vem uma pedrada. Ele encontra uma placa na rua, faz uma canção – tem um lado meio McCartney assim – faz uma canção bonita e me manda o brutão mesmo. Eu queria ter tempo e dinheiro pra produzir cada uma daquelas conforme é pra ser. E daí as vezes eu cruzo com gente que tem história, aparato, técnica, vontade, talento e não tem a canção. Aí complica. O cara vem aqui gravar comigo, as vezes tá preocupado se lá pelas tantas o violão escapou uma notinha do dedilhado, e o músico tende a vir no estúdio procurar isso. A sua execução ali, inconsistência na sua performance e coisa e tal, e achar que isso importa. Isso é uma migalha cara, o que vai te levar pra um lado ou pra outro é uma canção, e dentro de uma gravação o brilho no olho, tá ligado? Tu pode vir aqui determinado dia gravar um violão com uma música tua e ficar uma merda, e se tu tivesse vindo um dia antes ou um dia depois ela ficaria incrível por causa da raiva daquele momento. Essa é a função do talento. O dom de escrever as grandes músicas é uma arte meio que inata né, meio que permanente, agora a tua performance é até meio caprichoso, as vezes dá, às vezes não dá. Conheço músicos que vem aqui despreocupadamente e dão uma aula. O cara termina de gravar o violão com o microfone parado na frente dele e tu tem um som cheio, certo, a força com que ele bate fecha com o timbre que se espera daquele violão. E a voz fraqueja quando é hora de fraquejar, ou mostra força se a coisa pede. E é momento. Seria bacana que pudéssemos tentar de novo e de novo, não com vários takes um atrás do outro. O ponto de partida é a canção... Eu acho que...O Rock perdeu ao longo da história as estribeiras. Enquanto num progressivo a técnica e a psicodelia esteve a serviço de grandes canções, tivemos obras primas. Quando essas coisas todas vieram em primazia sobre a canção... o exemplo nacional específico é Mutantes, que já ficavam lindas no violão, já ficavam lindas só na voz. Com o tempo quando o clima não funciona mais entre eles... Nesse momento o Liminha já é um excelente baixista, o Arnaldo tá comendo pelos teclados, o Sérgio Dias se torna um virtuose na guitarra... e ao meu ver os discos são chatos. É um desfile de acontecimentos musicais que, se o cara é tecladista, guitarrista, é músico, nota as peripécias e, ao entendê-las, gosta delas. Mas pro cara que senta pra curtir um som é uma chatice. Não há o porquê daquilo tudo tá acontecendo. A canção é o essencial. E a partir daí, filho, é importante tu conseguir gravar com clareza, ter uma boa performance. Se tu conseguir divulga-la bem, é importante. Ter amigos que te coloquem nos lugares é importante. Mas, tudo isso, sempre começando com uma canção foda.

Marcos Barcellos:

"Cara... Putz... Meu, tu tem que ter capital pra isso. Porque tu conseguires apoio é bem complicado. Tem um cara, que toca aqui inclusive, que é o Tarciano. Ele é um cara que eu admiro muito, que tem musicas autorais, e ele acredita naquele estilo musical dele, faz um som de qualidade, o cara é bom, letras sensacionais. Mas ele trabalha, tem uma carreira profissional. E parte dessa carreira profissional, com o paio de amigos que acreditam no trabalho dele, ele conseguiu fazer um CD. Realizar um trabalho. E ta correndo atrás, divulgando. Ai eu entrevistei ele, que disse que não tem isso como fonte de renda, mas que faz como hobbie, prazer. E lamentavelmente, o que o cara faz por prazer, deveria ser a profissão do cara. Pela qualidade musical, deveria ser valorizado, muito bem pago... Apreciado o trabalho. Aí, o cara tem que ter a fonte de rende e apoio de amicíssimos dele que acreditam no trabalho e ajudam ele a elaborar o trabalho. Então é paradoxal. É a exceção qeu confirma a regra. Não sei ele como profissional na área de Administração, que ele é formado. Deve ser bom, não conheço. Mas como musico, posso te dizer que o cara é bom, o cara é ótimo. Mas ele tem como hobbie, o que de repente ele é melhor do que em Administração. Ele pode ser melhor músico que ADM. Mas tem a música, a composição como hobbie, prazer. Claro, temos que desempenhar nossa função com prazer. Mas ele não pode ter isso como fonte de renda... Bah, o cara tem que ter capital. Tem que ter pessoas que acreditem, pessoas conhecidas. Porque infelizmente, assim como as radio, como disseminou pro carro do magrão que passa, disseminou pro lado empresarial. Então o cara não vai investir, apostar no som que poucas pessoas gostam. "não vou apostar nesse cara porque ele faz um som que meia dúzia de pessoas gostam. Vou apostar na motinho, bicicletinha, bumbum, que vendem mais. E vai aparecer mais a minha empresa". Olha, extremamente difícil. Infelizmente tu tem que ter um capital próprio, ou amigos amicíssimos que te ajudem a realizar o teu trabalho. E depois de tudo isso, tu tem que correr atrás pra divulgar esse trabalho, e continuar se mantendo. É bem complicado".

Selma Bittencourt:

"Ponto de partida é tu ter verdade naquilo que tu ta propondo a fazer. O ideal seria tu ter essa verdade enquanto artista, e a partir daí procurar auxílio, profissionalizar, estudar, ficar cada vez melhor dentro da tua verdade. Procurar sempre evoluir, não perdendo o foco que tu quer dizer e mostrar, se fores persistente, tu pode não encontrar agora a auxilio pro teu trabalho, mas amanhã pode".

Yuri ML:

"Ponto de partida?... É a vontade, velho. A vontade. Vontade cara, vontade. Eu to vendo os EntreAutores, cara. Domingo fui numa edição filmada, a quarta edição filmada, se não me engano, e foi lá no Atelier casa 9. E cada edição filmada do entre autores se apresentam 06 compositores, ou compositoras, e cada um deles apresenta dois sons. E é gravado, se monta um cenário, e galera filma e capta o áudio, e capta o vídeo. E, cara, tem pessoas ali que não são grandes intérpretes. Se perdem um pouco na hora de executar, mas são assim, antes de qualquer coisa, compositores. E mais, independente de ser bom ou ruim, eles tem força de vontade de 'não, tenho esses dois sons, vou arranjar, vou me inscrever, vou ir nesse convívio. Vou dizer: quero tocar'. Essas duas músicas vão ir para o canal do YouTube, que tem alguns inscritos, algumas milhares de visualizações. E vai ao lado de artistas como Luciano Maia, que gira toda a Europa tocando gaita. Do lado do Pirisca Greco, que tem todo seu currículo de artista no Rio Grande do Sul e fora dele também. Tocou duas vezes na china, na Europa. A Rosaura Martins também, que a menina é compositora aqui e ta lançando seus primeiros temas, vai ta ali com vídeo, no mesmo canal do YouTube. O que que ela tinha? Vontade, mano, de mostrar o som, de se expressar. Se a musica for boa, até o vídeo do celular com o violão desafinado serve. Se a musica for assim, aquela música. No fim das contas se resume a isso ainda velho. A arte. A arte apesar de todos seus nuances burocráticos, técnicos, conceituais, é a arte velho. É o artístico. É aquela coisa subjetiva do ser humano que a gente não consegue descrever, mas a gente sente, se emociona, se arrepia. Que cada um só pode fazer da sua própria (maneira). É muito loco, é muito loco cara".

Atílio Alencar:

"Necessariamente você trabalha com um tipo de romantismo ao trabalhar com isso (música independente), porque aposta que isso é uma realização plausível, que as pessoas vão aceitar e que vai ser sustentável pra você de alguma maneira, embora sem fazer muitos cálculos. Se você para pra fazer cálculos as vezes descobre que não é. Mas eu acho que pra uma cena na cidade como Santa Maria, por exemplo, isso exige um pouco da inteligência coletiva articulada. Espero não estar sendo evasivo, mas o que quero dizer é que, obviamente, deve existir a música, alguém que faça ela e tal. Mas dessas pessoas que fazem a música, parta uma atitude de percepção, de preocupações diferentes, que não são meramente musicais. Perceber o publico, qual o publico, por que tem publico, aonde vai o publico. Não pra você

acomodar a estrutura, mas até pra você inventar suas convicções. E cara, fundamental assim, não tem lema pra mim na música que tenha superado a inovação ética do punk. Faça você mesmo, embora eu ache que a adequação dessa expressão pros dias atuais seria um pouco mais coletivo. Façamos nós mesmos, é mais nesse sentido, não é tão liberal individual, mas que seja também. A pressuposição da autonomia do trabalho de criação, independente de relações que já são estabelecidas, é base pra você tentar fazer alguma coisa no sentido de produzir, gerar material, atingir público, formar uma cena, mobilizar uma pequena comunidade, que seja, em torno do que você ta fazendo. E se organizando paulatinamente de acordo com o que a ordem realidade te oferece. A teoria pouco serve antes disso. Eu acredito muito pouco em duas coisas: no tutorial pra produtores, músicos, enfim. E em uma certa distinção meio tecnicista da produção que separe as pessoas que são altamente capacitadas de outras. Eu já vi gente que mal sabia ligar um fio numa tomada conseguir organizar coisas muito interessantes. Então eu acho que tem outros contextos que determinam isso. Não necessariamente a formação, até porque pra se formar como produtor cultural, você tem que trabalhar, e como músico você tem que tocar. Não conheço outros percursos pra isso. Então acho que a articulação entre publico interessado, por menor que seja, 20 pessoas, 15 pessoas, uma comunidade original se une em torno de um projeto. Uma banda de certa forma, um músico, artista, coletivo ou individual que dialogue, estabeleça vínculo com as demandas públicas, expectativas do público. E a interferência pública. É o perder o medo de fazer política. Não partidária né cara, to falando do intervir socialmente sem o complexo de inferioridade. Você é musico, é um produtor, e o que você faz é fundamental pra que a cena cultural da cidade respire. Você tem que se posicionar politicamente, tem que exigir, tem que levantar questões, politizá-las, convidar as pessoas, provocar as pessoas pra entender o que esta acontecendo na cidade. A opinar sobre os fenômenos musicais da cidade. Tenho uma perspectiva meio cidadão do próximo, sabe. Política mesmo, acho que não consigo dissociar. Pra mim uma produção cultural não é só uma questão profissional, financeira, é uma questão política. Poder anunciar coisas sobre a realidade cultural da cidade. E acaba sendo um pouco do jeito como enxergo esse ponto de partida como tu fala.

Márcio Grings:

"No meu ponto de vista, é simplesmente botar a mão na massa, compor uma música. Eu acho que esse é o grande lance. Antes de qualquer, coisa tu tem que ter uma música, a partir disso tu tem matéria prima e tu vai pensar como gravar aquilo. Esse é o grande símbolo da magia

de fazer som. É compor. Eu acho que às vezes o processo é mais bacana inclusive do que gravar. No meu ponto de vista é isso"

Pylla:

"Eu acho que tem uma coisa espiritual aí. Querer não é poder. É a coisa do pastor, não sei por que ele diz na igreja "eu recebi de Deus a missão, em uma noite, eu me converti". Tem umas coisas que não adianta tu querer meu velho, entendeu? Tem que vir espiritualmente. Se espiritualmente tem querer junto, e aquilo faz sentido, mãos a obra, como diz Márcio Grings. E vai, vai e não desista. A persistência é tudo. Às vezes não da na primeira, às vezes não da na segunda... Talvez de na quinta, talvez de na décima. Mas tu tem que estar espiritualmente sentindo isso. Eu costumo dizer que usar uma calça rasgada hoje é muito fácil. Eu chego ali na loja tem uma calça rasgada, um tênis judiado. Não, eu usei calça rasgada porque a calça se rasgou como tempo. O meu tênis era furado, o All Star, porque eu não tinha dinheiro pra comprar outro. Meu cabelo era comprido porque não tinha dinheiro pro cara cortar também. Isso foi uma coisa muito fascinante na minha vida cara. Porque eu fui tomar Coca-Cola e entrar pela porta da frente de um clube quando eu comecei a fazer rock n roll e vi que poderia sobreviver disso. E que socialmente iam me ver diferente. Se não tomava Cyrillinha (refrigerante fabricado em Santa Maria desde 1910, como constava em seu rótulo), Grapette (marca estadunidense de refrigerantes de uva e framboesa), que era mais barata. Houve um tempo em que a Coca-Cola era uma fortuna. A Pepsi Cola tinha um valor diferente da Coca-Cola, a Grapette também, que era mais barata que a Cyrillinha. Então isso aí é uma coisa fantástica. O que a gente viveu... Eu tenho muito orgulho que eu fui reconhecido socialmente de entrar num clube pela porta da frente e tomar uma Coca-Cola gelada, quando eu comecei a cantar rock n roll".

Gustavo Borges:

"No momento que se inicia uma canção. No momento que se faz uma canção, tu pode gravar ela, pode trabalhar. E daí tem muitas camadas de trabalho nessa cebola aí. Tem camada de mídia, como tu vai lançar, como tu vai distribuir digitalmente, como tu vai lançar tua imagem, como vai ser teu nome artístico, como vai ser gravado, onde vai ser gravado, como vai ser distribuído fisicamente, onde você vai lançar. Tem um trabalho imenso de produção. Porque é um produto, a música é um produto, ela é comercializada. Se tu não encarar dessa

forma, se é um mero prazer, e se tu for dentista e quer gravar um som, tu vai lá e grava, lança num bar. A partir do momento que tu tem uma canção, tu pode ser um artista".

Vinícius Brum:

"Tem diversas maneiras né. Eu creio que trabalho caseiro, gravações caseiras. O cara que sabe mexer com gravações, e produz o próprio material né, registros de gravações mesmo, de áudio, até vídeo. Tem galera produzindo assim, e se virando mesmo, porque em estúdio profissionais tem que catar muito pra chegar num material razoavelmente bom pra chegar no mercado. Eu, ultimamente, tenho ate tido uma visão meio pessimista da coisa, não to botando muita fé assim. Talvez, quem sabe daqui um pouco, o rock volte pra moda, quem sabe dai a coisa melhore. Mas não vejo numa perspectiva muito boa assim".

Leonardo Retamoso Palma:

"Acho que duas coisas. O cara se levar muito a serio na sua expressão. Ter sensibilidade pra sacar o que faz. E uma sintonia legal com seu público. Sacar porque ele consegue atingir o público, onde ele consegue atingir o público, e onde ele participa mesmo na formação desse público, em todos os sentidos. Às vezes numa referência de postura, da mensagem que veicula, da produção estética mesmo enquanto estilo, estilo de vida, estilo de mundo, interação com o mundo. Como o cara se posiciona, como ele olha pro mundo, como ele sente o mundo. Acho que isso é fundamental assim. Se isso atravessar a produção, estiver presente... Eu acho que as melhores coisas que a gente ta vendo acontecer na cidade, consciente ou inconscientemente, elas tão ali. Eu não acho que ta funcionando ali onde é só um projeto de marketing. Isso tem vida curta, essa artificialidade se apresenta e isso não ganha consistência nem intensidade. Só a modelagem racional de uma produção nessa escala não é suficiente. Ela vai ter que ta atravessada por um tipo de trabalho que é de sensibilidade, de percepção, de interação. Ele é comunicativo, ele é de inteligência mesmo.E eu acho que inteligência não tá relacionado ao paradigma da consciência. Há um tempo tinha a ideia da racionalização. Tem coisas que eu mobilizo que eu não tenho a menor consciência do que mobilizo, por melhor e pro pior (risos).

Erick Corrêa:

A minha visão é de compositor né cara. Como compositor, é uma parte do tema, sobre o que eu vou falar, porque vou falar aquilo, pra quem vou falar, o eu aquilo vai fazer com a pessoa. O que aquilo vai mexer, de que forma mai mexer com a pessoa. E daí a minha visão é mais ou menos essa. Quando eu componho eu tento escolher um tema que eu sinto que é carente de atenção. Ou que tenha alguma coisa que ta errada ali, que tão fazendo errado, que não é daquele jeito, que tem uma forma melhor. E eu parto disso. E isso, da composição, segue todo o resto. A partir da composição tem como vou gravar, se vou gravar, se vou distribuir, se vou mostrar. E no momento to fazendo minhas coisas com o Vini, por enquanto. Mas eu quero juntar mais gente assim. E o Vini é uma produtora independente né, então o cara acaba juntando coisas independentes pra somar no projeto. A minha contribuição é a composição, eu tenho ideias de arranjo, mas quero que essas pessoas colem na minha musica e façam da minha musica, delas também. Colaboram pra isso. Então alguém vai ter que gravar o baixo, pra mim, embora eu toque baixo mais ou menos. Alguém vai ter que gravar a guita pra mim. Se PA alguém vai ter que gravar a minha musica. O meu papel eu acho que é esse, como compositor. Eu me enxergo assim, mais que intérprete, artista, instrumentista.

Edson Kah:

Cara, o ponto de partida, eu acho, sinceramente falando, é tu ter humildade. É aprender a questão musical da coisa, ter laços de amizades – que tu consiga laçar o teu trabalho também, como tava falando dos lances de permutas, que são amizades que vão fazendo a cosia funcionar. E procurar focar naquilo que tu quer fazer cara.

Meu, tu quer ter uma banda, beleza, trabalha em cima. Por exemplo, nós aqui na radio é assim. Eu, o Cabala e a Ciça – agora um pouco menos porque ela ta trabalhando, mas ela adora fazer radio e é da comunicação fizemos isso. Eu to sempre ouvido rádio, Rádio Guaíba, Rádio Unisinos que é uma radio muito foda. Tem radioweb de Caxias muito foda também. Então gente ta sempre ouvindo pra aprender, como que se faz, como não faz, o que da certo, o que não dá. Porque é um tipo de trabalho que tu tem que ta se adaptando, a internet, e todo dia uma coisa nova. Então tu tem que se dedicar cara, se dedicar a isso como profissão mesmo cara. Tu quer ter uma banda velho, tu não vai ter uma banda pra ficar bebendo e fumando no sofá o dia inteiro. Um dia o bicho pega né? Então, cara, vai estudar, estudar guitarra, baixo, batera, sei lá. Te profissionaliza. A gente ta vendo uns caras aqui de SM, não vou falar nomes, mas de bandas que os caras tão foda, tão correndo, escrevendo

edital, fazendo festival, pegando uma grana já, fazem show e cobram. Então, meu, tu tem que focar. Foco.

Dadá Alves:

Bom gosto, coragem, musicalidade – que eu acho que é fundamental tu ter a musicalidade – e já falo, pra que de certo, bom gosto e coragem. Acho que muita gente não faz por não ter coragem, não ter iniciativa, não sei. Sou de uma geração onde a coisa demorava mais, os acessos a isso eram mais complicados. Hoje não, hoje a gente vê que é uma formula muito mais rápida, muito mais acessível de fazer, tu botar a funcionar. Naquele tempo tinha que marcar hora de estúdio, chegar no estúdio pronto, e ficava horas e horas tentando fazer, gravar uma música. Hoje acho que a coisa é mais simples, quando digo em som de gravação. Em questão de bom gosto, de fazer um trabalho de musicalidade, um trabalho final que tu deixe tinindo. Mas eu acho que os acessos são mais fáceis. E acho que a questão de coragem, bom gosto, musicalidade, vontade de fazer e distribuir e botar a cosia a rodar, e caminhar. No nosso tempo acho que não tinha muito isso, hoje acho mais fácil. Não mais fácil, mais acessível. Se tu não tiver bom gosto também não adianta nada. E acho fundamental que o trabalho autoral, pra quem quer ter uma carreira, justamente independente. Porque não adianta sair por ai com um trabalho que tá todo mundo cantando, de ser mais um que ta cantando o que tá todo mundo cantando. A diferença é que tu vai cantar melhor ou pior que o outro que ta cantando a mesma coisa que tu. Acho que é fundamental pra quem quiser ter um trabalho independente, tu ser autoral, fazer acontecer a coisa.

Cláudia Rocha (formulário por e-mail):

Definir bem onde se quer chegar e correr atrás de realizar o que é necessário para alcançar o que deseja. Mas novamente reforço que não é a minha área de atuação. Eu sou da parte da organização do evento, da estruturação e segurança dos ambientes onde os eventos se dão. Não tenho experiência em carreiras de bandas.

Links complementares à pesquisa no arquivo do Jornal A Razão (1990-1999) e às entrevistas realizadas ao longo do trabalho

Durante o processo, foram realizadas 20 entrevistas, com os nomes e citações que já aparecem nesse trabalho. Mas, seria impossível, mesmo por questão de memória, conseguir dos entrevistados todos os dados e números precisos para a boa reportagem. O foco, como já dito, são as pessoas, mas como o que se pretende são textos fidedignos e o mais próximos possíveis da exatidão, foi necessário recorrer às plataformas digitais. Além disso, pelo tempo dado à realização do Trabalho de Conclusão de Curso, seria impossível entrevistar todas as pessoas que aparecem, nem que seja apenas com o nome integrando uma banda, nesse trabalho. E seria, também, um erro deixar de fora bandas, locais e –principalmente – as pessoas responsáveis por tudo isso.

Assim, tornou-se necessária a pesquisa em redes sociais, nos canais disponíveis hoje na internet, em plataformas diversas e em sítios digitais variados, para uma precisão e exemplificação maior do que se fala. As datas, o número de músicas, o nome de integrantes, localização de bares, clubes, e enfim um grande punhado de informação, estão na internet, e nela foi necessário debruçar-se, ler e reler, para que o conteúdo das reportagens fosse o mais fidedigno e preciso possível.

Aqui estão listados os links acessados durante a pesquisa para a escrita das reportagens, separados por assuntos. Lembra-se também que esses links foram acessados ao longo dos meses de outubro e novembro de 2016, período em que estavam ativos (caso, em um futuro próximo ou distante) não estejam mais disponíveis.

AVENIDA TÊNIS CLUBE
http://atc.esp.br/institucional/
http://atc.esp.br/institucional/historia-do-atc/

BANDAS
Âmago
https://www.facebook.com/pg/bandaamago/about/?ref=page_internal

Apoteom
http://tnb.art.br/rede/apoteom

http://www.brasilmetalhistoria.net/2014/04/apoteom-alienation-2013.html

http://www.arazao.com.br/colunistas/marcio-grings/3876/apoteom-leva-paper-god-ao-palco-mais-nobre-da-cidade/

https://www.facebook.com/Apoteom-268455893272350/

https://www.facebook.com/pg/Apoteom-268455893272350/about/

https://www.facebook.com/pg/Magma-Produ%C3%A7%C3%B5es-e-Eventos-728664787180115/about/?ref=page_internal

http://www.msmetalagencybrasil.com/ptbr/selos/

https://www.sympla.com.br/apoteom---lancamento-do-cd-paper-god-06082016-19hr__76209

Brinquedo Velho
https://brinquedovelho.bandcamp.com/releases

https://www.facebook.com/pg/brinquedovelho/about/?ref=page_internal

http://conhecaminhabanda.blogspot.com.br/2014/08/brinquedo-velho-santa-mariars.html

http://www.rockgaucho.com.br/bandas/brinquedo-velho.html

https://www.youtube.com/watch?v=6_cv5nHTQhE

BUENO
https://www.facebook.com/pg/bandabueno/about/?ref=page_internal

https://www.youtube.com/watch?v=JIhPHOqMtHg

Camaleão e os Bichos do Mato
https://www.facebook.com/camaleaoeosbichosdomato/?fref=ts

Comparsa Elétrica
http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2016/11/comparsa-eletrica-e-equipe-celebram-distincoes-do-premio-acorianos-de-musica-8139891.html

https://www.facebook.com/pg/pirisca.grecco/about/?ref=page_internal

Fúria Rock Paulera
http://tnb.art.br/rede/furiarockpaulera

https://www.facebook.com/pg/furiarockpaulerapesadoafu/about/?ref=page_internal

Geringonça:

https://soundcloud.com/viva-geringonca

https://webfestvalda.com.br/2016/internaBandas.php?id=1156

http://www.vivageringonca.com

Guantánamo Groove
https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/886600894729097/?type=3&theater

https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/719981511391037/?type=3&theater

https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/868325986556588/?type=3&theater

https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/971927919529727/?type=3&theater

https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/983336918388827/?type=3&theater

https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/996542647068254/?type=3&theater
https://www.facebook.com/GuantanamoGroove/photos/a.429226443799880.101121.429222313800293/1157411910981326/?type=3&theater

https://www.facebook.com/pg/GuantanamoGroove/about/?ref=page_internal

Human Plague
http://humanplaguemetal.bandcamp.com/

http://www.rockgaucho.com.br/bandas/human-plague.html#release

http://allthatmetal.blogspot.com.br/2013/06/human-plague-lancado-o-primeiro-single.html

https://www.facebook.com/pg/HumanPlagueMetal/about/?ref=page_internal

Leo Mayer (competição de mixagem)
https://www.indabamusic.com/opportunities/puremix-mixing-competition/submissions/09cd4250-0027-11e6-bfcf-0e3dc18e16fd

Litoral Mente
https://www.facebook.com/pg/Litoralmente/about/?ref=page_internal

Lugh Celtic Punk
http://tnb.art.br/rede/lugh-cp

https://www.facebook.com/pg/celticlugh/about/?ref=page_internal

Nocet
https://myspace.com/nocet/music/album/bullets-5855016

http://revistamovinup.com/artigosespeciais/entrevistas/2008/nocet-20-anos-de-rock-n-roll

http://whiplash.net/materias/news_888/071526-nocet.html

https://www.facebook.com/pg/nocet1989/about/?ref=page_internal

http://www.rockgaucho.com.br/bandas/nocet.html

Pegada Torta
https://www.facebook.com/pg/pegadatorta/about/?ref=page_internal

https://www.youtube.com/watch?v=qFSmSNq-5aY

Pylla e banda Pylla C14
http://pyllac14.blogspot.com.br/

https://www.facebook.com/pg/PyllaC14/about/?ref=page_internal

http://pyllac14.blogspot.com.br/p/biografia.html

https://www.youtube.com/watch?v=2uSqL344xEo&index=6&list=PLGjL6EmmOkGGfYcSb635O0VFvIduqDspF

https://www.letras.mus.br/pylla/discografia/pylla-canta-25-anos-de-rock-santa-maria-2008/

http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2014/11/a-historia-de-pylla-um-iconico-rockeiro-4652865.html

http://www.gringsmemorabilia.com.br/2016/06/resenha-pylla-c14-la-de-volta-outra-vez.html

http://www.gringsmemorabilia.com.br/2016/07/porque-o-lancamento-de-la-de-volta.html

http://www.arazao.com.br/noticia/78128/pylla-do-rock-e-de-santa-maria/

http://www.rockgaucho.com.br/noticias/banda-pylla-c14-lanca-box-cyclus.html

https://www.youtube.com/watch?v=HRKof8P8XtA

Quarto Ácido
https://www.facebook.com/pg/quartoacido/about/?ref=page_internal

Rinoceronte
http://whiplash.net/materias/news_811/210354-rinoceronte.html

https://www.facebook.com/rinoceronte/?fref=ts

https://www.facebook.com/pg/rinoceronte/about/?ref=page_internal

Sangue da Pedra

http://sanguedapedra.tnb.art.br/

https://soundcloud.com/sangue-da-pedra

https://www.facebook.com/pg/sanguedapedrarocknroll/about/?ref=page_internal

Southern Savage Souls
https://www.facebook.com/pg/SouthernSavageSouls/about/?ref=page_internal

https://soundcloud.com/southernsavagesouls

http://tnb.art.br/rede/southernsavagesouls

Spit Metal
http://heavynrollspace.blogspot.com.br/2014/11/resenha-spit-afterall-ep-2014.html

https://www.facebook.com/pg/SPIT-Metal-270578759726058/about/?ref=page_internal

https://soundcloud.com/spit-heavy-metal-band

http://tnb.art.br/rede/spitheavymetal

http://spitmetal.bandcamp.com/releases

Three X
https://www.facebook.com/pg/bandathreex/about/?ref=page_internal

The Césaros:
https://www.facebook.com/pg/TheCesaros/about/?ref=page_internal

Tia Sú
https://www.facebook.com/pg/bandatiasu/about/?ref=page_internal

Vespertinos
https://www.facebook.com/pg/vespertinosbanda/about/?ref=page_internal

https://soundcloud.com/vespertinos

http://vespertinos.bandcamp.com/album/sem-medo-de-ser-sentimental-mudan-a

http://vespertinos.bandcamp.com/album/vespertinos

BH INDEPENDENTE FESTIVAL
http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/12/ilustrada/22.html

BOATE DO DCE
http://coral.ufsm.br/revistatxt/?p=1291

http://dceufsm.blogspot.com.br/p/boate-do-dce.html

https://www.youtube.com/watch?v=4-k4oRw1_Nw

http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-02-01/prefeitura-fechou-boate-do-dce-em-santa-maria-dias-antes-de-incendio-na-kiss

CASA DE CULTURA
http://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/50-casa-de-cultura-de-santa-maria

CENTRO DE ATIVIDADES MÚLTIPLAS – BOMBRIL
https://claudemirpereira.com.br/2016/01/nao-custa-lembrar-a-reforma-do-bombril-o-centro-de-atividades-multiplas-continua-encalacrada/

http://m.diariodesantamaria.com.br/noticias/todas/a4887331

CENTRO DESPORTIVO MUNICIPAL
http://www.santamaria.rs.gov.br/esportes/303-centro-desportivo-municipal-miguel-sevi-viero-ndash-farrezao

CLUBE CAIXEIRAL SANTAMARIENSE
http://clubecaixeiral.blogspot.com.br/

https://santamariafoto.blogspot.com.br/2010/08/construcao-do-clube-caixeral-1923.html

http://www.arazao.com.br/noticia/69485/clube-caixeiral-vive-uma-nova-fase/

CONCHA ACÚSTICA
http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2014/12/concha-acustica-do-parque-itaimbe-vive-de-altos-e-baixos-4658877.html

http://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/2961-concha-acustica-no-parque-itaimbe-vai-ecoar-boas-musicas-neste-domingo-23

ECAD:
http://www.ecad.org.br/pt/o-ecad/quem-somos/Paginas/default.aspx

ENTREAUTORES:
https://www.facebook.com/pg/EntreAutores/about/?ref=page_internal

GLOBAL MUSIC REPORT:
http://www.ifpi.org/downloads/GMR2016.pdf

LEI ANTIFUMO:
http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/11/lei-antifumo-entra-em-vigor-na-semana-que-vem-4651767.html

LEI DE INCENTIVO À CULTURA:
http://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/45-lei-de-incentivo-a-cultura-lic

NAPSTER:
https://www.oficinadanet.com.br/post/13870-historia-do-napster

https://pt.wikipedia.org/wiki/Napster

THEATRO TREZE DE MAIO:
http://www.theatro13maio.com.br/site/historico.php

http://www.theatro13maio.com.br/site/projetos.php

3.2. PROCESSO PARA A REALIZAÇÃO DA REPORTAGEM

Tudo tem início com a proximidade com o tema em questão, e as ideias iniciais iam ao encontro de um livro-reportagem sobre a cena musical da década de 1990, com a mesma intenção humanizadora. Porém, a proximidade com os palcos e músicos, por estar tocando, ter contato com o que ocorre agora, contato com pessoas da década de 1990 que estão ativas até hoje, de pessoas novas que começaram há pouco, mostrou como a década de 2010 tem relevância para a cena cultural de Santa Maria. E não se detém apenas a parte musical, mas em diversas áreas, mesmo que o que se tem do poder público no momento seja tão irrisório.

Com o recorte temporal – 1990 e 2010 – parte-se então para o conceito do trabalho, o que será realmente feito. Durante o processo, discutiu-se sobre o melhor formato, e optou-se pela reportagem, pois assim seria viável tratar de modo apropriado do assunto em questão. Mas, não se sabia exatamente o número de reportagens, como seriam dividias, mas era sabido do que seria tratado na série. E, com isso, tem-se início o processo de apuração para realização das reportagens. O primeiro passo foi entrar em contato com os já conhecidos Renato Molina e Dadá Alves, que confirmaram a hipótese inicial sobre os anos de 1990 e sua movimentação importante para Santa Maria. A partir deles, outros entrevistados começam a ser pautados, sendo ou não sugeridos pelos primeiros.

Procurou-se, ainda na apuração e realização da entrevista, uma abrangência significativa para o tema em questão. Não que fossem necessárias contraposições de ideias, mas se mostrou interessante ouvir diversas vozes sobre a música independente da cidade.

Ao todo, foram feitos 21 contatos, com 18 se propondo ao diálogo possível, em uma conversa mais longa, abrangente e sem rumos tão determinados, que possibilitaram a fluência e a entrevista em maior profundidade, em um encontro pessoal, face a face. Das outras, uma ocorreu via *Skype*, devido à localização da entrevistada no caso (Alana Gomes, que reside em Porto Alegre) e a outra via questionário, respondido por e-mail (Cláudia Rocha) devido à indisponibilidade de tempo da entrevistada. Em ambos os casos as entrevistadas se mostram relevantes para um entendimento maior, dando seu ponto de vista e sua opinião, pois ambas participaram da cena ativamente depois da virada da década de 2010, sendo que Cláudia ainda é ativa com o Macondo Lugar.

As entrevistas presenciais foram realizadas em local escolhido pelo entrevistado, dando assim maior autonomia e quebrando a figura do entrevistador que pode parecer estar acima do entrevistado. Longe disso, buscou-se a igualdade em todo diálogo, mesmo admitindo alguns erros durante a execução das entrevistas. Todas as presenciais foram

gravadas, sendo o smartphone usado como gravador, o que, em certas ocasiões, possibilitou menos inibição do entrevistado – afinal, ali não estava um gravador ou um aparelho estranho ao cotidiano. O problema é que, em muitas vezes, a entrevista seguiu caminhos paralelos ao tema, com respostas que tangenciavam a pergunta, e perguntas que, às vezes, eram contextualizadas demais, comentadas demais... Diretas de menos.

O gravador é recurso utilizado para a exatidão dos dados e para que se tenha a entrevista como método, transcrita por inteiro com as supressões necessárias e buscadas ao mínimo. Com a transcrição se tem a história contada, as falas ditas tal qual, e a percepção do entrevistado de tudo aquilo que foi perguntado. A entrevista semiaberta proporcionou maior conversa, lembrança por parte dos entrevistados, um trabalho de memória e de reflexão em muitas vezes. Foi, certamente, o melhor método para a intenção buscada no trabalho: a humanização nas reportagens.

Ainda, soma-se à entrevista uma pesquisa nos arquivos do jornal local "A Razão", dos anos correspondentes à década de 1990. Assim, de 1990 até 1999 foram vistos todos os jornais disponíveis no acervo físico de A Razão, sendo que a parte realmente consultada foi o segundo caderno – que, ao longo do tempo, foi mudando de nome, tendo edições maiores ou menores, com cadernos extras adicionados, ou vindo apenas como um caderno dois. Optou-se pela pesquisa em determinado caderno, pois como de costume, o que diz respeito a cultura, entretenimento e lazer fica no segundo caderno do jornal impresso – ou, raramente, em um caderno especial.

Além do segundo caderno, também, em algumas vezes, foi necessário averiguar e registrar cadernos especiais, como o "repórter", ou, de forma geral, cadernos de reportagens que falassem de locais públicos da cidade, bandas locais daquela época, ou algo relacionado ao tema música autoral de Santa Maria. Para isso e para todos os registros do segundo caderno, foi utilizada a câmera de um smartphone, e tudo foi feito com o aval dos responsáveis pelo arquivo de A Razão.

Também foi necessário verificar redes sociais e sítios da internet a fim de complementar informações, e tudo está em um link, que elucida os locais de pesquisa complementar para a maior exatidão das reportagens presentes em "À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010". São páginas de bandas, redes sociais, sites específicos, canais em sites de vídeo e música, e enfim, todos os arquivos e formatos que ajudam a compreender as bandas, bares e a complementar tudo relacionado à música independente da cidade nos dois períodos abordados.

A pesquisa no arquivo do jornal é realizada concomitantemente à transcrição de algumas entrevistas – que foram feitas antes – e à realização de algumas outras entrevistas, que foram feitas mais ao final de todo o processo de apuração. Enquanto os dados eram organizados, as entrevistas continuavam a ser transcritas, as reportagens tomam um pontapé inicial. A isso cabe reconhecer que alguns processos e métodos aconselhados para a apuração dos dados referentes à realização da reportagem não ocorreram. Por exemplo, as entrevistas não foram transcritas imediatamente após sua realização, apesar de que eram anotados aspectos do entrevistado, local da entrevista e modo como a mesma aconteceu.

Jorge Duarte (2012) e Paul Thompson (1992) são os que mais aconselham sobre a entrevista como método, e como isso deve funcionar, seus passos para realização, sua pré – realização, o que se deve fazer durante, o que se deve fazer depois, e como devem-se transcrever os relatos obtidos na conversa. Mas, não seguir todos esses passos à risca proporcionou algo interessante: como as reportagens começaram a ser confeccionadas enquanto algumas entrevistas ainda eram transcritas e alguns dados revistos, a memória se transportou para o momento da entrevista, para a notícia vista no jornal, e isso deu inspiração – e respiração – para o texto das entrevistas. Relembrar a conversa feita ouvindo-a novamente é mais inspirador do que apenas rele-la ou ainda ler anotações sobre ela.

Mas, desses dois nomes, muitos passos para a realização da entrevista foram tomados. Duarte (2012) dá os passos para a realização da entrevista, em seu caráter anterior ao encontro com o entrevistado, no momento do encontro e também posterior a isso. Assim, seguiu-se recomendações enquanto a apuração do entrevistado, a pré-confecção de perguntas e também no pós entrevista, como tratar o entrevistado e também como lidar com a entrevista. Optou-se no trabalho pela entrevista semiaberta, onde um questionário é pré-formulado antes do momento de encontro, e traz consigo perguntas que foram pensadas para serem feitas no momento da entrevista. A entrevista seguiu com um diálogo nos moldes apresentados por Cremilda Medina (2008) e Thompson (1992) no que diz respeito ao tratamento com a entrevista, nas percepções de silêncios, pausas, e na pessoa como objeto principal da entrevista, que tem muito o que falar e que, por isso mesmo, deve transcorrer sobre uma determinada pergunta. Os três autores elucidam os caminhos para tornar o encontro, a entrevista, em um diálogo e obter além de informações, o relato vivo de pessoas que estão conectadas à história da música independente local.

Soma-se a tudo a busca por um estilo textual que coloca as pessoas à frente de todo o contexto da reportagem. São elas que contam a história e exemplificam a cena de música independente em Santa Maria nos períodos abordados.

3.3. A CONCEPÇÃO DA SÉRIE DE REPORTAGENS

O produto foi penado como série de reportagens, pois possibilita mais flexibilidade que um livro-reportagem e dá conta de abordar os aspectos elencados como importantes para a criação de um bom material. Antes, é necessário ressaltar que a série objetiva-se em mostrar aspectos da produção musical independente da cidade, tendo o foco nas bandas de Santa Maria da década de 1990 e de 2010, portanto, não se busca um registro completo, uma linha do tempo do que ocorreu nessas décadas, mas sim uma concepção do que ocorreu e ocorre na cidade. Busca-se mostrar a cena, os bares, os espaços públicos, as gravações, os produtos, as bandas, e, fundamentalmente, as pessoas que nisso estão inseridas e que ilustram essa cena da melhor maneira possível para ser contada.

Também se usa a reportagem devido ao seu aprofundamento. Como afirma Furtado (2013) e Nilson Lago (2002) a reportagem foge do padrão do jornalismo diário, sem tempo, que precisa dar o maior número de informação ao maior número possível de pessoas. Também entra nesse ponto a estruturação da pauta da reportagem, como elucidam os dois autores e também Necchi (2013), que deve dar maior visibilidade e profundidade aos desdobramentos de um fato. O fato é a banda tocando, a notícia é que ela tocou ou vai tocar, e o aprofundamento se dá nos desdobramentos disso, vai além da banda, entra em seus integrantes, procura saber sobre as gravações, relações interpessoais, procura saber sobre o local onde a banda irá tocar, em como as pessoas consomem sua música – autoral, independente e local – como o poder público lida com as bandas autorais e com os espaços públicos, que afetam não só essas bandas mas toda a comunidade de Santa Maria.

O formato para a série foi mudando ao longo de sua escrita, de como os dados eram julgados ou não como relevantes, e assim foi-se mudando a concepção de como a reportagem seria organizada. Na realidade, de como todo o grande texto seria organizado para uma melhor leitura, sem que perdesse a ligação entre as reportagens após a divisão de todo o conteúdo. Assim, a série foi dividida em cinco grandes temáticas, cada uma suportando uma reportagem, mas todas conectadas entre si.

Dentro do tema e das datas abordadas, a série foi pensada em divisões temáticas, que abordassem as bandas, os locais onde as bandas tocam, os modos de gravação e produção de materiais, o poder público e tudo que o envolve e também, por último, um relato pessoal do autor que, além do envolvimento jornalístico, tem envolvimento pessoal com o que é abordado nas reportagens. Assim, as cinco reportagens apresentam, em sequência, as bandas e o cenário nas duas épocas; os espaços e casas noturnas direcionados às bandas; os modos de

produção e gravação, bem como os materiais das bandas; o poder público e os espaços públicos da cidade, eventos que aconteciam e acontecem ou deixam de acontecer nesses locais e tudo que está sob custódia do poder público; e por fim os relatos pessoas e as respostas para a pergunta "qual o ponto de partida para a produção musical independente e autoral?", que não fala só da produção em Santa Maria, mas em uma visão geral.

Foram assim divididas formando um grupo de cinco grandes reportagens, que estão dispostas como uma série especial para um caderno de final de semana, bem como podem estar dentro de um dossiê, um conjunto de textos que tem uma grande temática que os une, apesar de abordarem assuntos peculiares em cada momento. Ainda, podem ser um conjunto de reportagens para uma revista de circulação semanal, que, em um mês, traria toda a série ao longo das edições (em uma edição poderia estar presente a reportagem sobre o poder público e os relatos pessoais, por exemplo, devido ao tamanho menor e o texto menos denso da última reportagem). Bem como, em um meio digital, podem aparecer como uma série, com hiperlinks que direcionem para as entrevistas completas com os envolvidos no trabalho, além de outros matérias e direcionamento para as bandas. Uma série de reportagens que não necessitará de cortes, muito pelo contrário, com o espaço infinito proporcionado pela internet e pelos hiperlinks, o texto vira um círculo completo, onde as reportagens se interligam, mesmo que não seja necessário lê-las em ordem "cronológica". Mas, deve-se ressaltar que, para um entendimento completo é aconselhado que as reportagens sejam lidas em sua ordem, como seriam publicadas e direcionariam o leitor à leitura, pois foram assim pensadas: da primeira à última, interligadas, mas não completamente dependentes, por tratarem de assuntos específicos em cada uma.

Com os relatos, dados obtidos, organização da pauta e estratégias para a escrita, a série se conecta e apresenta o resultado de um trabalho de investigação, apuração, conversas, organização e muita escrita sobre a música independente de Santa Maria.

3.3.1. As reportagens individualmente

A série "À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010" está dividida em cinco grandes reportagens, conectadas entre si, mas que falam de forma independente das temáticas abordadas em cada uma.

A primeira reportagem "À sua própria criação" dá nome ao conjunto de textos e aborda as bandas, tendo como objetivo dar uma visão geral do cenário da cidade tanto na

década de 1990 quanto na de 2010. Para isso, os artistas aparecem, as primeiras histórias são contadas, os dados referentes às bandas aparecem, mesmo que de forma não tão aprofundada – o que vem a acontecer nas demais reportagens que seguem a série. É a maior das reportagens, justamente pelo caráter introdutório que caracteriza toda a cena e explica o que virá nas demais reportagens. Aqui é mostrado todo o contexto geral das bandas, o que dá gancho para a próxima reportagem, dada a importância de apresentações para que a banda independente comece a conquistar e chegar a mais públicos, bem como consolidar seu espaço em uma cena local.

A segunda reportagem "O independente na noite da cidade" traz os bares, a história das principais casas atuais de Santa Maria, traz seus fundadores e donos, e mapeia alguns locais do passado, locais de bandas, locais onde as bandas se apresentaram. Nessa reportagem aparecem os clubes, bares e casas noturnas, locais que não estão ligados diretamente ao poder público, e são responsáveis por proporcionar às bandas locais para apresentações ao vivo. É nela que está o gancho para próxima, pois quando se fala de consolidação e de apresentações ao vivo, tem-se que discorrer sobre a importância de bons materiais para a divulgação da banda. a apresentação ao vivo é mostrada como importante, fundamental, mas não cabe somente à ela as estratégias para reconhecimento de uma banda independente.

A terceira reportagem "A linha tênue entre o amador e o independente: profissionalização das bandas e a produção de... produtos" fala sobre os modos de gravação, de produção do produto musical. Fala da atual situação de consumo de música, contextualizada de forma geral a influência da internet para a produção e consumo musical nos tempos atuais. Fala do desenvolvimento da tecnologia e ilustra os modos de gravação pelas próprias bandas, tanto dos anos 90 como da década de 2010. Aqui estão presentes também dados da *IFPI*, a Federação Internacional da Indústria Fonográfica, sobre os consumos de música digital e física atualmente.

A quarta reportagem "O poder público e os espaços sob sua custódia" trata de um tema ainda não abordado nas demais reportagens. Até o momento se tem as bandas, um panorama da cena independente, dos locais para apresentação, dos produtos, da importância da divulgação e do trabalho dos músicos no meio independente. Mas, em todas falta o detalhamento do poder e dos espaços públicos. É aqui que isso aparece, que os eventos de agora e de antigamente estão presentes, bem como os incentivos e entraves propostos pelo Executivo de Santa Maria no que diz respeito à música independente – e, de forma geral, do cenário cultural da cidade. É uma reportagem de relevância que, além de ilustrar e informar

sobre espaços, traz, ao fim, o relato dos entrevistados, tal qual o que eles pensam sobre a atuação do poder público da cidade.

A última reportagem “Os passos incertos para a profissionalização do artista: a experiência pessoal de quem vos escreve” é o que o nome sugere. Por estar atrelado à música e ser ativo na cena independente, o autor do texto relata suas experiências, conta sua visão sobre o que acham da cena independente, as percepções que tem sobre o autoral, sobre os espaços e sobre como é tocar música própria em Santa Maria. Além do relato pessoal, aqui estão presentes as respostas de uma pergunta universal realizada no trabalho. “Qual o ponto de partida pra a produção musical autoral e independente?” ou “Qual o ponto de partida para a produção musical, independente e autoral?”, ou ainda algumas variações na forma como o questionamento foi feito tem a resposta dos entrevistados, também tal qual, registradas nessa reportagem.

Assim, a série se apresenta como unidade, com textos explicativos, elucidativos, contextualizadores, que buscam dar à cena musical independente da cidade um espaço eterno, um registro em reportagem.

3.4. ANÁLISE E REFLEXÃO

De início, forma feitas as entrevistas de checagem, que comprovariam a relevância e abundância do tema. Feito isso, passou-se para o processo de mapeamento de possíveis fontes, de mapeamento do que seria necessário para dar a reportagem tanto o caráter humanizado como os dados e números precisos para uma contextualização mais completa e exata. Um cronograma foi feito, porém não seguido à risca, com muitas entrevistas realizadas tempos depois do planejado, ou ainda não transcritas nos momentos oportunos. Devido à quebra de cronograma, diversas atividades foram realizadas em concomitância, sendo elas a apuração de dados obtidos, a transcrição das entrevistas, a finalização do trabalho teórico e a confecção dos textos da série de reportagens.

Mesmo com os impasses de tempo, a série apresenta relevância por tratar de um tema de interesse para toda uma comunidade, mesmo que em muitos casos isso não seja perceptível. Falar de música independente é falar de políticas públicas, do poder público, da noite na cidade, de pessoas que mudam a movimentação cultural de um local. Registrar isso é dar portfólio eterno para que o tema não seja esquecido, e, pelo contrário, seja motivo de interesse de diversas pessoas.

Alguns erros foram cometidos ao longo de todo o processo. Além da quebra de cronograma, que gerou atrasos e muitas vezes noites mal dormidas, as entrevistas, por buscarem um diálogo aprofundado, às vezes não ocorreram de forma adequada. Algumas entrevistas foram realizadas em locais barulhentos, com circulação de pessoas – pois o entrevistado, em todos os casos, foi quem escolheu o local da entrevista – o que dificultou bastante a audição para a transcrição da conversa. Além disso, ocorreu o problema de tangenciamento do tema da entrevista. Como a entrevista era semiaberta, com perguntas pré-estipuladas, que estavam guardadas na cabeça e não no papel, os entrevistados discorriam sobre o que era questionado, às vezes abrindo parênteses eternos com algo que, de fato, não teria relevância para o trabalho.

Outro fator que tem importância e deve constar: a pesquisa no jornal "A Razão" foi feita após a realização de algumas entrevistas. Ou seja, dados precisos obtidos através das notícias do jornal não foram perguntados com tanta certeza para alguns dos entrevistados, pois esses vieram antes do acesso a tais dados e datas obtidos no arquivo. De todo modo, a série de reportagens existe, e traz a voz das pessoas, os números, dias, ano, CDs, trabalhos lançados e todo tipo de informação que elucida essa cena independente.

"À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010" é um conjunto de cinco reportagens que abordam os principais aspectos desses dois momentos na cidade, com foco em bandas que procuram sua profissionalização, e dá voz àqueles que participam e fazem a cena de musica independente na cidade. É um trabalho que pretende ser útil para o público, pretende valorizar a cena e mostrar quem a faz, dando sua real importância. É o resultado de uma paixão incondicional pela música, de um contato com a cena, de um interesse arrebatador sobre o que a cidade produz, e como ela se expressa musicalmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010” é um grupo de cinco reportagens, resultado fina e produto resultante do trabalho de pesquisa e apuração realizado ao longo dos meses dedicados ao Trabalho de Conclusão de Curso.

É uma série que se justifica como reportagem por abordar aspectos mais profundos do tema em questão. Para isso, apresenta autores que embasaram teoricamente todo o trabalho, antes que esse partisse para a parte prática de fato. Tem-se a teoria sobre o que é reportagem, com autores como Nilson Lage (2002) e Thaís Furtado (2013) que discutem a prática da boa reportagem, os passos para uma reportagem que de fato aprofunde o tema. São esses autores que falam da importância da pauta para uma reportagem, da diferença da pauta noticiosa daquela que busca o aprofundamento e vai além da própria informação. Embasam e justificam a reportagem como interpretativa, um gênero mais livre, de escrita mais fluída e também não tão engessada como a notícia do dia-a-dia.

É aí que a reportagem se justifica enquanto um formato específico, pois, é nela que podem aparecer personagem, histórias longas, relatos, e é ela que contempla os aspectos buscados no trabalho. As reportagens têm como objetivo mostrar aspectos da cena independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010, e justifica-se por ser um material de registro para a cidade, para as pessoas que se interessam ou participam ativamente do cenário da música independente – tanto na cidade quanto fora dela – ou para qualquer curioso que possa vir a se deparar com a música feita em Santa Maria.

Assim, as reportagens são pensadas em caráter humanizado, ou seja, têm-se as décadas de 1990 e 2010 e a música independente como pano de fundo para que as pessoas envolvidas apareçam. É sim o cenário musical independente nessas duas épocas o tema das reportagens, mas são as pessoas que estão pro trás disso que contam suas histórias, percepções e visões, e podem ilustrar melhor o que a série pretende. Para isso, foram realizadas entrevistas presenciais – e algumas à distância ou mesmo em forma de questionário – para trazer os personagens à frente do texto, apresentá-los ao público como participantes da história contada na série.

Ao todo, 19 pessoas foram ouvidas, em um contato presencial, e outras duas tiveram voz a partir de recursos da internet. Foram feitas 18 entrevistas presenciais – em duas ocasiões o mesmo entrevistado estava acompanhado de outra pessoa, que também participou da conversa – que buscaram o diálogo possível, e duas entrevistas que não foram feitas cara à

cara. Na realidade, dessas duas, apenas uma foi realmente uma entrevista, realizada por *Skype* com uma fonte que mora em Porto Alegre. A outra foi respondida como questionário, e, assim, serve mais como fonte de informação do que o possível diálogo. Mas, tem sua importância para a construção da reportagem, por conter um relato – mesmo que breve – de alguém envolvido com a cena musical e uma das principais casas noturnas para a cidade.

Para a realização do diálogo possível foram usados autores que tratam do tema, da entrevista em profundidade, como Medina (2002), Duarte (2012), Necchi (2013), Thompson (1992) com os estudos sobre história oral e Garrett (1974) para uma compreensão maior de entrevista. No trabalho, tem-se a entrevista usada como método de captação para informações jornalísticas e como método de pesquisa. Jornalístico, pois é usado como técnica para a obtenção de informações, prática usada em todo veículo de comunicação desde primórdios do jornalismo em seu formato atual. É usada como método para a pesquisa quando busca a profundidade, quando busca o diálogo, busca a relação mais íntima – apesar de não ter, de fato, intimidade – e valoriza o entrevistado.

É então pensada, estruturada, e usada em moldes de entrevista semiaberta, que propõe uma quantidade de perguntas pré-formuladas, que aparecerão na conversa, sem uma ordem determinada. E, que deixarão a conversa fluir sem maiores interrupções, ou mesmo, sem que se pretenda uma resposta em "sim" ou "não". Em todas as entrevistas presenciais foi utilizado o gravador, pelo smartphone, com o uso consentido pelos entrevistados, que não se importaram em falar com a conversa sendo gravada.

Para além das entrevistas, que trazem os personagens para o ponto central da reportagem, foram necessárias horas de pesquisa no arquivo do jornal local "A Razão" para que se pudesse compreender e obter maiores dados sobre a cena de música independente em Santa Maria na década de 1990. Para a década de 1990 e também de 2010, foi necessária a consulta em páginas da internet, redes sociais e sites especializados em música, a fim de ter dados precisos e informações complementares, que são importantes para uma boa e completa reportagem, mesmo que não sejam o foco principal do trabalho.

Também se torna necessário falar no trabalho sobre música independente, e assim, têm-se conceitos e relatos que elucidam o que é o independente. Não se busca, entretanto, uma discussão longa sobre o assunto no presente trabalho, tendo, então, a música independente um espaço simples que busca justamente compreender as diferenças de uma produção musical independente daquela que está atrelada às grandes corporações da indústria musical. Para tanto, são usados artigos que abordam a temática, falando não apenas da música independente, mas contextualizando-a no cenário musical atual e contando sua história no

cenário de música brasileira – atual e antigamente. Sobre música independente, tem-se um pequeno recurte que deve ser compreendido para que se entenda sobre o que as reportagens estão, de fato, falando.

As reportagens estão organizadas em temáticas específicas, com a primeira relatando e apresentando aspectos e nomes da cena musical nos dois referidos períodos, e chama-se "À sua própria criação". Dá nome à série de reportagens, e de todas, é a mais extensa, justamente por ser a primeira e apresentar um contexto maior. A segunda reportagem aborda a temática dos espaços destinados a apresentações ao vivo, e que não competem ao poder público. Assim, a segunda reportagem da série chama-se "O independente na noite da cidade" e traz consigo nomes e locais importantes para a cena em ambos os períodos. A terceira reportagem "A linha tênue entre o amador e o independente: profissionalização das bandas e a produção de... produtos" fala dos processos de gravação, de músicas, vídeos e demais materiais de bandas independentes, e traz dados do consumo de música em nível mundial atualmente. Tem as bandas como exemplo dos avanços e traz os processos de gravação e os materiais apresentados pelas bandas independentes, bem como a importância de comportamento e investimento para a profissionalização do artista.

A quarta reportagem "O poder público e os espaços sob sua custódia" fala justamente dos agentes públicos, dos incentivos e entraves do poder público de Santa Maria em relação à música independente local. Traz os espaços públicos e suas condições, bem como o relato dos entrevistados ao longo do trabalho. E a série se encerra com "Os passos incertos para a profissionalização do artista: a experiência pessoal de quem vos escreve", quinto e último texto que traz relatos pessoais do autor, que está inserido na cena e, justamente por isso, escolheu essa temática para a realização do trabalho. Além dos relatos pessoais, existe a resposta dos entrevistados para a pergunta "qual o ponto de partida para a produção musical autoral e independente?", que foi feita em todas as entrevistas (presenciais ou não).

Por fim, cabe afirmar que a escolha do formato de grandes reportagens, agrupadas em uma série, abordando temáticas específicas de um mesmo e grande tema, foi a melhor escolha possível. O formato possibilita a humanização dos personagens, bem como possibilita um texto informacional, com conteúdo que ficará registrado para a história da cena de música independente em Santa Maria, bem como possibilita a criação de uma história com personagens, um aprofundamento no tema e um trabalho gratificante por parte de quem o realiza. A humanização no texto é influência de nomes do jornalismo que tem isso como principal característica, nomes como Eliane Brum, Audálio Dantas e Ricardo Kotscho são influências presentes para a escrita do texto.

Não se optou por uma série de perfis, ou ainda um livro-reportagem, ou mesmo uma reportagem literária, devido ao longo tempo que é foco para o texto, abrangendo todos os anos da década de 1990 e os anos transcorridos da década de 2010. A escolha de reportagens possibilita dar foco aos personagens, mas mostrar detalhes e aspectos da cena da melhor maneira possível. Claro, que para isso, é necessário um texto mais flexível, não pesado em forma, apesar de ser denso em conteúdo – afinal, são anos de história resumidos em algumas páginas.

Fica o registro da série de reportagens, que serve como material para todos que tem interesse pelo tema. Para trabalhos futuros, poderia se pensar que seria interessante conversar com mais pessoas, analisar mais dados, mais fontes históricas, e dar um panorama ainda maior da cena independente de Santa Maria, abarcando outros momentos e mesmo detalhando, ainda mais, os períodos já abraçados pela série "À sua própria criação: uma série de reportagens sobre a música independente de Santa Maria nas décadas de 1990 e 2010".

REFERÊNCIAS

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012. P. 63-83.

FURTADO, Thais. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Regis. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 150-160.

GARRETT, Annette. **A entrevista, seus princípios e métodos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LIMA, Mariana M. Barreto. **As *Majors* da Música e o Mercado Fonográfico Nacional**. São Paulo: UNICAMP, 2009. 268 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2008.

NAKANO, Davi. A produção independente e a desverticalização da cadeia produtiva da música. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 17, n. 3, p. 627-638. 2010.

NECCHI, Vitor. Entrevista em revista: a eternização do diálogo e a percepção do mundo traduzida em respostas. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Regis. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 161-175.

VICENTE, Eduardo. **A vez dos independentes(?)**: um olhar sobre a produção musical independente do país. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo: 2006. P.19. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/100/99> Acesso em: 20 agost. 2016

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – DVD+RW: Entrevistas realizadas ao longo da pesquisa. Em áudio as presenciais, escritas as feitas à distância.

ANEXOS

ANEXO A – DVD+RW: Fotos do arquivo do jornal A Razão